

MERIDIANO DE SANGUE

A regeneração através
da violência na fronteira
Oeste dos EUA

MIKAEL DE SOUZA FROTA

MERIDIANO DE SANGUE:
A REGENERAÇÃO ATRAVÉS DA VIOLÊNCIA
NA FRONTEIRA OESTE DOS EUA

MIKAEL DE SOUZA FROTA

**MERIDIANO DE SANGUE:
A REGENERAÇÃO ATRAVÉS DA VIOLÊNCIA
NA FRONTEIRA OESTE DOS EUA**


Pedro & João
editores

Copyright © Mikael de Souza Frota

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Mikael de Souza Frota

Meridiano de sangue: a regeneração através da violência na fronteira Oeste dos EUA. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 191p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1064-3 [Impresso]

978-65-265-1065-0 [Digital]

1. Cormac McCarthy. 2. Leituras. 3. Estudos literários. 4. Literatura norte americana. I. Título.

CDD – 370/800

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Para Danielle Sanches, meu lindo e maravilhoso amor.
Para minha avó Ana (*in memoriam*), saudades eternas.

Puseram-se em marcha sob a aurora escarlate em que céu e terra se encontravam em um plano fendido a lâmina. Por toda parte esses augúrios da mão do homem antes que o homem ou qualquer coisa viva existisse.

...

Daquele redemoinho nenhuma voz emergia e o peregrino caído com seus ossos quebrados podia gritar e em sua agonia se enfurecer, mas fúria contra o quê? E se a casca seca e enegrecida dele for encontrada entre as areias por viajantes do porvir quem poderá adivinhar o instrumento de sua aniquilação?

...

O homem morto tombara em um leito arenoso. Estava nu exceto pelas botas de pele e as folgadas calças mexicanas. Glanton o virou com sua bota. O rosto pintado surgiu.

...

Aquela gente já vira americanos aos montes, comboios e mais comboios empoeirados se arrastando havia meses longe de sua própria terra, semienlouquecidos com a enormidade de sua própria presença naquela vastidão imensa e saciada de sangue, usurpando farinha e carne ou entregando-se a um gosto latente pelo estupro entre as garotas de olhos cor de ameixa daquela terra.

...

Mejor los índios.

Cormac McCarthy – *Meridiano de sangue*

APRESENTAÇÃO

Parece óbvio afirmar que todo livro possui uma história. No entanto, gostaria de refletir brevemente sobre o conceito de história que abrange um livro. Início a minha reflexão com a história que constitui a obra, isto é, o seu conteúdo ou enredo. Não poderia esquecer também os seus elementos, como personagens, espaços, narradores, temas e, tão pouco esquecer, a sua ordem de acontecimentos, se pensarmos na organização de um romance.

Continuo a minha reflexão com a história em torno do autor, quero dizer o seu contexto sócio-histórico e ideológico. Ressalto ainda as inquietações contemporâneas ou não ao escritor que direcionam e, ousado escrever, inspiram no desenvolvimento do seu processo criativo, seja ele fictício ou não.

Acredito, tendo em vista a breve reflexão acima, que uma leitura não pode ser feita de forma desprezível. O leitor precisa observar as histórias que contemplam o livro, e aqui pluralizo a palavra-chave da reflexão, para buscar entender a mensagem que o autor quer transmitir dentro deste processo comunicativo.

A metodologia utilizada pelo leitor para explorar as histórias do livro analisado deve ser empregada de acordo com o tipo de pesquisa/leitura desenvolvida. Não me refiro apenas a pesquisa acadêmica, mas qualquer fonte confiável que auxiliará a explorar não apenas o que está escrito nas entrelinhas, mas todo o contexto que contribui para a composição da obra, pensando no amadurecimento do leitor e na sua formação ativa de leitura.

Não quero dizer que este livro é um romance. Ao contrário, *Leituras de Cormac McCarthy: Meridiano de Sangue e a regeneração da fronteira Oeste dos Estados Unidos* é um livro crítico sobre o escritor estadunidense Cormac McCarthy e o seu *Meridiano de Sangue*, cuja composição relacionou todos os elementos que constituem as histórias, emprestando novamente o termo da reflexão, de um livro. Gostaria de acrescentar também que este livro é resultado da

minha pesquisa de mestrado, desenvolvida na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), entre os anos de 2018-2020.

Três anos se passaram desde a defesa da dissertação e, da mesma forma que a maioria dos escritores, eu também estive inserido em um determinado contexto sócio-histórico e ideológico durante os processos de pesquisa e de escrita, os quais julgo pertinentes ao leitor conhecerem.

A fronteira entre Estados Unidos e México sempre foi um ponto de encontro entre os povos das Américas. Antes da anexação do Texas e dos territórios a sudoeste dos Estados Unidos ao país, a região era também um ponto de encontro e - importante destacar - de transição entre pessoas de diferentes procedências. O livre acesso às áreas que compõem os Estados Unidos que conhecemos hoje, principalmente na região de fronteira, sempre foi visto como um problema pelas autoridades do país. Durante o século XIX, recorte histórico deste livro e do romance de Cormac McCarthy analisado, a “solução” para o problema foi fazer uma limpeza étnica na região, em prol de um discurso imperialista e de superioridade racial.

Há seis anos, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, “solucionava” o problema da fronteira com a assinatura do decreto 13767, intitulado *Border Security and Immigration Enforcement Improvements*, autorizando a construção de um muro na mesma região de fronteira chamado *Trump Wall* e alegando proteção ao seu país de uma invasão de criminosos. Pouco tempo depois, em 2018, o mundo foi surpreendido com a notícia de que as pessoas/famílias presas ao tentarem atravessar a fronteira estavam sendo colocadas dentro de jaulas, onde as crianças eram separadas dos pais.

É possível notar na história dos Estados Unidos diferentes discursos pregando sempre uma ideologia de grandeza e de superioridade sobre outros povos. Basicamente, o pensamento é se isolar para excluir. Durante o século XIX, os estadunidenses popularizaram o discurso do *Manifest Destiny* para criar e concretizar uma ideia de identidade nacional e grandeza mítica da

região Oeste do país, com grandes feitos do homem de fronteira e deixando à margem da sua história outros elementos pertencentes à mesma fronteira e que contribuíram para o seu desenvolvimento. Durante o mandato de Donald Trump, e um dos contextos da pesquisa e da escrita deste livro, os estadunidenses estavam vivendo a ironia do *Make America Great Again*. Ironia porque, ainda hoje, questiono sobre para quem ele queria tornar os Estados Unidos grande novamente. Seria apenas para os grupos *WASPs* e/ou para os grandes empresários?

O discurso populista, com base conservadora na extrema direita, também chegou ao poder no Brasil. O período marcado como bolsonarismo perdurou de 2019 até 2022. Os brasileiros vivenciaram as manifestações fascistas, sob o slogan: Deus, pátria e família. Do ponto de vista histórico e social, houve um retrocesso no país. O mais assustador era quando eu lia as fontes historiográficas da dissertação, que mencionavam as políticas de violência nos Estados Unidos no século XIX para impulsionar o conhecido *Far West*, e comparava com as políticas adotadas pelo então governo brasileiro em pleno século XXI. Não quero justificar o uso da violência como ferramenta política de extermínio, por conta do lapso temporal entre Brasil e Estados Unidos. No entanto, o genocídio indígena, a destruição ambiental, o apoio a garimpos ilegais, a intolerância racial, a misoginia, a negação da ciência, etc, que ocorreu nos Estados Unidos do século XIX, e posteriormente também no mandato de Trump, estavam acontecendo no Brasil dois séculos mais tarde.

Foi diante da postura conservadora que os Estados Unidos e o Brasil adotaram como ideologia e política, que os textos de *Leituras de Cormac McCarthy: Meridiano de Sangue e a regeneração da fronteira Oeste dos Estados Unidos* foram escritos. Foi também o momento que aprofundei os estudos na literatura produzida por Cormac McCarthy e a crítica especializada às obras deste escritor. Compreendi o que os estudiosos e a imprensa estadunidense afirmavam sobre ele ser um dos maiores escritores da literatura norte-americana, principalmente ao constatar histórias

revisionistas nos seus romances de características *westerners* e *southerners*, cujas temáticas são caras à literatura produzida nos Estados Unidos.

É possível reconhecer a grandeza e a importância de Cormac McCarthy para a literatura dos Estados Unidos, quando nos deparamos com um romance como *Meridiano de Sangue*. Do ponto de vista literário, ele problematiza o que James Fenimore Cooper, Nathaniel Hawthorne, Herman Melville, Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, Walt Whitman e Robert Frost entendiam como grandeza para impulsionar não somente a literatura estadunidense, mas a nação também. O homem que transcende o tempo e o espaço, com atos heróicos de bravura e de conquista, é colocado em questão como um homem violento e usurpador. Cormac McCarthy, por meio da sua literatura, nos mostra que o território dos Estados Unidos não é o paraíso edênico almejado pelos colonizadores ou ficcionalizado pelos escritores antecessores a ele. Ao contrário, é um espaço que molda as suas personagens e as corrompem em suas atitudes.

Eu não seria ingênuo de questionar a qualidade literária e a importância dos autores supracitados para a literatura mundial. O meu intuito é fazer o leitor refletir que histórias precisavam ser registradas e ficcionalizadas de acordo com o seu contexto de época. Cormac McCarthy, e ainda considerando *Meridiano de Sangue*, do ponto de vista histórico acompanhava o movimento de revisão historiográfica que estava acontecendo nos Estados Unidos na mesma década em que escreveu o seu livro. Então, novas histórias sobre o Oeste estavam sendo consideradas, pesquisadas, publicadas e ficcionalizadas.

As histórias que contornam um livro são diversas. Igualmente são as contribuições recebidas pelo escritor manifestadas de diferentes formas, pois uma obra não se constitui sozinha. Como mencionei, este livro é fruto de uma pesquisa acadêmica. Assim, não posso terminar a apresentação sem fazer alguns agradecimentos.

A gênese do projeto que culminou em *Leituras de Cormac McCarthy: Meridiano de Sangue e a regeneração da fronteira Oeste dos Estados Unidos* começou em conversas com o professor Dr. Adolfo José de Souza André, da Universidade Estadual de Goiás (UEG). O professor Adolfo é uma das principais referências nos estudos sobre Cormac McCarthy, por conta do seu pioneirismo em pesquisas desenvolvidas e publicadas sobre o autor no Brasil. A propósito, foi o professor Adolfo que me apresentou a literatura de Cormac McCarthy e me ajudou, nos momentos de ansiedade e inquietude, com sugestões, indagações e contribuições que conduziram o desenvolvimento deste livro em todos os seus aspectos.

Quando este livro ainda era um pré-projeto de mestrado, o professor Dr. Lajosy Silva, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), confiou na minha proposta e aceitou ser o orientador da pesquisa. Suas orientações perpassavam o compartilhamento do seu extenso conhecimento intelectual e científico. Um grande professor e principal referência nas literaturas de língua inglesa no estado do Amazonas.

Durante a jornada acadêmica, tive o privilégio de ter sido aluno da professora Dra. Nícia Petreceli Zucolo na disciplina de Teoria da Literatura. As discussões teóricas e as análises literárias feitas em sala de aula tiveram importância significativa no modo como abordei a obra de Cormac McCarthy posteriormente. A professora Nícia também contribui com importantes observações na parte literária deste livro.

Os três professores e pesquisadores referenciados participaram das bancas de qualificação e de defesa do trabalho que desenvolvi. Aqui registro os meus sinceros agradecimentos pela avaliação realizada e pela participação em um projeto que está contribuindo para a divulgação da literatura e de pesquisas relacionadas a Cormac McCarthy no Brasil.

Por fim, *Leituras de Cormac McCarthy: Meridiano de Sangue e a regeneração da fronteira Oeste dos Estados Unidos* é uma forma de celebrar e homenagear a vida deste importante autor. Em 2020,

quando finalizei o texto da dissertação, eu havia agradecido por Cormac McCarthy ter escrito *Meridiano de Sangue* ou *O rubor crepuscular no Oeste* e todas as suas obras de cunho revisionista. Hoje, estendo os meus agradecimentos a quem devo o meu infinito apreço pela literatura estadunidense e a quem colaborou com uma mudança significativa na minha vida. Cormac McCarthy será para sempre um dos meus escritores favoritos de todos os tempos.

Mikael de Souza Frota

SUMÁRIO

19	PREFÁCIO
25	INTRODUÇÃO
33	CAPÍTULO I
	A LITERATURA DE CORMAC MCCARTHY
33	1.1. A trajetória de uma lenda: apresentação do autor
37	1.2. Um apanhado da literatura de Cormac McCarthy
42	1.3. Em marcha para o Oeste: <i>apresentação de Meridiano de Sangue ou O Rubor Crepuscular no Oeste</i>
55	1.4. Descritivo e impactante: estilo e escrita de Cormac McCarthy
75	CAPÍTULO II
	A REGENERAÇÃO ATRAVÉS DA VIOLÊNCIA: A PESQUISA HISTORIOGRÁFICA NO ROMANCE
75	2.1. Em direção ao Oeste: a invasão da região no século XIX
111	2.2. A fronteira estadunidense: da definição clássica à moderna
147	CAPÍTULO III
	O QUE ACONTECEU COM O OESTE? O TOPOCÍDIO DO WILDERNESS E O ESPAÇO POLÍTICO EM MERIDIANO DE SANGUE
147	3.1. A violência contra a natureza: o topocídio do <i>wilderness</i>
170	3.2. A violência como ferramenta política: a domesticação espacial no romance
181	CONSIDERAÇÕES FINAIS
187	REFERÊNCIAS

PREFÁCIO

O fascínio despertado pela expansão de fronteiras é um tema que desperta as mais diversas leituras e posicionamentos. Há a visão tradicional pautada pelo colonizador que a tudo vê e deseja conquistar, quando a justificativa da expansão está no direito do *nós* sobre *eles*, pois o último representa apenas um obstáculo para o progresso e a civilização. Por muito tempo, essa visão tradicional foi a preponderante na cultura estadunidense, uma vez que a gênese da criação do Oeste Americano (o *Go West*) é concebida pela visão do desbravador, do colono, enquanto os povos nativos, os indígenas e de origem hispânica são mero empecilho para o crescimento de uma nação.

Vejamos o que acontece com a popularidade dos famosos filmes de faroeste, os *westerners*, nas primeiras décadas do século XX. A imagem emblemática do herói desbravador interpretada por John Wayne e Gary Cooper, atores que representavam o ideal do homem branco e detentor do direito de subjugar este Oeste e derrotar o inimigo que impedisse essa façanha. Por promover esse aspecto do mocinho *versus* bandido, pode ser que muitas crianças influenciadas por filmes e séries tenham prolongado essa dinâmica de ver o Oeste como um lugar em que *o outro* (no caso, indígena e povos mexicanos) é sempre o inimigo, enquanto o cowboy passou a ser o ideal de um herói e representação do estadunidense deste período.

Eis que as últimas décadas do século XX começam a rever essa visão das fronteiras, uma vez que historiadores, sociólogos e antropólogos apontam as contradições dessa América. Não é possível ver esses filmes do passado – dos atores já citados – como representação única dessa expansão na arte, quando a limpeza étnica e o genocídio dos primeiros povos eram justificáveis em função dessa visão de um Oeste que deve ser entregue a alguém mais merecedor, o homem branco, cuja superioridade racial ainda

é defendida até hoje em discursos mais conservadores como da extrema direita estadunidense.

Ao longo do século XIX, a marcha para o oeste promovia uma expansão territorial da nação, pois esse Oeste era visto no período como o *wilderness*, a região selvagem, sem levar em conta os pontos que já a habitavam, passíveis de eliminação. Havia no cerne dessa ocupação a ideia de que os colonizadores eram um povo escolhido por Deus, a partir do *Destino Manifesto*, o que justificaria as violências orquestradas contra os nativos dessas regiões.

Em 1862, o presidente Abraham Lincoln decretava o *Homestead Act*, a Lei do Povoamento, que oferecia lotes de terras mais baratas no Oeste para que os colonos habitassem e cultivassem por (pelo menos) cinco anos. Antes mesmo do colono chegar, é interessante observar, as terras já eram desapropriadas dos seus donos seculares para serem ofertadas a outras pessoas, sendo qualquer insurgência desses povos punida com o seu extermínio.

A região do Texas, por exemplo, pertencia aos mexicanos após a independência do seu país em 1821. Houve a permissão de colonos americanos nessas terras que passaram a enfrentar autoridades mexicanas. Embora o México tenha vencido as primeiras batalhas, o governo estadunidense acabou por organizar um exército para promover a independência do Texas e anexar o Estado aos seus domínios.

Além disso, leis foram criadas para expulsar os povos nativos das suas terras para que elas fossem utilizadas pela agricultura, criando um evento chamado de *Trail of Tears* (Trilha das Lágrimas), quando diferentes povos foram obrigados a marchar por inúmeros quilômetros, com a estimativa de que milhares teriam morrido durante o percurso entre 1830 e 1850.

O que a literatura de Cormac McCarthy faz com tudo isso? A princípio, descreve o sul e o oeste estadunidense a partir de símbolos e temas que ultrapassam a descrição detalhada, por vezes, chocante da violência praticada neste processo de expansão. Acaba por criar personagens de complexa psicologia, pautados por sentimentos de ansiedade ao propor um cenário que mais se

aproxima de uma distopia, apesar da esperança em conquistar o Oeste. Há esse mundo real descrito sem economia de palavras em contraste com o mundo ideal das personagens que, mesmo diante de um cenário inóspito, querem acreditar que podem vencer uma luta que, no final das contas, pode não ter vencedores.

Dessa forma, o trabalho de Mikael de Souza Frota é mostrar como *Meridiano de Sangue* (1985) descreve o questionamento dessa colonização exercida como limpeza étnica, uma vez que, segundo a *Tese da Fronteira*, de Frederick Jackson Turner, havia uma América sem dono no Oeste que precisava ser desbravado e conquistado, o que justificaria a barbárie praticada contra os povos indígenas, os mexicanos e demais elementos que habitavam a região. De acordo com a tese, essa terra seria inóspita, perigosa e livre de habitantes civilizados, pronta para ser conquistada.

Como já mencionado, os verdadeiros invasores, os anglo-saxônicos, acreditavam terem sido escolhidos por Deus para conquistar essa terra ao desconsiderar qualquer povo que, por ventura, já habitasse este “Oeste Selvagem”, elemento que Cormac McCarthy desconstrói em sua narrativa. Essa visão do Oeste é desromantizada e desprovida de heróis, ainda mais no sentido tradicional proposto pelos faroestes hollywoodianos, quando o cowboy, o homem branco por excelência, pode ser tão cruel e desumano quanto ao “selvagem” que acredita subjugar e destruir com floreios sentimentais e patrióticos.

Para isso, Mikael de Souza Frota precisa de um referencial importante para questionar a visão de Turner que, por anos, tornou-se quase a oficial para edulcorar o genocídio indígena e de povos hispânicos na invasão do Oeste. Essa referência advém do minucioso trabalho de Patricia Nelson Limerick, definida como *New Western History*, quando a pesquisadora procura rever conceitos como fronteira e o que seria esse Velho Oeste Inóspito.

Patricia Nelson Limerick expõe a ausência de outros grupos étnicos na composição desse mosaico do Oeste, uma vez que prevalecem os WASPs (White, Anglo-Saxon Protestants) descritos como grupos de ascendência britânica, detentores do poder

econômico e político no período. Em *The Legacy of Conquest*, por exemplo, ela descreve o racismo e esse nacionalismo exacerbado que tornam os demais povos que habitavam o Oeste como simplesmente o Outro, o que precisa ser dominado e, por fim, exterminado, porque os donos reais dessa nova terra estavam por vir.

Segundo a autora, o Oeste não é simplesmente um processo (o ato de colonizar e desbravar), mas um lugar único, porque não haveria um Velho (selvagem e incivilizado) e Novo (conquistado e civilizado) Oeste. Em outras palavras, quem iria estabelecer a noção de *fronteira* seria o anglo-saxônico que, na verdade, viria destruir uma relação já existente entre os nativos e a Natureza, que não seria vista apenas como selvagem e desconhecida.

Como bem observa o autor deste livro, a narrativa de Cormac McCarthy é uma leitura sucinta e crua, permeada por uma sensibilidade no uso da linguagem que vai além do revisionismo histórico. Não é apenas uma tese a ser quebrada (a visão de Turner), mas compreender o impacto dessa colonização na própria constituição identitária desse homem moderno que se vê sem saída em obras posteriores de McCarthy como *Onde os Fracos não tem vez* (2005) e *A Estrada* (2006).

Prof. Dr. Lajosy Silva

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

INTRODUÇÃO

Cormac McCarthy foi um grande escritor, dramaturgo e roteirista, cujas contribuições para a literatura dos Estados Unidos renderam para o autor uma gama de prêmios e reconhecimento dentro do círculo literário do seu país. O estilo de escrita de McCarthy é descritivo, ao detalhar em suas obras os espaços, as personagens e as suas ações através de uma linguagem vívida. É frequente deparar-se nos romances do autor com a temática da violência, associada a outros elementos encontráveis no seu acervo de livros publicados.

Os estudos sobre Cormac McCarthy, no Brasil, ainda são bastante incipientes, apesar de haver uma fortuna crítica de estudos consagrados sobre o autor e suas obras nos Estados Unidos. Em pesquisas realizadas em banco de teses de algumas universidades brasileiras e pelo *Google Scholar* (Google Acadêmico), pouquíssimas referências são possíveis de serem encontradas. Na primeira pesquisa ao Google usando o nome “Cormac McCarthy” foi encontrado o nome do autor associado aos sites das instituições que fomentaram bolsas de estudos para ele desenvolver suas pesquisas (*Santa Fe Institute e MacArthur Foundation*). Em uma segunda tentativa, agora no *Google Scholar*, verificou-se uma dissertação e uma tese dedicadas exclusivamente à obra do autor. São elas em ordem supracitada: *Apocalypse now and forever: figurações do presente em The Road e O espaço da melancolia na Trilogia da fronteira, de Cormac McCarthy*. Prosseguindo com a pesquisa, foram encontradas outras duas teses, porém de modo comparativo com outras obras e outros autores. São elas: *The Style of our Age: estudo sobre três romances americanos* e *A formação da identidade americana, pontos e contrapontos entre Macunaíma e Meridiano de sangue*. Adiciona-se mais quatorze artigos publicados sobre as obras do autor entre periódicos e capítulos de livros. Ainda, não há um livro crítico sobre o autor publicado no Brasil. Dessa forma, o interesse pela riquíssima literatura de McCarthy, aliado a

necessidade do aumento progressivo de estudo sobre o autor no Brasil, consagrado também no mundo, principalmente pelos seus romances *westerns*, encorajou a organização e a escrita deste livro, com o objetivo de ampliar as propostas de estudos ficcionalizadas por Cormac McCarthy.

Meridiano de Sangue, que será objeto de análise deste livro, é a marcha da personagem kid pela região Oeste dos Estados Unidos, iniciando-se no antigo vilarejo de Nacogdoches, localizado no meridiano 99 e identificado, pelo historiador Frederick Jackson Turner, como a fronteira entre a civilização e o mundo selvagem do Oeste, o “Meridiano de Sangue” do título da obra de McCarthy. O chamado processo de colonização, que propunha civilizar o Oeste, se mostrou como um verdadeiro e massivo ataque violento às populações que habitavam o deserto, chegando à beira da, praticamente, extinção de etnias, como a tribo comanche. O processo de criação dos Estados Unidos, na porção Oeste do país, conforme o livro *Meridiano de Sangue*, foi um processo constante de violência e extermínio. O aspecto central está na análise da participação dos mercenários, em sua maioria anglo-saxônicos, no processo “civilizatório” do Oeste, marcado pela constante violência. A civilização que se estende promovendo a barbárie, povos que se destroem mutuamente.

Com a leitura de *Meridiano de Sangue*, surgiu o questionamento sobre a forma de colonização praticada, principalmente pelos brancos em direção ao Oeste estadunidense (em especial pelo grupo de mercenários que era contratado pelos governantes das cidades por onde passavam para fazer limpeza étnica), promovendo a barbárie e a selvageria de forma desordenada. O processo de domesticação da fronteira entre Estados Unidos e México, por meio de *Meridiano de Sangue*, contradiz, completamente, a *Frontier Thesis* (Tese da Fronteira) e o mito do Oeste estabelecidos por Frederick Jackson Turner.

A *Tese da Fronteira* foi a promoção da formação da identidade nacional dos Estados Unidos em diferentes estágios e momentos da história do país através do individualismo, da democracia e do

nacionalismo. Na tese, Turner também acentua que grande parte da história dos Estados Unidos se deve a colonização da região Oeste do país, pois o Oeste era um terra sem dono, livre e pronta para ser domesticada pelos colonizadores europeus, na sua maioria anglo-saxônicos, uma vez que a natureza da região era considerada inóspita e perigosa, sob o ponto de vista dos seus invasores estrangeiros que, na tese, foram os responsáveis por levarem a civilização para o lado Oeste dos Estados Unidos. O fluxo migratório advindo do Leste, a partir do século XVII, e intensificado no século XIX, representa a fronteira não estática de Frederick Jackson Turner e esta foi se reinventando de acordo com os diferentes tipos de viajantes que dela faziam parte. Assim, a fronteira para Turner foi a principal forma de “americanização” da nação estadunidense e o ponto de encontro entre mundo civilizado e selvagem, que se estendeu pelo país propagando a destruição da natureza e a violência contra os povos mexicanos e indígenas.

O processo de expansão territorial dos Estados Unidos, principalmente na porção Oeste do país, foi impulsionado pela “democracia” e doutrina do *Manifest Destiny* (*Destino Manifesto*). O manifesto foi a crença de que o colonizador anglo-saxônico acreditava que sua raça fora escolhida por Deus para habitar as terras da América do Norte. A “nova” área encontrada era a terra prometida e esse “novo” homem era o responsável por dominá-la e civilizá-la, para assim criar o novo paraíso na terra. A convicção deste homem anglo-saxônico protestante branco, em um manifesto de divindade, criou uma predominância da ideia de superioridade e supremacia racial branca, e que os indígenas, negros ou quaisquer outros povos deveriam ser subordinados a eles. O tom discriminatório, excludente e racista do *Destino Manifesto* ficou evidente com a lei de remoção indígena, que ficou mais violenta durante o mandato do antigo presidente dos Estados Unidos, Andrew Jackson e com a guerra territorial entre Estados Unidos e México, o que culminou na anexação do Texas àquele. Assim, a missão regenerativa proposta pelo *Destino Manifesto* contribuiu para uma democracia sustentada pela violência e por um projeto

político nacional ganancioso e egoísta, que custou a vida de milhares de nativos que viram suas terras sendo usurpadas ao longo da história.

Percebendo o problema entre o objeto de análise em questão e as teorias conservadoras de Turner, embasadas no *Destino Manifesto*, utilizadas durante décadas para vender uma ideia de democracia baseada na violência e interesses políticos relacionados à expansão territorial em direção ao Oeste, buscou-se pesquisar alguma corrente de estudos que fornecesse uma visão diferenciada, alternativa do passado, no que se refere às terras do Oeste, e dialogasse com a obra de Cormac McCarthy. Foi através deste estudo que encontramos a teórica Patricia Nelson Limerick e a sua proposta revisionista da tese da fronteira de Turner intitulada como *New Western History* (Nova História do Oeste). Dentro dessa (já não tão) nova corrente de estudos, constatou-se um vasto campo de possibilidades para pesquisas dentro das temáticas propostas na literatura estadunidense. Evidencia-se que para a compreensão da proposta deste trabalho de mestrado, foi preciso fazer uma discussão teórica sobre termos fundamentais que deram dimensão do problema a ser analisado e da perspectiva a ser contemplada. Os termos analisados foram: “fronteira”, “Oeste”, “civilização” e “wilderness”.

Sobre a *New Western History*, essa corrente contemporânea de estudos emergiu na década de 1980 com o intuito de superar a visão conservadora e discriminatória de Frederick Jackson Turner, ao inserir elementos que foram desgarrados da história oficial no campo dos estudos *westerns*, tais como indígenas, mestiços, mulheres, negros e a natureza da região.

Este livro será a análise da omissão da história oficial em relação a violência praticada no chamado “processo civilizatório” de expansão da fronteira Oeste dos Estados Unidos através do romance *Meridiano de Sangue*, bem como analisar o conjunto de palavras que são recorrentes nos estudos *westerns* e apontar como o autor apresentou a violência através das personagens da obra. O trabalho desenvolvido aqui estabelece contato entre duas

principais correntes teóricas: as teorias conservadoras de Frederick Jackson Turner e as teorias de Patricia Nelson Limerick.

Para que a pesquisa tenha prosseguimento, delimitou-se os vários métodos existentes aos métodos de abordagem, com o intuito de contrastar as duas correntes teóricas e fazer valer as ideias propostas por Limerick. Para isso, o método dialético tornar-se-á eficaz na hora da análise, pois esta partirá da tese de Turner, tida como verdadeira. Logo, a tese será revisada pelas teorias de Limerick e a *New Western History*, ou seja, uma antítese que negará a tese apresentada. O resultado do confronto de ideias entre as duas correntes teóricas, tese e antítese, vai gerar uma síntese, ou seja, uma nova tese: de que a região Oeste dos Estados Unidos é um lugar multiétnico e que foi moldado a base de violência por parte dos seus colonizadores, omitidas pela historiografia oficial do país. Assim, com a tese pensada a partir dos resultados obtidos nos estudos das duas correntes teóricas, a análise possibilitará, tendo em vista *Meridiano de Sangue*, uma nova visão sobre o processo de “domesticação” da fronteira do Oeste dos Estados Unidos e das temáticas pertencentes aos estudos da literatura *western*.

Portanto, no capítulo um, apresenta-se os primeiros dados que contribuirão para a expansão dos estudos literários sobre Cormac McCarthy no Brasil, ao apresentar o autor e fazer um apanhado de sua literatura. Em um subcapítulo, a obra *Meridiano de Sangue ou O rubor crepuscular no Oeste* será apresentada, com a finalidade de proporcionar o conhecimento ao leitor em relação ao romance e pontuar os principais aspectos que serão analisados no decorrer do livro. Além disso, há uma discussão crítica e teórica sobre o estilo e a escrita de Cormac McCarthy. Para isso, resgatou-se discussões teóricas sobre teoria narratológica de foco narrativo e de descrição e citou-se um conjunto de autores que discutem sobre o assunto, com a intenção de compreender o processo de escrita de McCarthy, tendo em vista o romance *Meridiano de Sangue*.

O segundo capítulo é dedicado à pesquisa historiográfica do romance. No primeiro subcapítulo, a investigação inicia-se com a análise da invasão do Oeste no século XIX, com o objetivo de

mostrar a forma como a historiografia está processada no romance *Meridiano de Sangue* e as primeiras impressões do Oeste e os atos de violência das personagens de Cormac McCarthy na região. No subcapítulo seguinte, procura-se definir os dois termos em inglês para a palavra “fronteira” e a análise prossegue, sob o ponto de vista estadunidense, do que é a fronteira, tanto no imaginário e na história, quanto na geografia dos Estados Unidos comparando a *Tese da Fronteira* de Frederick Jackson Turner, com tese revisionista de Patricia Nelson Limerick e os novos estudos sobre a fronteira e o Oeste com a *New Western History*. Complementa-se a discussão histórica sobre o Oeste e a fronteira com a representação e a análise pictográfica do quadro de John Gast, intitulado *American Progress* (1872).

No terceiro capítulo deste trabalho, a temática da violência voltada para a natureza é objeto de análise, através da relação topocídica entre as personagens do romance de McCarthy e o *wilderness* do Oeste estadunidense. Por fim, o espaço no romance é analisado, completando as categorias de análises planejadas para o terceiro capítulo. Aqui, nota-se a “domesticação” e a construção espacial sob um viés político, uma vez que foi constatado nos estudos realizados o uso da violência como ferramenta política para ter o domínio e a organização social sobre outros povos. O objetivo de ideal político é perceptível em *Meridiano de Sangue*, através das falas e das atitudes das personagens saxônicas. Uma segunda interpretação pictográfica, agora do colonizador destruindo a natureza, será feita por meio do quadro de George Caleb Bingham, nomeado *Daniel Boone Escoting Settlers through the Cumberland Gap* (1852).

Mapas servirão de ilustrações para auxiliarem na interpretação e na análise da discussão histórica sobre a remoção indígena e a fronteira imaginária de Turner no meridiano 99, bem como os trajetos feitos pelos mercenários da *Glanton Gang* pelo deserto estadunidense e mexicano no romance de McCarthy.

Será utilizado o substantivo próprio “Estados Unidos” para referência ao país e não “América”, como foi possível observar na

maioria dos livros teóricos ao fazerem menção a esta nação, pois “América” é o continente que vai do Alasca e se estende até o Uruguai. Em relação ao povo nascido nos Estados Unidos, será usado o adjetivo “estadunidense”, ao invés de “americanos” ou “norte-americanos” para não reproduzir o discurso do colonizador e por não reconhecer os Estados Unidos como América e seu povo como os únicos americanos no continente.

Enfim, uma consideração e uma pontuação precisam ser feitas. Neste livro há longas citações e referências no texto, principalmente nos trechos de *Meridiano de Sangue*. Um dos recursos narrativos utilizados e aqui analisados na literatura de Cormac McCarthy é a descrição. Dessa forma, esta escolha parte pela perspectiva de interferir o mínimo em algumas citações para que o leitor também tenha condições de dialogar e interpretar os trechos considerados fundamentais para este livro e para as análises realizadas.

CAPÍTULO I
A LITERATURA DE
CORMAC McCARTHY

1.1. A trajetória de uma lenda: apresentação do autor

Cormac McCarthy é um dos autores estadunidenses com grande prestígio na área de letras dos Estados Unidos e reconhecido mundialmente por seus trabalhos, tendo assim uma série de estudos consagrados sobre ele no seu país. Diante da construção de uma fortuna crítica sobre o autor no Brasil, este subcapítulo será dedicado à apresentação deste notável e importante escritor.

Originalmente batizado como Charles Joseph McCarthy Jr. e filho de Joseph McCarthy e Gladys Christina McGrail McCarthy, o autor teve seu nome alterado para “Cormac” devido a sua origem irlandesa, pois na língua gaélica “Cormac” seria o equivalente a “filho de Charles”. Assim, Cormac McCarthy nasceu em Providence, Rhode Island, Estados Unidos, no dia 20 de julho de 1933, sendo o terceiro filho de um total de seis.

McCarthy cresceu e foi criado em uma família seguidora da igreja católica romana. Aos quatro anos de idade, o autor mudou-se com a família para Knoxville, no estado do Tennessee, onde teve a sua formação no ensino básico em uma escola católica (Frye, 2009, p. 2). Anos depois, Cormac McCarthy entrou para a Universidade do Tennessee e obteve grau em *liberal arts* (Letras).

Após deixar a universidade, em 1953, o autor entrou para a força aérea dos Estados Unidos e serviu ao seu país por quatro anos. Durante a vida militar, McCarthy passou dois anos em um quartel localizado no estado do Alaska, onde hospedava um programa de rádio. Nesta região isolada dos demais estados, cujo local foi intitulado *the last frontier* (a última fronteira), McCarthy começou a estudar vorazmente diferentes tipos de livros nas mais variadas áreas do conhecimento para o seu crescimento pessoal, tornando-se um autodidata e apreciador de literatura.

Passados esses anos de isolamento e de descoberta do seu interesse pela leitura, o escritor retorna para a Universidade do Tennessee logo após sair da força aérea em 1957, onde permanece até 1959. Neste curto período dentro da universidade, McCarthy se especializou em engenharia e administração. No entanto, o autor estava longe de se concentrar nas duas áreas de formação, pois, durante a pequena etapa na universidade, McCarthy escreveu suas duas primeiras histórias em forma de conto: “*Wake for Susan*” (1959) e “*A Drowning Incident*” (1960). Não houve tradução dos contos para a língua portuguesa, porém eles renderam ao autor os prêmios *Ingram Merrill Award* por escrita criativa e posteriormente “*A Drowning Incident*” seria publicada na revista literária da instituição, assinadas pelo autor como “C. J. McCarthy, Jr.” (Lincoln, 2009, p. 3).

Cormac McCarthy deixou a universidade novamente e se mudou para Chicago, onde trabalhou por meio período como mecânico e iniciou a escrita do seu primeiro romance, *The Orchard Keeper* (1965). Foi durante a estadia do autor em Chicago que ele conheceu a sua primeira esposa, a poetisa Lee Holleman, com quem ficou casado por quatro anos e teve um filho chamado Cullen McCarthy. Em 1965, após o seu divórcio e antes da publicação da sua primeira obra, o autor viajou para a Irlanda com uma bolsa concedida pela *American Academy of Arts and Letters*. É nessa viagem e dentro do navio que McCarthy conheceu a sua segunda esposa, Anne DeLisle. Então, o autor conseguiu auxílio financeiro junto a *Rockefeller Foundation* e os recém-casados fizeram um *tour* pelo Mediterrâneo e ficaram na colônia artística de Ibiza, onde McCarthy revisou e finalizou seu segundo romance, *Outer Dark* (1968) (Lincoln, 2009, p. 6).

Após dois anos em terras estrangeiras, McCarthy e sua nova esposa decidem voltar para os Estados Unidos. Este foi um período bastante difícil na vida do autor, pois “o casal retornou para Rockford, no Tennessee e morou em uma fazenda de porcos

alugada” (Lincoln, 2009, p. 6)¹. Foi nesse período também que o autor passou por dificuldades financeiras, uma vez que ele não aceitou convites de diferentes universidades para falar sobre os seus dois livros e o seu processo de escrita.

Várias foram as dificuldades e muitos os problemas que levaram o autor a separação da sua segunda esposa no ano de 1978:

Por toda sua carreira ele permaneceu isolado, rejeitando ofertas lucrativas para dar palestras. Em 1976, mudou-se do Tennessee para El Paso, Texas. Foi premiado com uma bolsa pela *MacArthur* em 1981 e mais tarde casou-se com Jennifer Winkley e mudou-se para Santa Fé, Novo México, como bolsista no Instituto Santa Fé (Frye, 2009, p. 3)².

A John D e Catherine MacArthur é uma fundação, cujo principal objetivo é apoiar instituições e pessoas criativas que contribuam para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para soluções climáticas global e o compromisso histórico com a democracia dos Estados Unidos³. Cormac McCarthy tinha 48 anos quando foi contemplado com a bolsa de pesquisa da *Fundação MacArthur*. Este auxílio financeiro fez com que o autor se tornasse pesquisador exclusivo do *Santa Fe Institute* (Instituto Santa Fé).

O *Santa Fe Institute* fomenta pesquisas teóricas e independentes na área de estudos multidisciplinares nos Estados Unidos e no mundo⁴, local onde Cormac McCarthy ficou imerso em conversas

¹ No original: “The couple returned to Rockford, Tennessee and lived in a rented pig farmhouse”. Todas as traduções dos textos originais em língua inglesa foram feitas pelo autor desta dissertação e serão seguidas por uma nota de rodapé com o texto original.

² Throughout his career he remained private, rejecting lucrative offers for speaking engagements. In 1976 he moved from Tennessee to El Paso, Texas. He was awarded the MacArthur Fellowship in 1981, and he later married Jennifer Winkley and moved to Santa Fe, New Mexico, as a fellow at the Santa Fe Institute.

³ As informações foram encontradas no site da fundação *MacArthur*, que podem ser acessadas através do link: <https://www.macfound.org/>.

⁴ As informações foram encontradas no site do *Santa Fe Institute*, que podem ser acessadas através do link: <https://www.santafe.edu/>.

científicas com pesquisadores de diferentes áreas dos saberes. No instituto, McCarthy mostrou-se admirado e fascinado por assuntos que vão desde a história da matemática até a natureza do consciente. À vista disso, foi no instituto, durante os anos de 1980-1985, que o escritor iniciou e finalizou uma extensa e minuciosa pesquisa histórica, política e social, na qual culminou na elaboração do seu quinto romance, *Blood Meridian (Meridiano de Sangue)*.

Cormac McCarthy começou a dedicar-se exclusivamente ao seu processo de pesquisa e escrita. Como membro do *Santa Fe Institute*, deixou os status de bolsista para se tornar um dos principais administradores e líder de grupos de pesquisas do instituto. Como autor, McCarthy está preocupado com a natureza formal da sua arte, além de ter participado, em uma maneira retrospectiva, na tradição do mundo da literatura *western* dos EUA desde o seu começo até as posteriores manifestações no século XX. McCarthy sempre teve curiosidade em aprender sobre conhecimentos gerais e dentro da sua escrita é possível encontrar temas relacionados à filosofia, à história e à religião.

O autor viveu sozinho em El Paso, Texas, onde manteve uma casa há mais de 20 anos. Durante as pesquisas sobre a biografia do autor, pude encontrar uma rara entrevista dele ao crítico Richard B. Woodward em 1996, cujas informações ganharam destaque no *The New York Times*⁵. Além dessa fonte, o jornal britânico *The Guardian* também confirma a atual moradia do autor em El Paso, Texas. Em 2007, ele divorciou-se de sua terceira esposa, Jennifer Winkley. Como escritor, McCarthy ganhou prêmios importantes por sua contribuição ao mundo literário. Dentre tantas premiações, as que mais se destacam são: *National Book Award e National Book Critics Circle Award*, por *Todos os Belos Cavalos*, em 1992; *Pulitzer Prize* e *James Tait Black Memorial Prize*, por *A Estrada*, em 2007. Em 2005, a revista *Times* considerou a obra *Meridiano de Sangue* como

⁵ A entrevista encontra-se nos arquivos do jornal e pode ser lida integralmente em língua inglesa através do link: <https://www.nytimes.com/1992/04/19/magazine/cormac-mccarthy-s-venomous-fiction.html>.

um dos 100 melhores livros escritos em Língua Inglesa publicados desde 1923.

Em 2010, foi a vez de *A Estrada* ganhar seu lugar de destaque na revista britânica *The Times* como um dos 100 melhores livros de ficção e não-ficção dos últimos 10 anos.

Diante de tantos prêmios e variabilidades de temas encontráveis nas histórias escritas pelo autor, faz-se necessário uma apresentação e um apanhado da literatura de Cormac McCarthy.

1.2. Um apanhado da literatura de Cormac McCarthy

É possível navegar pela literatura de Cormac McCarthy através de seus romances históricos, cujos subgêneros estão associados à literatura dos Estados Unidos como *southern* e *western*. Conforme Paul Christian Jones (2002, p. 334), o romance histórico é um subgênero do romance na literatura norte-americana, popular na região sul e oeste dos Estados Unidos ao longo dos séculos XIX e XX. Ainda com o professor, “à medida que os autores projetaram as lutas históricas do sul em um brilho romântico, eles esboçaram uma imagem glorificada do passado do sul” (Jones, 2002, p. 334)⁶ que serviria para a criação da identidade do homem dessa região dos Estados Unidos posteriormente.

A *Southern Literature* (Literatura do sul dos EUA) pode ser definida como uma importante ramificação da literatura dos Estados Unidos, referente à região sul do país. Tradicionalmente, os temas encontrados dentro dos estudos *southerners* enfatizam as histórias de desbravamentos dessa região, o significado da família, o senso de justiça, a crença em uma supremacia racial e religiosa de domínio daquelas terras, dentro das expectativas que elas traziam para o novo homem do sul estadunidense.

Cormac McCarthy publicou os seus quatro primeiros romances *southerners* entre 1965 e 1979. São eles: *The Orchard Keeper*

⁶ As authors cast the epic struggles of southern history in a romantic glow, they projected a glorified image of the South's past.

(1965), *Outer Dark* (1968), *Child of God* (1973) e *Suttree* (1979). Apesar disso, Cormac McCarthy é mundialmente conhecido por sua literatura *southwestern* e *western*. Os romances foram publicados nos períodos de 1985 a 2005. As referidas obras são: *Blood Meridian* (1985), *All the Pretty Horses* (1992), *The Crossing* (1994), *Cities of the Plain* (1998), estes três últimos fazem parte da *Border Trilogy*, e *No Country for Old Man* (2005).

A *American Western Literature* (Literatura do Oeste Americano), também conhecida como *Western Fiction* (Ficção do Oeste) ou *Frontier Romance* (Romance de Fronteira), é uma ramificação da literatura deste país ambientada na fronteira oeste dos Estados Unidos. A referida fronteira, segundo o historiador conservador Frederick Jackson Turner, estaria localizada no meridiano 99 e dividiria o país em dois: o mundo civilizado (Leste) e o mundo selvagem (Oeste).

Os principais temas da literatura *western* são: o heroísmo individual, a expansão territorial, a democracia e a liberdade, a criação e a formação da identidade nacional dos Estados Unidos, a ideia de que o trabalho árduo ajudaria o novo homem do Oeste a ter uma ascensão social, a superioridade racial branca e o uso da violência, porém narradas com restrições quando descritas nas personagens brancas e deixando os *status* de selvagem e bárbaro para os indígenas que já ocupavam a região e lutavam para defender o que lhes pertenciam.

Todos os elementos reunidos e associados à *Tese da Fronteira*, de Frederick Jackson Turner, ajudaram a moldar o imaginário e a sociedade estadunidense no decorrer dos anos. A revisão dos romances de fronteira, e da própria história oficial dos Estados Unidos da América, aconteceu, principalmente, na década de 1980 com os estudos da *New Western History* (Nova História do Oeste) organizados por Patricia Nelson Limerick. É importante acentuar que as pesquisas e o processo de escrita de *Meridiano de Sangue* aconteceram durante esse período de “nova história social” (Avilla, 2005, p. 390) que ocorria nos Estados Unidos nos anos de 1970-1980.

Ainda sobre o Romance de Fronteira, Steven Frye (2009, p. 9) comenta que nos Estados Unidos esse subgênero remonta ao início do século XIX, nos relatos “não-ficcionais” de John Filson sobre Daniel Boone, os romances de guerras revolucionárias de William Gilmore Simms e, mais notavelmente talvez, os contos de *Leatherstocking*, de James Fenimore Cooper. O centro dessas obras era o mito do Oeste Americano e o herói mítico dessas terras. Personagens foram criadas para incorporar traços humanos, mas eram maiores que a vida, emblemáticos dos valores, aspirações, ambições e autopercepções de uma cultura. Nos primeiros romances épicos deste país, o herói mítico se vê participante de um drama radical que opõe as forças do progresso histórico – a colonização da fronteira pela civilização europeia – contra forças de reação, que envolvem as tentativas feitas pelos indígenas americanos e pelos homens brancos da fronteira para preservar modos de vida mais antigos e simples.

A literatura de fronteira de Cormac McCarthy contém todos os temas cabíveis e encontráveis nos romances *southerners* e *westerners*: os homens de fronteira, os *sheriffs*, a terra desconhecida e selvagem que deveria ser domesticada por um herói, as armas, os cavalos e os índios, além das histórias estarem localizadas na fronteira entre México e EUA. No entanto, conforme Steven Frye (2009, p. 8), Cormac McCarthy faz parte de um grupo de escritores, cujas histórias revisaram a forma como esses elementos estão inseridos na literatura estadunidense. Assim, Cormac McCarthy tem contribuído de forma revisionista para a literatura do seu país através dos seus romances de fronteira.

O penúltimo romance de Cormac McCarthy, *The Road* (2006), conta a história de um futuro distópico e pessimista. O autor também escreveu duas peças teatrais intituladas *The Stonemason* (1995) e *The Sunset Limited* (2006), além de ter feito o roteiro cinematográfico de *The Gardener's Son* (1976) e *The Counselor* (2013). Em 2023, Cormac McCarthy havia iniciado a adaptação do texto de *Blood Meridian* para o cinema e estava auxiliando a direção nas gravações.

Dos seus 15 livros publicados, apenas 8 foram traduzidos para o Brasil: *Meridiano Sangrento* (1991), cujas outras duas traduções foram feitas posteriormente como *Meridiano de Sangue* (2009; 2020), *Todos os Belos Cavalos* (1993), o qual em 2017 recebeu uma segunda tradução preservando o mesmo título, *A Travessia* (1999; 2023), *Cidades da Planície* (2001), *Onde os Velhos Não Têm Vez* (2006; 2023), *A Estrada* (2007), *O passageiro* (2022) e *Stella Maris* (2023).

Cormac McCarthy utiliza um tema chave que é comum dentro do seu universo literário: a violência. As personagens de McCarthy são marcadas e manchadas com o sangue de suas vítimas. Os traços da violência são tecidos nas obras do autor através de um contexto histórico de guerras e de mortes: a decadência de um novo mundo rural e promissor, em decorrência das invasões e domínios históricos; A democracia da violência feita durante o período de expansão territorial dos Estados Unidos, principalmente no século XIX; A decadência familiar por conta de um incesto e as consequências deste ato em um novo mundo guiado por um manifesto de divindade discriminatório; O *wilderness* como a terra sem lei e seus juízes missionários, brancos, anglo-saxônicos e protestantes, cujos atos de violência e barbárie foram incontroláveis no dito "*American Progress*"; A degradação humana e social por conta da violência, ou seja, povos que se destroem; A extinção da raça humana, projetada na descrença e nas atrocidades que este é capaz de fazer, em um futuro sombrio e desesperançoso; A dualidade entre moral e ciência; O desvã da consciência sobre a perda, a saudade e a loucura. Cormac McCarthy simplesmente acentua o tom da violência em seus romances de forma explícita.

A literatura de Cormac McCarthy

está inspirada no peso histórico do século XX, com a transformação social traumática do sul dos Estados Unidos no período pós-guerra civil americana, a carnificina humana de duas guerras mundiais e o

genocídio que os assistiu, bem como a angústia que emerge do desenvolvimento da era tecnológica e nuclear (Frye, 2009, p. 6-7)⁷.

Em todas as obras, McCarthy está preocupado com o drama humano em todas as suas facetas, as forças da história e com o papel da violência na vida e no mundo em sua grande escala. Ele nos alerta para os desastres da história, as monstruosidades do desvio moral, os absurdos do destino humano, as faixas sublimes de vontade e de coragem, as profundezas do sofrimento, da dor e da psicopatologia. Ele mistura contos de aventura e tragédias dolorosas, funde o lírico sublime e o grotesco repulsivo.

O autor, ao utilizar a violência como uma das temáticas principais de suas obras, contrasta com a tradição literária dos romances históricos *southern*s e *western*s. Ele substitui os elementos tradicionais dessas literaturas, apaga a figura do herói, do mocinho e do vilão e redefine a história do Oeste Americano. Kenneth Lincoln (2009, p. 2) complementa que o autor

costura seus gêneros híbridos da história, da literatura e da ciência. Os romances e os *scripts* cruzam histórias extraordinárias com histórias mais rudes, fundem as obras *western*s adultas com o apocalipse futurista, combinam a inocência com a devassidão hipnotizante, cria o amor puro à terra e às formas naturais de vida dentro do *Southern Gothic*, ao terreno baldio da cidade e ao naturalismo do sudoeste dos Estados Unidos⁸.

⁷ His own work is infused with the historical weight of the twentieth century – the traumatic social transformation of the American South in the postbellum period, the human carnage of two world wars and the genocidal waste that attended them, as well as the angst that emerges from the development of the technological and nuclear age.

⁸ This self-made writer cobbles his own hybrid genres from history, literature, and science. The novels and scripts cross tall tales with gritty truth, fuse adult westerns with futurist apocalypse, pair row innocence with mesmerizing debauchery, etch pure love of land and natural life-forms into Southern Gothic, city wasteland, and Southwest naturalism.

A curiosidade que McCarthy nutre sobre a fronteira e o Oeste Americano ajudou o autor a condenar e a desenterrar a violência e a depravação humana omitidas pela história oficial do seu país. Diferente dos escritores clássicos dos romances de fronteira, que escreviam histórias revolucionárias de guerra com a figura de um herói mítico do Oeste, cujas características e sonhos eram ainda europeizados e que esse herói venceria todos os obstáculos em prol do avanço e da organização social, Cormac McCarthy surge com uma visão revisionista sobre a fronteira e as constantes invasões dos colonizadores e/ou dos cidadãos estadunidenses e passa a dar voz a personagens que foram renegadas pela história oficial dos Estados Unidos, como indígenas, negros e latinos. Para o autor, os romances de fronteira, em todo o seu escopo histórico, é simplesmente um meio de explorar o gosto humano pela violência, avaria, autogratificação e depravação.

Meridiano de Sangue é a obra de Cormac McCarthy com o tom de violência e denúncia cultural, histórica, política e social mais explícito. Através do romance, McCarthy expõe e reconstrói os eventos ocorridos no período pós-guerra entre Estados Unidos e México e período pós-tratado de Guadalupe Hidalgo, quando o México foi obrigado a ceder grande parte do seu território para os Estados Unidos no século XIX. No entanto, a crítica central da obra de McCarthy, e também deste livro, gira em torno do processo de domesticação da fronteira entre os dois países no período em que o romance está ambientado. Todavia, para o melhor entendimento do estudo a ser feito e da proposta a ser contemplada, faz-se necessário uma apresentação minuciosa de *Meridiano de Sangue ou O rubor crepuscular no Oeste*.

1.3. Em marcha para o Oeste: apresentação de *Meridiano de Sangue ou O Rubor Crepuscular no Oeste*

A teoria da democracia dos Estados Unidos da América que, em uma visão ambiciosa, conversadora, egoísta, imperialista e registrada, porém omitida, na história oficial do país, “engrandeceu

o homem comum e celebrou as vozes das massas” (Inge, 2001, p. 87)⁹. O pensamento de que a democracia estava se instaurando pelo país alcançou seu ápice com a eleição do presidente dos Estados Unidos, Andrew Jackson e teve seu período de mandato conhecido como a “democracia” Jacksoniana, que durou de 1828-1850. Os principais projetos políticos nacionais do governo Jackson estavam relacionadas à expansão territorial em direção ao Oeste, justificada nos termos do *Destino Manifesto*, ou seja, de que o homem branco, anglo-saxônico, protestante e descendente de europeu era o escolhido de Deus, segundo sua concepção religiosa, para “civilizar” as novas terras “conquistadas”.

A expansão da “democracia” Jacksoniana era limitada a este homem e ignorava completamente outras vidas que habitavam aquelas terras, principalmente a de outros povos, ao decretar a lei de remoção indígena. A dita “democracia” foi a democracia da violência omitida pela história oficial dos Estados Unidos e regenerada por Cormac McCarthy através da sua obra *Meridiano de Sangue*. O romance, escrito em 1985 e ambientado entre os anos 30 e 40 do século XIX, apresenta um jovem do Tennessee chamado, simplesmente, de kid e que parte para o Texas e se junta ao *Glanton Gang* (um grupo de mercenários que, de fato, existiu, e que era conhecido como a gangue que escarpelava indígena se quem encontrasse pela frente na região de fronteira entre os EUA e o México).

Pouco se sabe sobre kid, inclusive seu nome ou qualquer outra informação sobre sua origem. O que se sabe é que “sua família é tida como cortadores de lenha e carregadores de água” (McCarthy, 2020, p. 9), que a mãe morreu logo após seu parto e que seu pai “se afoga na bebida, cita poetas cujos nomes estão esquecidos” (McCarthy, 2020, p. 9). A viagem de kid, do Tennessee ao Texas, é uma referência à horda migratória de diferentes nacionalidades advindas do Leste para o Oeste nos Estados Unidos. No entanto, quem são esses agentes da civilização retratados por Cormac

⁹ Aggrandized the common man and celebrated the voice of the masses.

McCarthy no seu romance e projetados pela “democracia” Jacksoniana? No início do romance, kid

mora em um quarto acima do pátio nos fundos de uma taverna e desce à noite como alguma fera de contos de fada para brigar com os marinheiros. Não é grande, mas tem pulsos grandes, mãos grandes. Os ombros são estreitos. O rosto da criança permanece curiosamente intocado por trás das cicatrizes, os olhos singularmente inocentes. Lutam com punhos, com pés, com garrafas ou facas. Todas as raças, todos os tipos. Homens cuja fala soa como o grunhido de grandes macacos. Homens de terras tão distantes e exóticas que parado ali vendo-os sangrar na lama ele sente que a própria humanidade foi vingada (McCarthy, 2020, p. 10).

A história de kid, após chegar ao Texas, prossegue pelo Oeste, região completamente desconhecida por ele, e os recortes da violência ficam cada vez mais evidentes conforme ele avança para o interior do seu país: “Com os diabos, pode sair. Sou branco e cristão” (McCarthy, 2009, p. 35), dessa forma, kid é encontrado e recrutado para ingressar no exército de Capitão White, que estava “se reunindo para lutar contra os mexicanos” (McCarthy, 2020, p. 36).

O discurso do “homem branco e cristão” remete a ideologia WASP (*White, Anglo-Saxon and Protestant*), cuja tradução é o branco, anglo-saxônico e protestante, e a crença no manifesto de divindade na voz do narrador de *Meridiano de Sangue* e nos discursos de ódio pejorativo e das atitudes violentas por parte das personagens com características “brancas e cristãs”, que acreditam estar cumprindo a missão na qual foram destinados.

O discurso WASP e a descrição do que é o *Destino Manifesto*, além da razão pela qual as tropas do exército dos Estados Unidos deveriam exercer o controle total do México e a justificativa para a execução dos planos políticos da democracia da violência, estão claros na fala da personagem do Capitão White:

Estamos lidando aqui é com uma raça de degenerados, disse. Uma raça de mestiços, não muito melhor que negros. E talvez nem isso.

Não existe governo no México. Diabo, não existe Deus no México. Nunca vai existir. A gente está lidando com um povo absolutamente incapaz de se governar sozinho. E sabe o que acontece com povos que não conseguem se governar sozinhos? Isso mesmo. Outros vêm e governam por ele (McCarthy, 2020, p. 40-41).

A conversa entre kid e Capitão White refere-se à guerra entre Estados Unidos e México (1846-1848), aos voluntários de guerra do Tennessee e ao tratado de Guadalupe Hidalgo (1848) assinado entre os dois países, obrigando o México a ceder a região que vai do estado do Novo México até a Califórnia para os EUA, ato esse que os mexicanos demoraram a reconhecer.

O Capitão White convence kid a entrar para o seu exército e ele também está convencido “de que Sonora vai acabar se tornando território dos Estados Unidos. Guayanas um porto americano” (McCarthy, 2020, p. 41). Entretanto, antes de o exército encontrar os mexicanos, o grupo de saxões é atacado por uma horda de índios Comanches. A narração é feita sob o ponto de vista *WASP* e os índios, bem como suas atitudes, são descritas de forma tenebrosa:

Uma legião medonha, às centenas em número, seminus ou vestidos em trajes áticos ou bíblicos ou ataviados como num sonho febril com as peles de animais e ornatos de seda e peças de uniforme ainda marcadas pelo sangue de seus donos originais, capotes de dragoons trucidados, casacos de cavalaria com galões e alamares, um de cartola e outro de guarda-chuva e mais outro com longas meias brancas de mulher e um véu de noiva manchado de sangue e alguns com cocares de penas de grou ou capacetes de couro cru ostentando chifres de touro ou búfalo e um metido em um fraque ao contrário e de resto nu e outro com a armadura de um conquistador espanhol, o peitoral e as espaldeiras com fundas mossas de antigos golpes de maça ou sabre feitos em outro país por homens cujos ossos eram agora pó e muitos ainda com suas tranças entrelaçadas ao pelo de outras feras a ponto de arrastar no chão e as orelhas e rabos de seus cavalos ornamentados com retalhos de tecidos coloridos brilhantes e um cujo animal tinha a cabeça inteira pintada de escarlate e os rostos de todos os cavaleiros lambuzados de tinta de um jeito espalhafatoso

e grotesco como uma companhia de palhaços a cavalo, hilários, mortais, todos ululando em uma língua bárbara e caindo sobre eles como uma horda de um inferno ainda mais horrível que o mundo sulfuroso do juízo cristão, guinchando e gritando e amortalhados em fumaça como esses seres vaporosos de regiões além da justa apreensão onde o olho erra e os lábios balbuciam e babam (McCarthy, 2020, p. 59-60).

A descrição dos Comanches, principalmente ao mencionar que eles possuíam armas e equipamentos espanhóis, indica que eles foram vítimas de violência desde as primeiras invasões europeias, que se estendeu através dos anos, quando essa violência foi acentuada com a lei de remoção indígena estabelecida no governo de Andrew Jackson e contribuiu para a democracia da violência no processo de “domesticação” e expansão territorial do Oeste, e que precisavam lutar para sobreviver e defender o território que lhes pertenciam antes da invasão estrangeira. Assim, diante de constantes ataques e invasões, os indígenas passaram a ver os homens brancos como inimigos também.

A primeira parte do romance de Cormac McCarthy termina quando kid é preso em uma cidade mexicana e tem seu destino cruzado com a *Glanton Gang* após o ataque comanche. Essa gangue costumava visitar cidades e ser contratada para serviços de limpeza étnica. Como prova de que o contrato havia sido executado, era praxe que os escalpos de suas vítimas fossem apresentados em pilhas nos gabinetes dos contratadores.

Os “missionários da civilização” integrantes da *Glanton Gang*, cujo “destino” os escolheram para “civilizar” o Oeste dos Estados Unidos, usavam a violência sem restrição contra qualquer pessoa que eles encontravam pela frente durante suas várias viagens. O meridiano 99, de Frederick Jackson Turner, foi a expansão da fronteira da barbárie e da violência alastrada pelas terras do Oeste, que sob o ponto de vista do europeu invasor e da *Frontier Thesis*, do mesmo Turner, era a região conhecida como o *wilderness*, ou seja, um lugar inóspito, hostil, perigoso e selvagem, uma “área de terra

livre” (Turner, 2004, p. 23) pronta para ser “conquistada” e “domesticada” pelos seus invasores, que acreditavam estarem libertando os habitantes do Oeste da vida pagã e estabelecendo a paz na região, justificando a crueldade dos seus atos e as constantes batalhas contra os indígenas.

A atmosfera de *Meridiano de Sangue* é de morte e no início de uma das várias viagens da gangue pelo deserto, o grupo de kid se depara com uma composição espacial caracterizada pela atmosfera sombria de violência e de morte:

O caminho foi se estreitando entre rochedos e após algum tempo chegaram a um arbusto de cujos ramos pendiam bebês mortos. Pararam lado a lado, hesitantes sob o calor. Aquelas pequenas vítimas, sete, oito delas, haviam sido perfuradas no maxilar inferior e estavam desse modo penduradas pelas gargantas nos galhos partidos de um pé de prosópis para fitar cegamente o céu nu (McCarthy, 2020, p. 65).

Diante do exposto, resta-nos questionar quem são os membros da *Glanton Gang*? Quais são suas identidades e quem são eles por trás da caça de escalpos e dos assassinatos? De acordo com Kenneth Lincoln (2009, p. 79) as principais fontes documentais que McCarthy utilizou para recriar a história da marcha para o Oeste foi o livro *My Confession: the Recollections of a Rogue*, do General Samuel E. Chamberlain e *The Scalp Hunters*, de John Mayne Reid. Contudo, poucas informações sobre essas personagens são reveladas durante a narrativa de *Meridiano de Sangue*.

Historicamente, John Joel Glanton foi um emigrante que estava se deslocando da costa Leste do Estados Unidos em direção a Califórnia, no período conhecido na história do país como a *gold rush* (febre do ouro), e prestava trabalho de caçador de escalpo com a intenção de arrecadar dinheiro para financiar sua viagem. A retirada de escalpos naquela época era um ofício “comum” por parte dos saxônicos, além de ser um trabalho lucrativo para alguns integrantes do exército estadunidense e seus grupos de milícias.

Todavia, a história oficial dos Estados Unidos esconde que “o nome de Glanton está associado a violência” (Sepich, 2008, p. 29)¹⁰. John Sepich (2008), em seu livro *Notes on Blood Meridian*, revela uma variedade de fontes históricas contendo informações sobre Glanton e a participação de sua gangue em vários assassinatos e batalhas contra indígenas e mexicanos na região de fronteira entre EUA e México, fontes essas também utilizadas por Cormac McCarthy na caracterização de sua personagem.

As pesquisas de McCarthy sobre Glanton resultaram em “uma personalização, geralmente não encontradas em histórias ou relatos pessoais que mencionam ele” (Sepich, 2008, p. 35). Em *Meridiano de Sangue*, Glanton é descrito apenas como “um homem pequeno de cabelos negros” (McCarthy, 2020, p. 88), porém seus atos de crueldade, de loucura e de violência são ainda mais medonhos do que o ataque Comanche sofrido por kid e os mercenários de Capitão White no início do romance. Os indígenas lutavam porque estavam sendo constantemente atacados, assassinados e escravizados pelos brancos. Glanton e seu grupo de extermínio matavam por maldade e com a finalidade de enriquecerem através de seus atos.

A descrição da retirada do primeiro escalpo cometido pela gangue em *Meridiano de Sangue* acontece quando eles encontram uma frágil e velha senhora quase morta em uma cidade desolada no México. Glanton se assusta com as condições da senhora. “Nem coragem, nem proteção nos olhos velhos. Ele apontou com a mão esquerda e ela seguiu sua mão com o olhar e ele pôs a pistola em sua cabeça e disparou” (McCarthy, 2020, p. 105). Após o assassinato, Glanton pede a um mexicano integrante do seu grupo para pegar o “comprovante” de que o serviço havia sido executado:

McGill, disse.

Um mexicano, único de sua raça entre aquela companhia, avançou.

Pega o recibo pra nós.

¹⁰ Glanton’s name is associated with violence.

Ele puxou uma faca de esfolar do sinto e se encaminhou na direção da velha e agarrou a cabeleira e com uma torção de pulso passou a lâmina da faca em torno do crânio e arrancou o escalpo (McCarthy, 2020, p. 106).

Assim, a segunda parte de *Meridiano de Sangue* se desenrola, ou seja, com os mercenários participando de diversos massacres e distribuindo violência contra tribos indígenas, mexicanos, negros e até mesmo contra outros grupos de europeus que tentavam a sorte por aquelas terras em direção a Califórnia, até chegarem à balsa de Yuma, onde são quase que completamente destruídos em uma batalha contra os nativos.

Os ditos “agentes da paz” no romance de McCarthy nomeavam a guerra contra os indígenas e os mexicanos como um jogo, onde apenas os predestinados saíam vencedores. O jogo da guerra está explícito na fala da personagem Juiz Holden:

Os homens nasceram para jogos. Nada mais. Qualquer criança sabe que brincar é mais nobre que trabalhar. Sabe também que o valor ou mérito de um jogo não é inerente ao jogo em si mas antes ao valor do que está em risco. Jogos de azar exigem uma aposta para significar alguma coisa. Jogos esportivos envolvem a habilidade e força dos oponentes e a humilhação da derrota e o orgulho da vitória são em si mesmos aposta suficiente pois estão indissociavelmente ligados ao valor dos envolvidos e os definem. Mas seja qual for a prova, se de sorte ou valor, todo jogo aspira à condição de guerra pois nesse caso o que se aposta suprime tudo, jogo, jogadores, tudo (McCarthy, 2020, p. 261).

O Juiz Holden é o principal representante e símbolo da barbárie, da selvageria e da violência em *Meridiano de Sangue*. O primeiro contato que o leitor e, o próprio kid, tem com ele é no antigo vilarejo texano de Nacogdoches, localizado exatamente no meridiano 99, ou seja, a fronteira entre mundo civilizado e selvagem estipulada por Turner. Holden é uma personagem misteriosa, de educação refinada, porém um dos mais cruéis

mercenários da *Glanton Gang*. Ele é apresentado como um “sujeito enorme [...] calvo como uma rocha e não tinha traço de barba e nenhuma sobrancelha acima dos olhos, tampouco cílios. Ultrapassava os dois metros e dez de altura (McCarthy, 2020, p. 12). Holden tem as características dos antigos heróis míticos dos romances de fronteira clássicos, não fosse pela sua vontade incontrolável de matar e na sua crença de superioridade e supremacia racial.

A certeza de uma sociedade agrícola e pastoril, projetada pelos primeiros colonizadores puritanos como o novo Jardim do Éden a ser habitado, é fortalecida na história dos Estados Unidos, principalmente no século XIX, com a promessa de aquisição de lotes de terras no Oeste para as famílias advindas do Leste, com o intuito de explorar as riquezas naturais da região e também incentivar a marcha dos colonizadores para o interior do país.

O novo “explorador”, guiado pelo destino que o escolhera e pelo sonho de começar e/ou recomeçar sua vida no novo paraíso na terra, passa a ser o novo herói da nação e começa, com a ajuda da literatura e das políticas governamentais imperialistas do país, a constituir o caráter e a identidade do “novo” homem do Oeste e também dos Estados Unidos. Na literatura do país, o herói mítico é conhecido como *American Adam* (Adão Americano), ou seja, um homem autêntico, com valores, determinado, esforçado, esbelto e inovador, cujas práticas progressistas o ajudariam na sua ascensão social e na concretização dos seus sonhos e do seu destino.

O Juiz Holden é a revisão dessa figura estereotipada do *American Adam* na literatura dos Estados Unidos; “Ele é uma figura onipresente que transcende raça, nacionalidade ou propósito político” (Frye, 2009, p. 10)¹¹, mas ao mesmo tempo ele é a encarnação simbólica da violência na literatura do seu país. Holden acredita que a guerra e a violência, além de serem um jogo, são redentoras. O juiz vê a violência como algo da própria criação

¹¹ He is a ubiquitous figure who transcends race, nationality, or political purpose.

divina, como uma característica da divindade, e que “a guerra é deus” (McCarthy, 2020, p. 262).

A terceira, e última parte do romance, foca nas personagens de Holden e de kid, após sobreviverem a batalha na balsa de Yuma contra os indígenas. Vagando pelo deserto, kid encontra o juiz e este por sua vez quer matá-lo, pois ele acredita que kid foi o responsável pela derrota e extinção da gangue.

Foi você e ninguém mais que moldou os eventos na direção de um curso tão calamitoso. Culminado com o massacre no vau do rio perpetrado pelos selvagens com quem você conspirou. Os meios e os fins não são muito importantes aqui. Meras especulações vazias. Mas mesmo que você carregue o esquema do seu plano assassino junto com você para a cova de um jeito ou de outro ele será revelado em toda a sua infâmia ao seu Criador e assim sendo igualmente será dado a conhecer até o mais humilde dos homens (McCarthy, 2020, p. 320).

Os dois se enfrentam no deserto, porém nada acontece. Vinte e oito anos depois, em 1878, tempo este da narrativa em que kid agora é “o homem” (McCarthy, 2020, p. 328), os dois se reencontram em um bordel localizado em uma cidade no nordeste do Texas. Após uma confusão no local, o juiz se dirige ao homem: “Os últimos de verdade. Diria que ficaram todos pelo caminho, tirando tu e eu. [...] E alguns ainda por nascer motivos haverão de ter para amaldiçoar a alma do Delfin” (McCarthy, 2020, p. 346). Os dois conversam e o juiz fala sobre o destino, o existencialismo, a guerra e a supremacia do homem branco. Na noite seguinte, em meio a uma festa no mesmo *saloon*, nas latrinas do lugar, Holden o mata e depois ele dança e “ele diz que nunca vai morrer” (McCarthy, 2020, p. 35).

Meridiano de Sangue possui traços marcantes de violência e o livro tem uma forte base histórica referente a um período problemático na história dos Estados Unidos. Assim, a quantidade de estudos críticos relacionada a essa obra é expressiva dentro da academia estadunidense. A começar por Willard P. Greenwood

(2009, p. 50) ao afirmar que o romance de Cormac McCarthy representa a convergência do talento do autor como escritor e seu intelecto significativo, ilustrando essa união através das epígrafes que iniciam a obra:

Pois suas ideias são terríveis e seus corações são fracos. Seus atos de piedade e de crueldade são absurdos, sem calma, como que irresistíveis. Enfim, vocês temem o sangue cada vez mais. Vocês temem o sangue e o tempo.

PAUL VALÉRY

Não se deve pensar que a vida da escuridão está mergulhada no sofrimento e perda como que no pesar. Não existe pesar. Pois o pesar é algo que é tragado pela morte, e a morte e o momento em que se morre são a própria vida da escuridão.

JACOB BOEHME

Clark, que chefiou a expedição do ano passado à região de Afar, no norte da Etiópia, e seu colega da Universidade da Califórnia em Barkley, Tim D. White, também afirmaram que um reexame de crânio fóssil de 300 mil anos de idade encontrado anteriormente nessa mesma região exibe sinais de ter sido escalpelado.

The Yuma Daily Sun, 13 de junho de 1982 (McCarthy, 2020, p. 7)

As epígrafes introduzem ao leitor os principais eventos e temas que se desenvolverão ao longo da narrativa de McCarthy. A citação de Paul Valéry foi retirada de seu artigo *The Yalu* datado de 1895, cujo tema foi a Primeira Guerra Sino-Japonesa, com o Japão lutando contra a China pelo controle da Península coreana. Jacob Boehme foi um filósofo, místico e teólogo luterano alemão, cujos pensamentos eram inspirados nos postulados bíblicos. A última citação é um registro arqueológico e jornalístico de um crânio escalpelado há mais de 300 mil anos. Essencialmente, Cormac McCarthy alerta e apresenta ao leitor a crueldade e a violência que sempre existiram no homem e que esta guiará os acontecimentos do seu romance.

Outro crítico da literatura de McCarthy, Steven Frye, ao tratar de *Meridiano de Sangue*, pontua que a obra é “inflexível em seu relato revisionista das realidades mais sombrias da expansão para o Oeste, já que a gangue de Glanton começa a atuar com um mandato legal para pegar escalpos e ajudar a reprimir a terra estrangeira” (2009, p. 10)¹².

Steven Shaviro (2009, p. 20) acrescenta que

Meridiano de Sangue representa o ritual violento, de sacrifício e de autoconsumo sobre o qual nossa civilização está fundada. [...] O sonho americano do destino manifesto deve ser repetido continuamente, devastando a paisagem no decorrer de sua marcha desastrosa até o mar. Nosso terrível progresso é inferior a busca de alguma continuidade do que a verificação de um princípio, uma reiteração obsessiva sem avanço, pois só construímos para destruir¹³.

Em toda parte do romance a morte deixa seus rastros de memórias. Não são apenas os escalpos coletados por Glanton e seus homens que assustam. A árvore de bebês mortos, a múmia crucificada, o círculo de várias cabeças, os corpos estripados de homens com estranhos ferimentos menstruais entre as pernas, os estupros e as mortes das crianças inocentes são outros exemplos da constante violência praticada pelos homens. *Meridiano de Sangue* é o desmascaramento de uma realidade ocultada durante anos nos Estados Unidos e distorcida para a imposição de uma ideologia política discriminatória.

¹² *Blood Meridian* is unflinching in its “revisionist” account of the darker realities of westward expansion, as the *Glanton Gang* begins with a legal mandate to take scalps and assist in quelling the alien land.

¹³ *Blood Meridian* performs the violent, sacrificial, self-consuming ritual upon which our civilization is founded. [...] The American dream of manifest destiny must be repeated over and over again, ravaging the indifferent landscape in the course of its lemmings’ march to the sea. Our terrible progress is less the pursuit of some continuance than verification of a principle, an obsessive reiteration without advancement, for we build only to destroy.

Cormac McCarthy com a escrita do seu romance faz o leitor perceber que guerra é sempre sobre matar e retira os padrões românticos associados a essa palavra na literatura do seu país, principalmente na literatura *western*. A construção da narrativa de *Meridiano de Sangue* contrasta o grotesco da carnificina humana com descrições intensas e penetrantes de um deserto, que o próprio Holden diz ser “vazio” e “impiedoso” (McCarthy, 2020, p. 345), difícil de ser comparado com um paraíso. Em relação às personagens, o narrador onisciente não apenas observa, mas faz julgamentos e dialoga com a ideologia do colonizador saxônico. Enquanto indígenas, mexicanos e negros são sempre descritos pejorativamente e como selvagens, bem como as cidades de fronteira do México. Os saxões surgem como os mais confiáveis e protetores da nação. No entanto, está nítido também que do início ao fim do romance, o que eles querem é matar, usurpar e usufruir do que eles tomaram com violência.

O crítico Georg Guillemin, reportando-se ao espaço de *Meridiano de Sangue*, certifica que o romance “já foi submetido a várias interpretações ecopastoris” (2004, p. 73)¹⁴, uma vez que o *wilderness*, ou seja, a natureza densa e selvagem, não pode ser ignorado na obra, porque lá “a absoluta falta de lei das personagens marca o *wilderness* do deserto” (Guillemin, 2004, p. 73)¹⁵ em uma relação topocídica.

O *wilderness* é a natureza dominante no romance de Cormac McCarthy. É “a alegoria pastoral que reflete o declínio do ideal agrário” (Guillemin, 2004, p. 74)¹⁶ que preocupou os colonizadores desde os tempos puritanos. O Oeste dos Estados Unidos está longe de ser o Jardim do Éden. A teoria da democracia e os atos “nobres” de civilização e domesticação da região são frustrados com a aridez do lugar. Não havia horizontes de campos verdes e floridos. Havia

¹⁴ Blood Meridian has already been subjected to several ecopastoral interpretations.

¹⁵ The absolute lawlessness of the characters matches the absolute wilderness of the setting.

¹⁶ The pastoral allegory reflecting the decline of the agrarian ideal.

areia, pedras e rochas. Havia milhares de pessoas com culturas, crenças e sistemas sociais bem definidos que foram desertadas. Dessa terra eles viviam e dessa mesma terra eles cuidavam. Devido a ambição e aos interesses dos colonizadores, a relação homem e natureza em *Meridiano de Sangue* é devastadora.

Harold Bloom, ao reportar-se a *Meridiano de Sangue*, acentua que “nenhuma das carnificinas é gratuita ou redundante” (Bloom, 2009, p. 2)¹⁷ no romance. Cada ato de barbárie e selvageria dos saxônicos tem um propósito bem definido por eles e pela república que decidiram defender. Elizabeth Andersen considera o romance como “uma alegoria da trágica busca do homem pela autodeterminação governada por uma ideia de destino predestinado” (2008, p. 88)¹⁸.

A exposição minuciosa da obra e dos seus principais temas ajudarão no entendimento do estudo a ser feito e da proposta a ser contemplada neste livro. O subcapítulo seguinte abordará o estilo e a escrita de Cormac McCarthy. Tendo em vista *Meridiano de Sangue*, o autor utiliza a descrição como recurso narrativo para expor as atitudes de seus personagens e os diferentes espaços que eles transitam na história. Durante a análise narratológica, também será considerado o foco narrativo de *Meridiano de Sangue*, ou seja, o ponto de vista pelo qual a narração é feita.

1.4. Descritivo e impactante: estilo e escrita de Cormac McCarthy

As narrativas de Cormac McCarthy são repletas de descrições, cuja quantidade de detalhes e informações narradas acentuam os efeitos dramáticos de suas obras e dão sequência às narrativas: “Esses atributos do notável estilo de McCarthy aparecem com mais frequência nas descrições dos espaços” (Ellis, 2009, p. 1)¹⁹. Tendo

¹⁷ None of its carnage is gratuitous or redundant.

¹⁸ An allegory of man’s tragic quest for self-determination in a cosmos governed by predestined fate.

¹⁹ These attributes of McCarthy’s remarkable style appeared more often than not in his descriptions of setting.

em vista *Mediano de Sangue*, o autor, através do narrador, descreve a geografia do deserto como o *wilderness* e as descrições, como recursos de narração, funcionam como sequências de observações explicativas sobre os atos cruéis e as inúmeras batalhas da *Glanton Gang* contra os índios, a busca dos estadunidenses pelo *Destino Manifesto* e o instinto do homem em relação a violência, exemplificada pelo Juiz Holden como “lobos que selecionam-se entre si” (McCarthy, 2020, p. 155).

Partindo do princípio que descrever “significa escrever segundo um modelo” (Reis, Lopes, 2002, p. 94), a descrição na literatura infere a um mundo representado pela escrita, ou seja, sempre descreve os elementos do mundo funcional. Ainda sobre descrição, Harry Shaw no seu *Dicionário de termos literários*, define a palavra como

uma forma de discurso que nos diz como é que alguma coisa impressiona os nossos sentidos (que aspectos tem, a que cheira, como soa, etc.) e como é que ela atua. Diz respeito a coisas, pessoas, animais, lugares, cenas, estados de espírito e impressões. Uma descrição tem como objetivos primaciais retratar uma impressão sensorial e dar a conhecer um estado de espírito. Procura tornar essa impressão ou esse estado de espírito tão claro, tão real e tão vivo para o leitor como o foi para o escritor que recebeu a impressão ou observou o estado de espírito (Shaw, 1982, p. 140).

Algumas das descrições dos elementos e dos espaços encontráveis na literatura de McCarthy, e no caso de *Meridiano de Sangue*, o *wilderness* e seus integrantes exigem do leitor estratégias para interpretar suas descrições. Os espaços descritos pelo narrador “indiretamente sugerem a interioridade das personagens, apresentando-nos um conflito regular entre personagem e espaço” (Ellis, 2009, p. 4)²⁰.

²⁰ Indirectly suggested the interiority of characters, by presenting us with a regular conflict between character and setting.

Os mercenários da *Glanton Gang*, apesar de toda barbárie e crueldade, tinham medo da “nova terra desconhecida” do Oeste Americano e, principalmente, das mais variadas etnias indígenas pertencentes ao lugar. A relação homem espaço é usurpada de uns (índigenas, mestiços e negros) e construída pelo invasor (homem branco) por meio de violência que se regenerava a cada nova transição pela região, destruindo costumes, culturas e crenças. Essa é a essência das personagens de *Meridiano de Sangue*, que deixam seus resquícios de brutalidade alastrados pelo deserto desde o início da colonização, conforme reflexão do Juiz Holden quando indagado sobre os tipos de indígenas que habitavam a região por onde transitavam:

O povo que outrora aqui viveu chamava-se anasazi. Os antigos. Eles abandonaram essas paragens, acossados pela seca ou doença ou por bandos errantes de saqueadores, abandonaram essas paragens eras atrás e deles não ficou memória. São rumores e espectros nesta terra e são muito reverenciados. As ferramentas, a arte, a construção – essas coisas permanecem como um julgamento sobre as raças posteriores. *E contudo nada resta a elas do que contender.* Os antigos se foram como fantasmas e os selvagens percorrem esses cânions ao som de uma antiga risada. Em suas rudes choupanas acocoram-se nas trevas e escutam o medo vazando da pedra. *Toda progressão de uma ordem superior para uma inferior é marcada por ruínas e mistério e o resíduo de uma cólera anônima.* Seja. Eis os pais dos mortos. Seus espíritos estão sepultados na rocha. Jazem sobre a terra com o mesmo peso e com a mesma ubiquidade. Pois todo aquele que ergue um abrigo de caniços e peles uniu seu espírito ao destino comum das criaturas e afundará de volta na lama primordial quase sem um gemido sequer. Mas aquele que constrói na pedra busca alterar a estrutura do universo e tal se deu com esses pedreiros por mais primitiva que sua obra possa nos parecer (McCarthy, 2020, p. 155, grifos do autor).

Essa é a reflexão que Holden faz após terminar uma antiga parábola sobre um velho homem recém-chegado naquelas terras.

A breve menção do juiz aos ancestrais de um dos povos dos Estados Unidos confirma o genocídio indígena praticado durante os séculos, além da sua descrição ser influenciada por sua ideologia, com base no *Destino Manifesto*, e crença de progressão de raças superiores sobre raças inferiores, o que forçou os indígenas a lutarem para manter viva a memória de sua raça e de seu povo.

Cormac McCarthy utiliza a descrição para acentuar o efeito dramático e a sequência dos acontecimentos na narrativa de *Meridiano de Sangue*. Gérard Genette cita descrição como “*ancilla narrations*” (2013, p. 263), ou seja, ela possui uma posição secundária na narrativa, porém sua utilização é essencial. Isto posto, a descrição consegue ser independente da narração, enquanto que esta não. Como posto por Genette, a descrição é uma

escrava sempre necessária, mas sempre submissa, jamais emancipada. Existem gêneros narrativos, como a epopeia, o conto, a novela, o romance, em que a descrição pode ocupar um lugar muito grande, e mesmo materialmente o maior, sem cessar de ser, como vocação, um simples auxiliar da narrativa. Não existem, ao contrário, gêneros descritivos, e imagina-se mal, fora do domínio didático, uma obra em que a narrativa se comporta como auxiliar na descrição (2013, p. 265).

Seguindo com Genette (2013, p. 265), a descrição possui duas funções diegéticas. A primeira é meramente decorativa, enquanto que a segunda tem caráter mais explicativo e representativo, pois “revelam e justificam a psicologia dos personagens, dos quais são ao mesmo tempo signo, causa e efeito” (Genette, 2013, p. 266).

Com a mudança da descrição decorativa para uma descrição mais expressiva e intensa, houve uma divisão importante de procedimentos entre o narrar e o descrever, pelo menos até o início do século XX, conforme aponta Genette (2013, p. 266), para reforçar o domínio narrativo.

Georg Lukács no ensaio *Narrar ou descrever*, acompanha essa mudança no papel da descrição e a coloca como “quadros que se

colocam uns ao lado dos outros, mas que se mantêm isolados, do ponto de vista artístico” (Lukács, 2000, p. 70), enquanto que a

verdadeira arte narrativa, a série temporal dos acontecimentos é recriada artisticamente e tornadas sensíveis por meios bastante complexos. É o próprio escritor que, na sua narração precisa mover-se com maior desenvoltura entre passado e presente, para que o leitor possa ter uma percepção clara do autêntico encadeamento dos acontecimentos épicos, do modo pelo qual estes acontecimentos derivam uns dos outros (Lukács, 2000, p. 69).

Após a análise de descrição e de narração em obras selecionadas no seu ensaio, Lukács (2000, p. 50) aponta para uma análise relacionada aos textos que nos são oferecidos pela narrativa e pela descrição. O teórico indica que o narrar envolve a participação do escritor e o descrever uma simples observação.

A direção da presente discussão está apontando para a inferiorização da descrição diante da narração, porém Genette e Lukács concordam que ela é essencial e integradora da criação artística do objeto literário. Apesar de ser considerada uma escrava submissa sempre necessária na narração, Lukács não alude a uma possível extinção da descrição para uma supremacia da narração. Para ele (2000, p. 55), a descrição é necessária quando funciona como um artifício que corrobora a tensão, ou seja, o drama. Os dois (tensão e drama) podem ser enfatizados pela descrição do espaço e do ambiente onde as personagens transitam, relacionam-se com outras personagens ou com o próprio espaço e vivem seus conflitos. Assim a descrição, no gênero narrativo, “pode ser utilizada para acentuar um tipo de contexto, revelar uma atmosfera, um drama ou um conflito” (Frota, 2013, p. 30).

Mieke Bal (1991, p. 114), no seu ensaio *Description as Narration*, observa que a descrição não está restrita a apenas uma passagem descritiva em si. Seguindo com Bal, ela é funcional porque todos os detalhes estão relacionados ao todo, porque nada é supérfluo, irrelevante ou sem sentido. A descrição, continua Bal, é um texto

que se integra à narrativa em que aparece, e a sua função não está sempre limitada à ilustração de significados que já estão presentes no texto.

Bal (1991, p. 132) também argumenta que a descrição é a própria narrativa, ou seja, ela é parte constituinte no desenvolvimento do mundo diegético. Desta forma, e tendo em vista *Meridiano de Sangue*, a descrição dos espaços e dos seus integrantes, através do uso de adjetivos, como elementos que acentuam e geram opiniões sobre o deserto e seus habitantes, mostram ao leitor a opinião e o posicionamento ideológico do narrador e das personagens em relação ao que está sendo observado: “Os adjetivos utilizados pelo narrador são como que espelhos da alma das personagens” (Frota, 2013, p. 39).

A descrição dentro da obra de McCarthy também tem a utilidade de acentuar o efeito dramático conforme a narrativa transcorre. Analisemos a primeira passagem de kid por uma cidade mexicana no início de sua viagem para o Oeste:

Viu uma trupe de dançarinos na rua e usavam roupas *espalhafatosas* e gritavam em espanhol. [...] Velhos sentavam ao longo da parede da taverna e crianças brincavam na terra. Usavam roupas *estranhas* todos eles, os homens com *chapéus escuros de copa achatada*, *camisões brancos*, *calças de abotoar na lateral das pernas* e as meninas *com os rostos pintados de cores berrantes e pentes de tartaruga nos cabelos negros violáceos* (McCarthy, 2020, p. 28, grifos do autor).

Kid estava em terras estrangeiras, desconhecidas e com uma cultura completamente diferente. Ao observar o seu entorno, ele percebe a distinção de costumes que ele, talvez, não estivesse habituado no seu país de origem. No entanto, os adjetivos destacados no trecho citado geram um sentimento de estranheza por parte do narrador. Isso porque, até esse ponto da narrativa, kid estava perdido e não tinha noção da tensão política entre os Estados Unidos e o México, até conhecer o capitão White e ele doutrinar kid a respeito do México, dos mexicanos, dos indígenas, dos mestiços

e dos negros com sua crença no *Destino Manifesto*. A partir de então, toda referência ao deserto e aos seus elementos na narrativa de *Meridiano de Sangue* é feita através de um tom ameaçador, pejorativo e pessimista. A primeira observação de kid, agora incorporado à ideologia *WASP*, em relação aos indígenas, ilustra o este pensamento:

Atravessaram uma praça lotada de carros e gado. Com imigrantes e texanos e mexicanos e com escravos e índios lipans e delegações de karankawas altos e austeros, os rostos tingidos de azul e as mãos segurando os cabos de suas lanças de dois metros de comprimento, *selvagens seminus que com suas peles pintadas e seu assim propalado gosto por carne humana pareciam presenças absurdas até mesmo naquele grupo fantástico* (McCarthy, 2020, p. 44, grifos do autor).

É através dessas descrições depreciativas e difamatórias que o narrador de *Meridiano de Sangue* acentua o efeito dramático da narrativa. Analisemos outras duas situações. A primeira é a aproximação dos Comanches e a segunda é o primeiro ataque dos mercenários da *Glanton Gang* a uma comunidade mexicana na região de fronteira:

Os últimos tocadores surgiam agora em meio à poeira e o capitão gesticulava e gritava. Os pôneis haviam começado a se desviar da manada e os tocadores abriam caminho às chicotadas na direção dessa companhia armada que cruzava seu caminho na planície. Já se podia ver por entre a poeira pintados sobre o couro dos pôneis asnas e mãos e sóis nascentes e pássaros e peixes de todos os feitios como vestígios de trabalho antigo sob o selante de uma tela e agora também se podia ouvir acima do martelar dos cascos desferrados o sopro das quenás, flautas de ossos humanos, e alguns dentre a companhia começaram a olhar para trás em suas montarias e outros a se atropelar em confusão quando de um ponto além daqueles pôneis assomou uma horda fantástica de lanceiros e arqueiros a cavalo portando escudos adornados com pedaços de espelhos quebrados que lançavam mil sóis fragmentados contra os olhos de seus inimigos (McCarthy, 2020, p. 59).

E:

Quando Glanton e seus *oficiais* voltaram à carga contra a aldeia as pessoas fugiam sob os cascos dos cavalos. [...] Havia no acampamento uma certa quantidade de escravos mexicanos e estes saíram correndo gritando em espanhol e tivera a cabeça esmagada ou foram abatidos com tiros e um dos *delawares* emergiu da fumaça segurando um bebê nu em cada mão [...] e os balançou pelos calcanhares um de cada vez e esmagou suas cabeças contra as pedras de modo que os miolos espirraram pela fontanela em um vômito sanguinolento e humanos pegando fogo corriam dando guinchos berserkers e os *cavaleiros* os abatiam com seus facões e uma jovem correu e abraçou as patas dianteiras ensanguentadas do *cavalo de batalha* de Glanton (McCarthy, 2020, p. 166, grifos do autor).

São duas situações cujo desfecho é o mesmo: muita violência e muitas mortes. Entretanto, a acentuação dramática na primeira descrição é mais intensa, porque são os integrantes do exército do capitão White os responsáveis por nos informar o que está vindo ao encontro deles. Sendo assim, a descrição dos indígenas e o que eles fazem é feita sob o ponto de vista deles, sendo essa observação nada agradável para eles e conseqüentemente para o leitor. Além do mais, eles estão encurralados e sabem que vão morrer: “Oh meu deus” (McCarthy, 2020, p. 60) é a fala de espanto e de derrota do sargento do exército antes do ataque comanche. Por fim, na primeira situação, os saxônicos não tiveram chance de agir e por conta disso a descrição está focada inteiramente no espanto que tiveram ao ver os indígenas e no que eles vão fazer. O trecho está descrito em quatro páginas, divididas em três longos parágrafos, cujos efeitos dramáticos ficam ainda mais agudos até o último homem branco cair morto.

A segunda situação é tida pelo narrador como uma “carnificina generalizada” (McCarthy, 2020, p. 166). Na verdade, o trecho em questão é exatamente o oposto do primeiro. Aqui são os colonizadores que encurralam “o acampamento onde dormiam mais de mil pessoas” (McCarthy, 2020, p. 165). O narrador parece

se omitir diante da carnificina provocada pelos mercenários e assume o efeito dramático da narração somente quando um indígena Delaware, integrante da gangue, aparece com os bebês nas mãos e os matam. Os termos destacados utilizados na descrição, associados ao bando, também demonstram que eles estavam lá para fazer o que tinha que ser feito, pois pela perspectiva do narrador, eles “são cavaleiros e oficiais que montam cavalos de batalhas e que abatem os outros”. O sanguinário e selvagem é o índio Delaware.

Algumas atitudes dos mercenários são colocadas em questão na narrativa, e até mesmo são inaceitáveis pelos próprios membros da gangue, principalmente quando o Juiz Holden e os seus atos de crueldade passam a ser o foco da narrativa de *Meridiano de Sangue*. A mesma criança que abraçara as patas do cavalo de Glanton e os acompanhara pelo deserto é, mais tarde, escalpelada pelo juiz, conforme descrição a seguir:

O juiz sentava com o menino apache diante do fogo e a criança observava tudo com seus olhos negros de frutos silvestres e alguns homens brincavam com ela e a faziam rir e davam-lhe charque e ela ficava sentada mastigando e observando com ar sério as figuras que passavam acima dela. Cobriram-na com uma manta e pela manhã o juiz a embalava em um joelho enquanto os homens selavam seus cavalos. Toadvine o viu com a criança ao passar com sua sela mas quando voltou dez minutos depois puxando o cavalo a criança estava morta e o juiz tirara seu escalpo. Toadvine encostou o cano da pistola no imenso domo da cabeça do juiz.

Holden, seu desgraçado (McCarthy, 2020, p. 174).

Os trechos supracitados mostram as diferentes intensificações dos elementos dramáticos propostos pelo narrador de *Meridiano de Sangue* e que perduram durante toda a narrativa. Além disso, outra característica do estilo de escrita de Cormac McCarthy, também perceptível em *Meridiano de Sangue*, é a utilização da descrição para dar sequência às suas narrativas. Voltemos ao início do romance e

observemos o momento em que o narrador descreve a chegada de kid no Oeste:

Agora são chegados os dias de mendicância, dias de roubo. Dias de cavalgar aonde nenhuma outra alma se aventurou senão ele. Deixou para trás a *terra dos pinheirais* e o sol crepuscular desce perante sus olhos e além de uma baixada sem-fim e a escuridão cai por aqui como um estrondo de trovão e um vento gelado faz o mato bater os dentes. O céu noturno espria-se tão coberto de estrelas que mal há espaços negros e elas caem à noite em arcos melancólicos e são em tal quantidade que seu número não diminui (McCarthy, 2020, p. 21, grifos do autor).

Nesta citação, a descrição aponta para o que acontecerá com kid ao longo da narrativa. Ele deixou para trás a “terra dos pinheirais”, ou seja, o que ele e o narrador consideram como a civilização naquele “novo continente”, para uma vida errante e de melancolia acentuada pelos espaços e pelas pessoas que ele cruzará neste mundo que lhe é desconhecido. Como é o kid quem está nas terras além dos pinheirais, e o foco da narrativa no primeiro momento da história está nele, a descrição feita do Oeste aponta para um mundo violento, selvagem e desconhecido.

A desolação com a qual os desertos do Oeste dos Estados Unidos e do México são descritos direcionam para uma sequência narrativa cada vez mais violenta. Ao descrever situações completamente bárbaras, o narrador está preparando o leitor para uma cena de batalha sanguinária ainda mais brutal. É o caso do Apache mumificado pendurado em uma cruz antes da batalha dos mercenários na balsa de Yuma:

Em uma elevação no extremo oeste da playa eles passaram por uma rústica cruz de madeira onde maricopas haviam crucificado um apache. O cadáver mumificado pendia de seu mastro com a boca escancarada num buraco brutal, uma coisa de couro e osso areada pelos ventos abrasivos de púmice vindos do lago e com a branca

armação das costelas entrevedo-se pelos farrapos de pele que pendiam de seu peito. Seguiram em frente (McCarthy, 2020, p. 259).

Outro momento de sequência descritiva durante a narrativa são os acontecimentos que antecedem a morte de kid. É um encadeamento de acontecimentos narrados que culminam com o último olhar de kid para o céu noturno e para as estrelas. Os mesmos astros que observaram sua chegada no Oeste e o acompanharam por aquelas terras, são os mesmos que presenciaram seu fim:

A chuva cessara e o ar estava frio. Ele parou no pátio. Estrelas riscavam o céu em miríades e ao acaso, precipitando-se ao longo de breves vetores desde suas origens na noite até seus destinos no pó e no nada. [...] Ele se meteu pelo passeio de tábuas rumo às latrinas [...] e olhou outra vez para os rastros silenciosos das estrelas morrendo acima das colinas escuras. Então abriu a rústica porta de tábuas das latrinas e entrou.

O juiz estava na retrete. Estava nu e se levantou sorrindo e o apertou nos braços contra sua carne imensa e terrível e depois fechou a tranca às costas dele (McCarthy, 2020, p. 348).

Os últimos três trechos aqui destacados da narrativa de *Meridiano de Sangue*, além de ilustrarem um dos recursos de descrição utilizados por McCarthy no romance, demonstram as mudanças de foco narrativo que acontecem no decorrer da história. Como exposto no subcapítulo anterior, os acontecimentos de *Meridiano de Sangue* estão divididos em três partes e o narrador não centraliza a narrativa apenas em kid. O que nos faz entender que ele não é a personagem principal da obra, mas aquele que, em um primeiro momento, dará as primeiras impressões do Oeste dos Estados Unidos e do México, bem como seus elementos para o leitor. Em um segundo momento, a narrativa aponta seu foco para a *Glanton Gang* e, principalmente, para a personagem do Juiz Holden, enquanto que o kid, por vários capítulos desaparece da história, mesmo após se tornar um mercenário. Quando a narrativa

está prestes do fim, o foco dela retorna para kid e o juiz ao mesmo tempo, até kid ser assassinado e o narrador dedicar-se exclusivamente a Holden.

As discussões feitas acerca da descrição na literatura de Cormac McCarthy e em *Meridiano de Sangue*, apontam para um narrador onisciente, parcial e subjetivo, cujas impressões e escolhas lexicais afetaram na descrição dos indígenas, do Oeste, do México, dos mexicanos, das mulheres, dos negros e de todos aqueles renegados pela história oficial que estão além dos pinheirais que dividia o mundo civilizado do selvagem. A cada descrição feita pelo narrador é possível identificar o posicionamento ideológico dele, tendo em vista o contexto conservador o qual a narrativa está ambientada. Apesar de *Meridiano de Sangue* ser um romance revisionista, a história é contada pelo ponto de vista dos saxões, ou seja, através da perspectiva do homem branco e cristão.

Ana Lopes e Carlos Reis (2001, p. 258) definem o narrador como autor textual, uma entidade fictícia a quem, no mundo ficcional, cabe a responsabilidade principal de enunciar o discurso da narrativa. Os autores ainda pontuam que ele é “detentor de uma voz observável ao nível do enunciado por meio de intrusões, vestígios mais ou menos discretos da sua subjetividade, que articulam uma ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas” (2001, p. 259). Complementando a definição dos autores, o narrador é responsável por controlar o universo ficcional, sendo capaz de manipular os eventos expostos, as personagens, o tempo e os espaços.

Diante do exposto, e tendo em vista *Meridiano de Sangue*, a perspectiva narratológica proposta para análise diz respeito às motivações ideológicas do narrador para a caracterização dos espaços, das personagens e do seu julgamento direcionado a eles durante a narrativa para, então, discutir a parcialidade do narrador no romance.

Iniciamos a discussão sobre os aspetos do narrador com o teórico francês Jean Pouillon que, no seu livro *O tempo no romance*,

faz um estudo sobre a parcialidade do narrador ao criar três tipologias de foco narrativo: “visão com”, “visão por trás” e “visão de fora” (Pouillon, 1974, p. 54). Na “visão com”, uma única personagem “será o centro do relato” (Pouillon, 1974, p. 61). Em relação à “visão por trás”, o narrador “não está no mundo que descreve a obra, mas ‘atrás’ dele, como um demiurgo ou como um espectador privilegiado que conhece de antemão o que vai acontecer” (Pouillon, 1974, p. 70). Por fim, “na visão de fora” o narrador tem uma “conduta materialmente observável” (Pouillon, 1974, p. 83).

Prosseguindo com a discussão sobre o narrador, Maurice-Jean Lefebve amplia o debate a partir dos seus estudos sobre as “visões” apresentadas por Pouillon, em *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. O teórico discorda de Pouillon quando este não considera outras narrativas em que o foco é alterado conforme aparecem novas personagens na história.

Lefebve (1980) acentua que todas as “visões” não passam de padrões estipulados por Pouillon e que a narrativa “nunca nos fornece senão precisamente uma visão, isto é, uma perspectiva necessariamente incompleta, lacunar, anamarfoseada de um certo real” (Lefebve, 1980, p. 186). O seu foco é alterado conforme o narrador acrescenta outras personagens trazendo novas perspectivas em relação ao que é observado e, conseqüentemente, exposto. Assim, “a narrativa será sempre de um determinado ponto de vista. A própria escolha do assunto que será tratado já é em si um ato parcial, que denota a preferência do narrador por este ou aquele assunto” (Frota, 2009, p. 22).

Isto posto, é possível concordar que, de modo geral, as narrativas se caracterizam através de determinado ponto de vista, ou seja, por determinado foco narrativo. Agora, retornemos a *Meridiano de Sangue* e indaguemos sobre o repentino e longo desaparecimento de kid na narrativa. Por que o narrador decide mudar o foco dele para o juiz? A resposta que melhor dialoga com os teóricos é que Holden, e até mesmo Glanton e outros integrantes da gangue, dialogam com a sua ideologia, ou seja, seu ponto de

vista enquanto narrador. Ambos, narrador e personagens, possuem um ideal e opiniões acerca do lugar onde estão. Levemos em consideração também o fato de *Meridiano de Sangue* ser um romance histórico em que a narrativa é contada pelo ponto de vista dos vencedores. Logo, a focalização denotará uma escolha daquilo que o narrador vê e escolhe narrar.

Retornemos as primeiras linhas de *Meridiano de Sangue* e observemos o que o narrador oculta propositalmente sobre o que está além dos “pinheirais”: “Lá fora estão os escuros campos arados entremeados de fiapos de neve e além deles as florestas ainda mais escuras que abrigam uns poucos lobos remanescentes” (McCarthy, 2020, p. 9, grifos do autor).

Segundo o narrador, o primeiro ano datado no romance é 1833. Se há campos e eles foram arados, então outras pessoas já passaram por aquele lugar, até mesmo antes de 1833 e expandiram a terra destruindo a fauna e a flora da região, deixando poucos lobos remanescentes.

Agora examinemos a descrição de uma igreja atacada e destruída pelos indígenas:

Não havia bancos na igreja e no piso de pedras estava uma pilha de corpos escarpados e nus e parcialmente comidos das cerca de quarenta almas que haviam se entrincheirado naquela casa de Deus contra os *pagãos*. Os *selvagens* haviam aberto buracos no telhado e os abateram ali do alto e o chão estava coberto de hastes de flechas partidas usadas para arrancar as roupas dos mortos. Os altares haviam sido derrubados e o sacrário saqueado e o *grande Deus adormecido dos mexicanos* extirpado de seu cálice dourado. As pinturas primitivas de santos em suas molduras pendiam tortas nas paredes como se um terremoto houvesse afligido o lugar e um *Cristo morto* em um esquite de vidro estava em pedaços no chão (McCarthy, 2020, p. 68, grifos do autor).

A passagem acima é composta por detalhes que foram omitidos pelo narrador quando ele se referiu aos campos arados e aos poucos lobos remanescentes anteriormente. São dois exemplos

em que o narrador possui o controle diegético, sendo ele o próprio demiurgo, ao escolher aquilo que quer narrar e a forma como vai descrever os eventos. No acontecimento da igreja, as escolhas lexicais são depreciativas e esses tipos de adjetivos são utilizados pelo narrador até as últimas páginas do romance. Há também uma tonalidade de indiferença e superioridade do narrador, pois o Deus e o Cristo dele não são os mesmos dos mexicanos. O narrador apenas descreve a igreja e os mortos porque de alguma forma kid foi parar naquele vilarejo destruído. Para o narrador, o que aconteceu na igreja é tão desprezível que na sequência da narrativa ele reforça que kid estava procurando comida e que passaria a noite entre os cadáveres para se proteger de um novo ataque indígena.

Enquanto o foco da narrativa está em kid, o narrador se preocupa em caracterizar o Oeste e seus elementos, como também apresentar uma das principais temáticas do romance que é a violência dos colonizadores contra os indígenas e os mexicanos. Os primeiros trechos narrados de escalpos presenciados por kid foram cometidos pelos indígenas, porém na cidade de Chihuahua o narrador informa que não eram apenas eles quem tiravam os escalpos:

passaram pelo palácio do governo e depois pela catedral onde urubus se acoravam ao longo dos entablamentos empoeirados e entre os nichos na fachada esculpida bem ao pé das estátuas do Cristo e dos apóstolos, as aves ostentando suas próprias vestes negras em posturas de estranha benevolência enquanto em torno delas adejavam ao vento os escalpos secos dos índios massacrados pendurados em cordas, os cabelos longos e cinzentos ondulando como filamentos de criaturas marinhas e os couros cabeludos ressecados batendo contra as pedras (McCarthy, 2020, p. 80).

É a partir desse momento que a narrativa passa de kid para os mercenários da *Glanton Gang*. Eles são os responsáveis pela propagação da barbárie no Oeste e contra seus habitantes. O narrador de *Meridiano de Sangue* revela as atrocidades cometidas

pelos WASPs. Ele mantém sua subjetividade, mas enquanto o foco está nos mercenários, ele também denuncia e tenta justificar os constantes atos de crueldade com os pensamentos do Juiz Holden:

a guerra é a forma mais legítima de divinação. Significa por à prova a vontade de um indivíduo e a vontade de outro no contexto dessa vontade mais ampla que, ao ligar as deles, é por conseguinte forçada a selecionar. A guerra é o jogo supremo porque a guerra é em última instância um forçar da unidade da existência. A guerra é deus (McCarthy, 2020, p. 262).

Sobre o Oeste, o ponto de vista do narrador provoca repúdio a região e os seus elementos. O espaço é apocalíptico e conforme os mercenários marchavam pelo deserto, deparavam-se com composições espaciais caracterizada pela atmosfera sombria de morte e de violência:

Cinco carroções fumegavam no solo do deserto e os cavaleiros desmontaram e caminharam em silêncio entre os corpos dos argonautas, aqueles probos peregrinos sem nome entre as pedras com seus terríveis ferimentos, as vísceras esparramando-se por seus flancos e os troncos nus crivados de flechas. Alguns pela barba eram homens e contudo ostentavam entre as pernas chagas menstruais e não as partes masculinas pois estas haviam sido amputadas e pendiam escuras e estranhas de suas bocas sorridentes. Em suas perucas de sangue seco jaziam contemplando com olhos de macaco o irmão sol agora subindo a leste (McCarthy, 2020, p. 163).

O narrador de *Meridiano de Sangue* começa a denunciar os atos dos mercenários a partir do capítulo 13. Com contrato fechado, eles precisavam coletar os “comprovantes” de que o serviço havia sido feito para receber o pagamento. Dessa forma, “vagaram pela fronteira por semanas à procura de algum sinal dos apaches” (McCarthy, 2020, p. 182). Sem sucesso, eles atacaram inúmeros vilarejos em territórios mexicanos para conseguir escalpos.

A cidade seguinte em que passaram ficava a dois dias de distância pelas sierras. Nunca souberam como se chamava. Uma sucessão de barracos de lama erguidos no planalto inóspito. Quando chegaram as pessoas correram deles como bichos assustados. Os gritos que davam uns para os outros ou talvez sua visível fragilidade pareceu incitar alguma coisa em Glanton. Brown o observou. Ele instigou o cavalo e sacou a pistola e o pueblo sonolento foi esmagado incontinente numa carnificina dantesca. Muitos haviam corrido para a igreja onde se ajoelhavam agarrando o altar e desse refúgio foram arrastados aos uivos um a um e um a um foram trucidados e escapelados ali mesmo sobre o piso (McCarthy, 2020, p. 192).

Quando os mercenários são praticamente dizimados na batalha de Yuma, percebemos que o foco da narrativa é alterado novamente e retorna para, o agora mais velho, kid. Ao descrever kid nas páginas finais do romance, o narrador alude a uma redenção dessa personagem e simplesmente ignora os atos sanguinários de que participara, conforme a descrição a seguir:

Viaja pelo país de um lugar para o outro. Não evitava a companhia de outros homens. Era tratado com certa deferência como alguém que ajustara contas com a vida pagando mais do que seus anos teriam a dever. [...] Tinha consigo uma bíblia encontrada nos acampamentos de mineração e carregava com ele esse livro do qual não sabia ler uma única palavra (McCarthy, 2020, 326).

Os últimos capítulos do romance também direcionam sua focalização para o Juiz Holden. Este, mesmo após 28 anos das atrocidades cometidas pelo deserto, mantém suas convicções e crenças acerca do imperialismo em que ele e seu país estavam predestinados:

Quanto mais a guerra cai em desonra a sua nobreza é questionada, mais esses homens horados que reconhecem a santidade do sangue vão ser excluídos da dança, que é o direito do guerreiro, e por isso a dança vai se tornar uma falsa dança e os dançarinos falso dançarinos.

E contudo haverá aquele que é um autêntico dançarino (McCarthy, 2020, p. 346).

O narrador dá voz a Holden que usa a metáfora da dança e dos dançarinos para glorificar a guerra e os que lutaram nela. No entanto, ele acredita que há falsas danças e falsos dançarinos. Para ele, o propósito principal da sua guerra, a propagação do destino de superioridade e do homem predestinado, fora perdido, mas sua essência permanece no autêntico dançarino, isto é, o próprio juiz. O narrador concorda com essa argumentação e finaliza o romance informando que “ele nunca dorme. Ele está sempre dançando. Ele diz que nunca vai morrer” (McCarthy, 2020, p. 350).

As discussões acerca da teoria narratológica, que envolveram a descrição, a tipologia do narrador e o foco narrativo, auxiliaram no entendimento acerca do ponto de vista e do posicionamento ideológico do narrador na obra *Meridiano de Sangue*. A narrativa histórica contada sob a ótica dos saxões direciona o prosseguimento deste livro para sua historiografia. Será discutido de que forma a colonização do Oeste estadunidense ocorreu no século XIX e como a tonicidade do discurso *WASP* foi acentuada através do *Destino Manifesto*, com o reforço das artes e das políticas governamentais dos Estados Unidos na época. Mais adiante, será questionado a forma de “americanização” feita pela fronteira estipulada pela historiografia conservadora do país. A Nova História do Oeste será utilizada para revisar o discurso conservador sobre a região e dialogar com *Meridiano de Sangue*. No que se refere aos massacres cometidos contra minorias étnicas na região de fronteira e no Oeste, uma apresentação de uma visão mais equilibrada do processo de domesticação da fronteira e de expansão territorial ocorrida nos Estados Unidos será analisada.

CAPÍTULO II
A REGENERAÇÃO ATRAVÉS DA
VIOLÊNCIA: A PESQUISA
HISTORIOGRÁFICA NO
ROMANCE

2.1. Em direção ao Oeste: a invasão da região no século XIX

Todas as outras coisas, o amor, a democracia, a luta pelo desejo, é uma espécie de brincadeira. O espírito americano essencial é cruel, isolado, estoico e um assassino.²¹

D. H. Lawrence – *Studies in Classic American Literature*

A invasão dos colonizadores europeus no território hoje conhecido como os Estados Unidos não foi em busca do novo mundo ou por um começo de uma nova vida. Os colonizadores queriam estabelecer os mesmos costumes antigos dos seus países de origem em um território diferente. No entanto, eles se depararam com um ambiente distinto daquele idealizado, isto é, o paraíso edênico. A região já era habitada por povos de diferentes procedências, que já possuíam crenças, culturas e organizações sociais completamente diferentes das deles. Então, os colonizadores passaram a ter um entrave no processo de expansão territorial em direção a região Oeste dos Estados Unidos e foram forçados a reinventar seus destinos e suas histórias após o contato com os indígenas e com a natureza:

Os europeus que colonizaram o Novo Mundo possuíam na época de sua chegada uma mitologia derivada da história cultural dos seus países e receptiva as necessidades psicológicas e sociais da sua antiga cultura. As novas circunstâncias forçaram novas perspectivas, novos autoconceitos e uma nova concepção do mundo sobre os colonos (Slotkin, 2000, p. 15)²².

²¹ All the other stuff, the love, the democracy, the floundering into lust, is a sort of by-play. The essential American soul is hard, isolate, stoic, and a killer.

²² The Europeans who settle the New World possessed at the time of their arrival a mythology derived from the cultural history of their home countries and responsive to the psychological and social needs of their old culture. Their new

Seguindo com Richard Slotkin (2000, p. 21), os colonizadores se aproveitaram desta nova circunstância para criar histórias de batalhas contra os indígenas e para se vangloriar dos seus atos de heroísmo e da sua superioridade em relação a estes povos, como forma de estabelecer e expandir o que eles entendiam como civilização e seus preceitos religiosos.

Richard Slotkin, em *Regeneration Through Violence*, dedica o primeiro capítulo do seu livro ao percurso histórico da criação do mito do Oeste e do seu herói, cuja representatividade valorizaria os feitos dos colonizadores naquelas terras. O autor, no mesmo capítulo, também enfatiza a contribuição da literatura criada e desenvolvida nos Estados Unidos, como reforço desses mitos no imaginário estadunidense. Slotkin, assim como Cormac McCarthy, utiliza a palavra “violência” para denunciar, explicar e mostrar como aconteceu a invasão do Oeste desde os primeiros colonizadores até meados do século XIX.

Slotkin, referindo-se ao mito do Oeste, explica que ele é “a concepção da América como um enorme campo aberto de oportunidades ilimitadas para que o indivíduo corajoso, ambicioso e autossuficiente abra caminho para chegar ao topo” (2000, p 5)²³. Reportando-se aos colonizadores, ele fundamenta que a intenção deles era de “regenerar suas fortunas e o poder da sua igreja e da sua nação, mas os meios para essa regeneração acabaram se tornando os meios da violência” (Slotkin, 2000, p. 5)²⁴. O teórico prossegue seu pensamento sobre o herói norte-americano como “o amante do espírito do *wilderness* e seus atos de amor e de afirmação

circumstances forced new perspectives, new self-concepts, and new world concepts on the colonists.

²³ The conception of America as a wide-open land of unlimited opportunity for the strong, ambitious, self-reliant individual to thrust his way to the top.

²⁴ To regenerate their fortunes, their spirits, and the power of their church and nation; the means to that regeneration ultimately became the means of violence.

sagrados são atos de violência contra esse espírito e seus avatares” (Slotkin, 2000, p. 22)²⁵.

A abordagem romântica que a historiografia oficial dos Estados Unidos, e até mesmo parte da sua literatura, trata o período de expansão territorial em direção ao Oeste como enaltecendo as expedições de “explorações” patrocinadas pelo governo federal do país e os grandes feitos dos colonizadores no século XIX, tidos como pioneiros na direção noroeste e centro-oeste do país. No entanto, a história oficial dos Estados Unidos omite que a região sudoeste ainda não havia sido completamente “explorada” por questões geográficas e climáticas, além da grande população indígena na área. Essa historiografia faz questão de omitir a praticamente dizimação indígena na região fronteira entre Estados Unidos e México por parte dos “exploradores” e a propagação da barbárie praticada pelos colonos, na sua maioria anglo-saxônicos. Diante do exposto, a presente discussão passa a enveredar para dois questionamentos: quem foi o responsável pela criação dessa história oficial e como ela se oficializou na sociedade estadunidense?

A história dos Estados Unidos defendia duas vertentes diferentes para explicar o desenvolvimento do país. A primeira delas afirmava que a origem do mundo anglo-saxônico estava na Alemanha e os Estados Unidos eram como uma continuação da sociedade que se desenvolveu na Inglaterra. A segunda afirmava que o desenvolvimento estadunidense explicava-se por conta do conflito econômico entre Norte e Sul do país e do fim da escravidão. Assim, com o Norte vencedor após a guerra civil o sucesso econômico do país ficava mais evidente.

As duas vertentes foram superadas no ano de 1893 pelo historiador Frederick Jackson Turner, cuja relevância das suas obras se configura ainda hoje como uma importante referência conservadora da interpretação da democracia dos Estados Unidos.

²⁵ The lover of the spirit of the wilderness, and his acts of love and sacred affirmation are acts of violence against that spirit and her avatars.

Turner ganha atenção e importância no círculo acadêmico após a leitura do seu ensaio *The Significance of the Frontier in American History* (1893) no congresso dos historiadores da *American Historical Association* (Associação Americana de História), sediado na Universidade de Chicago no mesmo ano.

Turner, como intelectual, “construiu uma obra que se tornou um marco na construção da ideologia da democracia americana” (Knaus, 2004, p. 10). O teórico ainda publicaria outros três livros em vida. São eles: *The Rise of the New World* (1905), *The Frontier in American History* (1920) e *Significance of Sectionalism in American History* (1932):

No campo da pesquisa, sua contribuição original destaca-se por ter inaugurado a utilização dos censos e das listas eleitorais como fonte histórica, que se combinam com referências a fontes tradicionais como discursos políticos, além de recorrer eventualmente a fontes literárias (Knaus, 2004, p. 11).

Turner, através da sua escrita, propunha uma nova interpretação para a história do seu país no final do século XIX. O teórico defendia que a formação da sociedade estadunidense devia-se à ação do *self-made man*, ou seja, o homem que se faz por conta própria, particularmente na região de fronteira e, conseqüentemente, no Oeste. O Oeste é o principal objeto de estudo e exploração nas obras de Turner, bem como o movimento de expansão da fronteira de colonização dos Estados Unidos: “O objeto interessa a Frederick J. Turner, sobretudo, porque ele permite uma compreensão original da democracia americana como fenômeno social” (Knaus, 2004, p. 13).

Dessa forma, Turner inicia seu principal ensaio afirmando que “a história americana foi em grande medida a história do Grande Oeste” (Turner, 2004, p. 23). Isto significa que parte do desenvolvimento dos EUA pode ser explicado a partir da análise da colonização nessa região, da busca de uma “área de terra livre” (Turner, 2004, p. 23). Essa referida “área de terra livre” é assinalada

por sua diferença conceitual se comparada ao modelo de desenvolvimento social europeu, pois que o Oeste é a terra do *wilderness* e que precisa ser domesticada. Dessa forma, a colonização, para o autor, nada mais foi do que a expansão da “civilização” que atravessou o país, do Leste para o Oeste, ligando por terra os oceanos Atlântico e Pacífico.

Turner explica que do século XVIII até o XIX a região Oeste dos Estados Unidos foi ganhando os mesmos padrões de civilização do Leste de acordo com os novos tipos de colonizadores que por lá transitaram. Década após década os pequenos povoados estabelecidos pelos europeus cresciam, bem como suas progressões políticas e sociais. Assim, para o autor “o Oeste começava a evoluir” (Turner, 2004, p. 27).

Os estágios da “evolução” do Oeste, propostos por Turner, começam a se desvincular da costa Leste dos EUA no século XIX quando as “minas de sal do Kanawha e de Holston e do Kentucky e de Nova York central e as minas de cobre e de ouro em Utah e na Califórnia são descobertas” (Turner, 2004, p. 37). Turner ainda apresenta outras razões que também impulsionaram as constantes invasões europeias por aquelas terras: “A exploração de animais selvagens levou caçadores e mercadores para o Oeste, a exploração dos pastos levou o rancheiro para o Oeste e a exploração do solo virgem dos vales dos rios e dos prados atraíram o lavrador” (Turner, 2004, p. 38).

Durante os estágios de “evolução”, o governo federal dos Estados Unidos propunha lotes de terras baratas para incentivar a expansão e a exploração das terras do Oeste durante o século XIX. A terra começou a se tornar um negócio lucrativo para o Estado e para os seus proprietários. A estratégia adotada era comprar a terra virgem, lavrá-la e revendê-la por um valor mais elevado para o novo emigrante. Este processo de compra e venda se estende até chegar ao seu limite na Califórnia.

Em um segundo ensaio intitulado *O problema do Oeste*, Turner (2004, p. 55) inicia seu trabalho indagando o leitor sobre o que foi o Oeste e o que ele representava na vida dos estadunidenses. Para ele

o Oeste era “uma forma de sociedade, mais do que uma área” (Turner, 2004, p. 55) e lá era uma a terra selvagem e com costumes primitivos, isto é, fora dos padrões considerados civilizados do Leste dos Estados Unidos. Ele representava liberdade, oportunidades de uma vida melhor, crescimento do país, novos ideais e o renascimento da sociedade estadunidense. A formatação social do Oeste foi construída, e por várias vezes reconstruída ao longo do século XIX, “com a combinação de instituições e ideais antigos e com a influência transformadora de terras livres” (Turner, 2004, p. 55).

Turner, no mesmo ensaio, ainda assegura que o Oeste representava a democracia e o progresso dos Estados Unidos, através da figura do *self-made man* ou homem da fronteira. Esse homem, que posteriormente viria a ser o herói do Oeste e do país, representava uma classe menos favorecida, em comparação ao homem do Leste no início do século XIX. O motivo dessa depreciação inicial por parte do Estado era motivado pela intenção do governo de estabelecer os mesmos padrões institucionais e sociais do Leste na região Oeste e desvalorizando o que estava sendo construído dentro do país. Para Turner, os produtos nacionais dos Estados Unidos enquanto nação estavam no Oeste e seus principais representantes eram os “pioneiros, em grande parte de origem não-inglesa – escoceses-irlandeses (*Scotch-Irish*) e alemães” (Turner, 2004, p. 56).

A democracia do Oeste, segundo Turner, incluía a liberdade individual, assim como a igualdade. O Oeste também era sinônimo de oportunidade:

A democracia do mais novo Oeste está profundamente marcada pelos ideais trazidos por esses imigrantes do Velho Mundo. Para eles, a América não era apenas um novo lar; era uma terra de oportunidades, de liberdade, de democracia. Significava para eles, assim como para os pioneiros americanos que os precederam, a oportunidade de destruir os grilhões das castas sociais que os acorrentavam em suas antigas práticas, traçar para si próprios, num novo país, um destino proporcional às forças que Deus lhe deu, a

chance de abrigar as suas famílias sob melhores condições e conquistar uma vida melhor do que a vida que deixaram para trás (Turner, 2004, p. 88).

Ainda sobre o homem do Oeste, Turner (2004, p. 62-63) reitera que ele acreditava no *Destino Manifesto* do seu país e que, apesar da sua natureza rude e grosseira, esse homem era um idealista, que tinha fé no outro, esperança na democracia e confiança ilimitada na sua capacidade de transformar seus sonhos em realidade. A força que o Oeste e esse homem representavam de um nacionalismo agressivo e de democracia ganhou mais representação e tonicidade com a eleição do sétimo presidente dos Estados Unidos, Andrew Jackson.

A resposta para o primeiro questionamento sobre o responsável pela criação da historiografia oficial dos Estados Unidos é Frederick Jackson Turner, cujos dois ensaios aqui expostos popularizaram as pesquisas do autor e fizeram suas obras serem tomadas como documentos oficiais do país até a década de 1980.

Reportando-nos novamente aos ensaios de Turner, pudemos identificar dois problemas. O primeiro engloba o projeto capitalista e político dos novos habitantes do Oeste quanto à aquisição, exploração e venda de uma terra que não pertencia aos colonizadores e nem ao Estado. Turner, ao referenciar dados do censo da sua época no seu primeiro ensaio, assume que haviam terras indígenas no Oeste e que elas foram “conquistadas” através de inúmeras batalhas contra os nativos. Isso nos faz pensar na contradição da afirmação “área de terra livre” que o autor utiliza para referir-se ao Oeste e nos faz afirmar que, diante de uma terra indígena habitada e de constantes ataques contra esses povos, houve usurpação de propriedade cometida através de violência contra os nativos sustentada pelo governo dos Estados Unidos em prol de uma farsa imperialista cunhada em uma crença defasada de um destino de divindade.

A segunda problemática também é uma contradição relacionada à evolução do Oeste, no que se refere aos mesmos

padrões de organização social advindos do Leste mencionado pelo teórico no segundo ensaio. O próprio Turner ratifica que o problema do Oeste são as antigas instituições e ideais que os homens do Leste queriam estabelecer no interior dos Estados Unidos até a costa Pacífica. O teórico também considera o fim da colonização do Oeste, no final do século XIX, justamente ao afirmar a intromissão científica e industrial dos representantes políticos da costa Leste.

As omissões e contradições da historiografia oficial dos Estados Unidos continuam com a forma como ela se oficializou no imaginário e na sociedade do povo estadunidense. A figura do antigo presidente Andrew Jackson e a sua “democracia” é a resposta para o segundo questionamento da nossa discussão sobre a invasão do Oeste no século XIX. A história militar de Jackson e a execução dos seus projetos políticos de expansão territorial em direção ao Oeste, nos ajudarão a compreender a construção e o desenvolvimento dos Estados Unidos através da violência e a analisar a sanguinária marcha das personagens de Cormac McCarthy em *Meridiano de Sangue*.

Andrew Jackson, diferente dos seus antecessores como presidente dos Estados Unidos, era o representante dos interesses do homem do Oeste. A sua origem não-inglesa e a sua criação longe dos costumes da costa Leste deram credibilidade a ele nas eleições de 1828. Entretanto, o status de herói do Oeste foi atribuído a Andrew Jackson quando ele foi general das forças armadas dos Estados Unidos na Batalha de Nova Orleans, ocorrida na Guerra Anglo-Americana em 1812.

A Guerra Anglo-Americana, ou Guerra de 1812, é considerada pela historiografia dos Estados Unidos como uma segunda independência do país, pois as forças armadas estadunidenses haviam resistido à potência militar que era o Reino Unido na época. A guerra foi motivada por uma disputa comercial entre os dois países. Apesar de passados 36 anos da independência estadunidense, os ingleses ainda possuíam o controle político, comercial e bélico da antiga colônia. Com a vitória na guerra, o

crescimento do nacionalismo e o orgulho do país aumentaram e com eles a popularidade de Andrew Jackson e dos grupos de milícia dos Estados Unidos.

A posse de Andrew Jackson como presidente em 1828 foi considerada pelos homens do Oeste e do Sul, e seus apoiadores de partido, como a abertura de uma nova era para os Estados Unidos. Andrew Jackson permaneceu como presidente do país até o ano de 1837 e teve seu mandato conhecido como a democracia Jacksoniana. A importância da contextualização relacionada ao sétimo presidente dos Estados Unidos para a apresentação historiográfica no romance auxiliará no entendimento dos atos de violência dos mercenários da *Glanton Gang* na região Oeste e dos patrocínios que esses grupos de milícias recebiam dos governantes das cidades de fronteira com o México em *Meridiano de Sangue*. As consultas às referências históricas sobre Andrew Jackson não coincidiram completamente com o propósito crítico e revisionista deste livro. Em vista disso, será tomado como referência a frase “democracia Jacksoniana” em contradição aos projetos políticos de remoção indígena (1830), da aquisição gratuita de terras públicas pelos colonizadores (1832) e na acentuação que o discurso do *Destino Manifesto* ganhou durante o seu mandato.

Antes de iniciarmos a análise dos projetos políticos de Andrew Jackson, precisamos entender o conceito da palavra democracia. Em consulta ao *Dicionário online de Português*, democracia é um regime onde os cidadãos se expressam livremente e não existe desigualdade e/ou privilégios entre eles.

Os indígenas que já habitavam o atual território dos Estados Unidos, não eram reconhecidos pelos invasores europeus como pertencentes àquelas terras. Richard Slotkin (2000, p. 42) no segundo capítulo de *Regeneration Through Violence*, explica a polarização de culturas e crenças entre os indígenas e os colonizadores desde os tempos puritanos (século XVII), fazendo com que estes adotassem políticas de extermínio contra os indígenas e realocassem os nativos em reservas indígenas a Oeste, conhecidas na época como “cidades

em oração” (Slotkin, 2000, p. 42)²⁶. O teórico finaliza o capítulo alegando que os colonizadores “queimavam as vilas dos seus inimigos, massacrando não apenas os guerreiros, mas também os feridos, as mulheres e as crianças; e vendendo seus prisioneiros para a escravidão” (Slotkin, 2000, p. 55)²⁷.

A perseguição indígena fica mais evidente quando Andrew Jackson promulga a Lei de Remoção dos Índios em 1832. De acordo com a historiografia oficial, o objetivo da lei era alocar todos os indígenas do Leste além do Vale do Mississipi, com a promessa de que as terras do Oeste lhes pertenceriam para sempre e assim abrir “cerca de 100 milhões de acres (aproximadamente 40 milhões de hectares)” (Sellers; May; McMillen, 1990, p. 142) para que os colonizadores pudessem arar e cultivar a terra e dar continuidade ao processo de expansão territorial do país.

A vista do exposto, questiono: a remoção indígena de suas terras foi um processo democrático? Se a democracia é um sistema social de igualdade e sem privilégios entre seus integrantes, como o governo de Andrew Jackson pôde ser considerado uma democracia se ele enxergava os indígenas como o principal problema para o desenvolvimento econômico e social dos Estados Unidos e os reassentaram em terras à Oeste do Mississipi, dando licença para que mercenários contratados pelo seu governo cometessem genocídio contra eles? Não seria essa uma “democracia” baseada na violência? A partir do momento em que a lei entrou em vigos, os indígenas foram brutalmente amontoados em uma única área batizada de Território Indígena e sem amparo legal de proteção contra novos ataques e mais usurpação de terras.

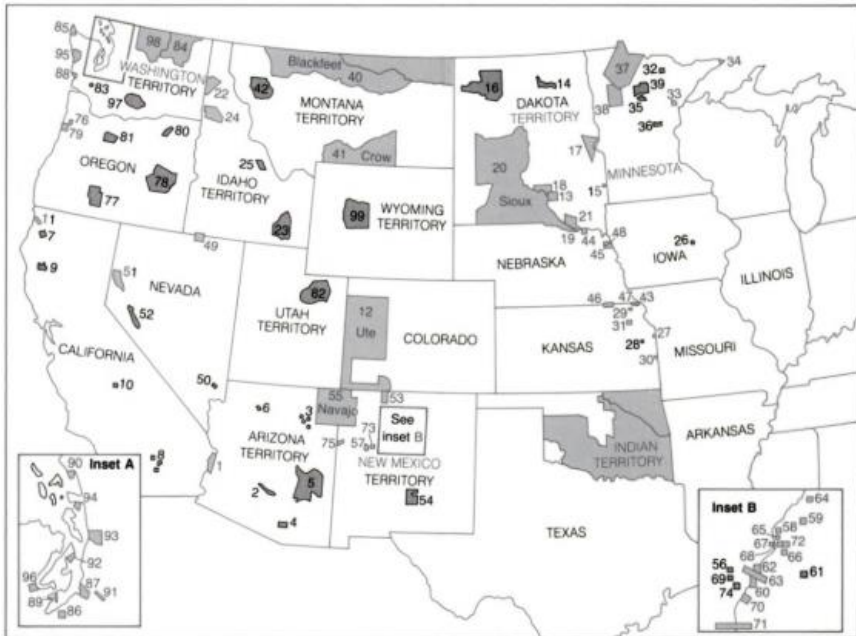
O evento conhecido como *Trail of Tears* (Trilha das lágrimas) foi responsável pela morte de mais de 20000 indígenas dos 60000 que foram forçados a essa migração imposta pelo governo

²⁶ Praying towns.

²⁷ Burning the villages of their enemies; slaughtering not only the warriors but also the wounded, the women, and the children; and selling their captives into slavery.

Jackson²⁸. A tribo dos “Seminóis na Flórida, que sob a liderança de Osceola, resistira às tentativas de remoção desde 1835, foi praticamente extinta por forças federais [...] a Guerra de Águia Negra (1832) acabara com a resistência índia e efetiva a colonização branca” (Sellers; May; McMillen, 1990, p. 142).

Figura 1 – Reservas indígenas



Fonte: White, Richard. A New History of the American West. Oklahoma, University of Oklahoma Press, 1991, p. 124

A ilustração do mapa acima mostra as reservas indígenas no Oeste representadas na cor cinza e com os nomes de algumas etnias (Sioux, Ute, Navajo e Crow), fora do Território Indígena (*Indian Territory*), em 1880. Nota-se que, ao final do século XIX, a população

²⁸ As informações foram obtidas através de um arquivo oficial do governo dos Estados Unidos e de um gráfico censo disponíveis em: <https://www.archives.gov/files/research/microfilm/m1773.pdf> e https://en.wikipedia.org/wiki/Trail_of_Tears.

indígena dos Estados Unidos foi praticamente dizimada. Na região sul e sudoeste do país, área onde *Meridiano de Sangue* está ambientado e local por onde os mercenários do romance de McCarthy transitam, praticamente não há presença indígena por conta da prática de caça e de venda de escalpos por parte dos colonos anglo-saxônicos, patrocinadas pelo governo federal. O plano político de extinção indígena não se limitou ao governo Jackson. Os sucessores ao cargo de presidente dos Estados Unidos, ao longo do século XIX, deram continuidade ao violento massacre indígena.

Entendemos então a “democracia” Jacksoniana como limitada aos descendentes de europeus e sem planos políticos e democráticos para indígenas, mestiços, mulheres, negros e qualquer outro elemento perseguido pelo seu governo. O que se desenvolve após a Lei de Remoção Indígena é o projeto nacional de expansão territorial justificado nos termos do *Destino Manifesto*, isto é, na crença de superioridade racial dos colonizadores estadunidenses contra qualquer outro tipo de raça dentro do território conhecido hoje como os Estados Unidos. Assim, comparando o conceito inicial de democracia com a frase “democracia Jacksoniana” e recortando estudos históricos, percebe-se que a ideia de democratização era, na verdade, uma liberação para o massacre indígena e que o principal problema do Oeste não era somente o *wilderness*, mas seus habitantes originários. Para que o propósito do ideal agrário, ecoado através do *Destino Manifesto*, obtivesse êxito era preciso desapropriar os indígenas de suas terras e reapropriá-las gratuitamente para as famílias dos colonizadores. Os novos “desbravadores” atuavam como forças destruidoras e violentas na região Oeste ao colocarem em prática os projetos políticos do governo de Andrew Jackson, o que está evidenciado em *Meridiano de Sangue*.

As fontes históricas oficiais exaltam o governo de Andrew Jackson e limitam-se a mencionar a Lei de Remoção Indígena como “um dos capítulos mais negros da história da nação” (Sellers; May; McMillen, 1990, p. 42) e omitem o genocídio indígena cometido, conforme ilustrado no mapa anteriormente. Frederick Jackson

Turner e seus seguidores analisam o Oeste através de um ciclo de “conquistas” e dos diferentes tipos de migrações que se expandiram até a costa Pacífica. O Oeste, na concepção de Turner e dos conservadores dos Estados Unidos, era visto como um processo que passou por diferentes estágios e não como uma região multiétnica com pessoas de diferentes procedências.

O pensamento de Frederick Jackson Turner sobre o Oeste começa a ser revisado a partir da década de 1960, após as transformações consequentes à Segunda Guerra Mundial e aos movimentos por direitos civis. No entanto, a crítica e revisão aos estudos de Turner se concretizam em 1980 com as pesquisas de Patricia Nelson Limerick e seus estudos revisionistas sobre o Oeste. Os estudos sobre o Oeste também ganham uma nova nomenclatura e são rebatizados como *New Western History* (Nova História do Oeste).

Patricia Nelson Limerick é professora e pesquisadora. Ela obteve seu título de doutora em Estudos Americanos na Universidade de Yale. Atualmente, Limerick é diretora do corpo docente e presidente do *Center of the American West* (Conselho do Oeste Americano) da Universidade do Colorado, onde também é professora de estudos ambientais e de história. A autora tem dedicado sua carreira a demonstrar os benefícios de aplicar a perspectiva histórica aos dilemas e conflitos contemporâneos. Como escritora, ela é autora de *Desert Passages: Encounters with the American Deserts* (1985), *The Legacy of Conquest: the Unbroken past of the American West* (1987), *Something in the Soil: Legacies and Reckonings in the New West* (2000) e *A Ditch in Time: the City, the West, the Water* (2012)²⁹. Além do mais, foi responsável por editar e organizar o livro de ensaios *Trails: Toward a New Western History* (1987) e contribuir com um ensaio sobre a fronteira Oeste dos Estados Unidos no livro *The Frontier in American Culture* (1994), de Richard White.

²⁹ As informações sobre a autora foram consultadas em sua página oficial no website da Universidade do Colorado e estão disponíveis em: <https://www.colorado.edu/history/patricia-limerick>.

Os estudos de Limerick e da *New Western History* têm por finalidade “a desmistificação do Oeste e da fronteira, a inclusão de personagens excluídos da historiografia tradicional, como negros, índios, mulheres, hispânicos e imigrantes não-anglos, e de temas também relegados ao segundo plano, como a questão ambiental, por exemplo” (Avilla, 2005, p. 370).

Ainda sobre a *New Western History*, Arthur Lima de Avilla continua:

Os alvos da *New Western History* são a antiga visão turneriana sobre o Oeste e a historiografia crítica das décadas de 40, 50 e 60, que possuíam uma percepção essencialmente progressista e nacionalista do desenvolvimento da região e que, entre outras coisas, haviam construído modelos teóricos contratados na ação masculina e anglo-saxônica, excluindo outros importantes atores sociais (Avilla, 2005, p. 370).

Patricia Nelson Limerick critica a ausência de outros grupos no Oeste além dos WASPs. No seu livro *The Legacy of Conquest* (1987), a autora constrói um novo modelo explicativo sobre o Oeste para substituir a velha *Tese da Fronteira* por todos os significados racistas e nacionalistas e por uma falta de definição precisa da fronteira e do Oeste. Limerick conceitua o Oeste como um lugar e não como um processo e ressalta que não existe um velho ou novo Oeste, mas sim um único Oeste. Por fim, ela também busca recuperar a experiência de homens, de mulheres e de outros elementos desgarrados da narrativa tradicional, como os indígenas, que ajudaram a moldar o Oeste, bem como suas relações com a natureza.

Dessa forma, o Oeste para a autora,

tem seu próprio significado regional. Distancia-se de ambos, Nova York e Washington D.C.; a presença da maioria das reservas indígenas do país; a proximidade com o México; portos que abrem para a bacia do Pacífico e da Ásia; dependência da extração de recursos naturais; o processo de conquista em que a nação americana

estava totalmente formada e totalmente autoconsciente; a associação da região com uma variedade potente e persistente de mito nacionalista; a aridez de muitas áreas: todos esses fatores dão ao Oeste Americano seu próprio e verdadeiro significado histórico (Limerick, 1987, p. 30)³⁰.

A citação da autora elenca diferentes fatores que juntos ajudaram a moldar o Oeste dos Estados Unidos. Distinguindo-se de Frederick Jackson Turner, a preocupação de Limerick é mostrar que a narrativa do outro historiador, onde os conflitos eram camuflados em prol de uma história pacífica, estava completamente equivocada, ou seja, tomando o lado do mais forte e desconsiderando o que já havia na região. Ao construir a *Tese da Fronteira*, Turner silenciou vozes e seus seguidores deram continuidade a uma narrativa histórica de omissão.

Limerick explica a combinação desses fatores da seguinte forma:

Primeiro, o Oeste Americano era um importante ponto de encontro, o ponto de intersecção entre Índios Americanos, Latino-Americanos, Norte-Americanos, Afro-Americanos e Asiáticos. [...] Segundo, o funcionamento da conquista vinculou esses diversos grupos na mesma história. Felizmente ou não, minorias e majorias ocuparam um terreno comum. [...] A relação racial paralela a distribuição de propriedade, a aplicação de trabalho e capital para tornar a propriedade produtiva e a alocação de lucro. A história do Oeste tem sido uma competição contínua pela legitimidade – pelo direito de reivindicar para si mesmo e, às vezes, para um grupo, o status de recursos legítimos dos beneficiários. Essa interseção da diversidade

³⁰ Has its own regional significance. Remoteness from both New York and Washington D.C.; the presence of most of the nation's Indian reservation; proximity to Mexico; ports opening to the Pacific Basin and Asia; dependence on natural-resource extraction; the undergoing of conquest at a time when the American nation was both fully formed and fully self-conscious; the association of the region with a potent and persistent variety of nationalistic myth; the aridity of many areas: all these factors give Western America its own, intrinsic historical significance;

étnica com a alocação de propriedade unifica a história do Oeste (Limerick, 1987, p. 27)³¹.

Turner ignorou os indígenas, e qualquer outro tipo de vida, do Oeste e o batizou como uma “área de terra livre” pronta para ser “conquistada” e “domesticada”. Limerick deixa claro na citação que a região sempre existiu e que foi palco para o encontro dos indígenas com os sucessivos invasores. Os colonizadores precisavam se legitimar naquela terra e os indígenas sofreram com os métodos de legitimação aplicados por eles. Desde as primeiras invasões europeias, os indígenas foram obrigados a se adaptarem, dentro da própria terra, aos costumes estrangeiros. O processo de adaptação destes povos se estende com as novas hordas migratórias. O que Andrew Jackson fez no século XIX durante o seu mandato foi escancarar a violência, que desde sempre aconteceu contra os indígenas que rejeitavam essa adaptação, e o desejo pela terra que já era povoada há séculos. Novamente, a terra indígena era um negócio lucrativo para os Estados Unidos, por conta dos seus recursos naturais e da valorização que ela sofria conforme o número de imigrantes aumentava na região.

Os métodos de reivindicação e de legitimação dos colonizadores da terra foram de violência extrema. Patricia Nelson Limerick, no sexto capítulo de *The Legacy of Conquest* intitulado *The Persistence of Natives*, centraliza seu estudo na adaptação e na resistência indígena diante dos atos de usurpação territorial dos colonizadores. As personagens principais do capítulo são os

³¹ First, the American West was an important meeting ground, the point of where Indian America, Latin America, Anglo-America, Afro-America and Asia intersected. [...] Second, the workings of conquest tied these diverse groups into the same story. Happily or not, minorities and majorities occupied a common ground. [...] Race relation parallel the distribution of property, the application of labor and capital to make the property productive, and the allocation of profit. Western history has been an ongoing competition for legitimacy - for the right to claim for oneself and sometimes for one's group the status of legitimate beneficiary resources. This intersection of ethnic diversity with property allocation unifies Western history.

indígenas. Limerick ainda argumenta no capítulo que eles não só foram completamente exterminados, como as marcas da invasão à qual foram submetidos ainda estão vivas por todo o Oeste:

Por século na América do Norte, indígenas trocaram costumes, falas e bem materiais; depois que os brancos entraram em cena, os indígenas continuaram a se adaptar e a pegar emprestado. Ao contrário da imagem de um indígena puro e imutável, os indígenas reais mudaram e ainda assim permaneceram distintos (Limerick, 1987, p. 188)³².

Maximizando o raciocínio da teórica, os colonizadores norte-americanos estereotiparam os indígenas como intocáveis, selvagens e não adeptos a mudanças. Por conta da rotulação, o homem branco se sentia responsável por mudar esses costumes neles. Dessa forma, se acharam no direito de serem os encarregados legais dos indígenas no que se referia a caça, a troca e a venda de couro e a terra. Por mais que os indígenas contradissem os estereótipos aplicados a eles, os colonizadores jamais os reconheceriam como um dos seus.

Limerick é enfática na sua crítica quanto a usurpação de terra e a “libertação” dos indígenas de suas características pagãs e selvagens. Para ela “toda a compreensão e tolerância cultural do mundo não teriam mudado o fato crucial de que os indígenas possuíam a terra e de que os Euro-Americanos a queriam” (Limerick, 1987, p. 190)³³ e que a “libertação” dos indígenas do paganismo e da selvageria era uma estratégia para “liberar suas terras e seus recursos também” (Limerick, 1987, p. 191)³⁴.

³² For centuries in North America, Indians had been exchanging customs, words, and material goods; after white people entered the picture, Indians continued to adapt and borrow. Contrary to the image of a pristine, unchanging, pure Indian, actual Indians changed and yet remained distinctive.

³³ All the cultural understanding and tolerance in the world would not have changed the crucial fact that Indians possessed the land and that Euro-Americans wanted it.

³⁴ Liberating their land and resources as well.

A visão da autora relacionada à Lei de Remoção Indígena é esclarecedora quanto aos desejos e as imposições políticas no mandato de Andrew Jackson. Limerick (1987, p. 193) denuncia que a lei foi aprovada através de suborno e de fraude para garantir novos tratados territoriais a Oeste. Ela se refere a lei como

um dos grandes atos oficiais de desumanidade e de crueldade na história americana. O impulso de economizar caracterizou grande parte da implementação da remoção. Fornecedores de má qualidade entregavam comidas e suprimentos inadequados, enquanto o calor do verão e o frio do inverno tornavam os emigrantes vulneráveis a doenças. Não era do interesse de nenhum oficial manter registros completos das mortes (Limerick, 1987, p. 194)³⁵.

A violenta expansão territorial dos Estados Unidos continuava e o pequeno Território Indígena, onde os sobreviventes da remoção foram amontoados, logo foi substituído por áreas ainda menores Oeste adentro, conforme o mapa da *Figura 1: Reservas indígenas*, apresentado anteriormente. Limerick (1987, p. 197) explica que em 1887 um ato de loteamento geral foi assinado pelo governo estadunidense e ele (o ato) fragmentaria a reserva indígena em múltiplos lotes de terras. Com a aprovação do ato, os indígenas perderam por completo a terra que um dia foi deles, pois o ato reforçava que “as terras que sobraram depois dos loteamentos eram para serem vendidas aos brancos” (Limerick, 1987, p. 197)³⁶.

O problema do indígena, ou a persistência dos nativos como a autora intitulou seu capítulo, para o governo estadunidense continua com o passar do tempo. Conforme Limerick “em diferentes fases da história e em diferentes modos de profecias, os

³⁵ One of the greater official acts of inhumanity and cruelty in America history. The impulse to economize characterized much of removal's implementation. Shoddy contractors delivered inadequate food and supplies, while the summer heat and winter cold made the emigrants vulnerable to disease. It was in no official's interest to keep thorough records on deaths.

³⁶ Land left over after the allotments was to be sold to whites.

brancos previram a mesma solução para ‘o problema do indígena’: um desaparecimento melancólico por doença, guerras e desmoralização, [...] o que tornaria os indígenas apenas mais uma minoria” (1987, p. 211)³⁷.

O ápice do estudo de Limerick sobre a persistência indígena é a definição que a historiadora faz sobre os colonizadores em território estadunidense e sobre os indígenas da região. Nas palavras dela, “os Americanos brancos eram os bárbaros, selvagens e sem princípios, possuídos por uma ganância primitiva; os indígenas eram pessoas genuinamente civis, que viviam com uma sabedoria e santidade ecológicas que faziam os Americanos brancos parecerem brutos infantis” (1987, 215)³⁸.

A definição de Limerick referente ao homem branco é importante para a discussão proposta neste livro, pois ela evidencia qual era a verdadeira essência do processo de domesticação do Oeste e dos seus colonizadores. Além do mais, esta definição auxiliará no entendimento da análise do tema da violência praticada pelas personagens brancas no romance de Cormac McCarthy. Em *Meridiano de Sangue*, os anglo-saxônicos são os principais responsáveis pela selvageria descontrolada nas regiões desérticas do Oeste estadunidense e mexicano, principalmente.

Direcionamos então a discussão da nossa pesquisa para sua principal temática: a violência. O ensaio “*Violence*”, de Richard Maxuell Brown será utilizado como base para entender a violência na região Oeste dos Estados Unidos a partir da metade do século XIX, tendo em vista que este é o período em que Cormac McCarthy

³⁷ In different phases of history and in different moods of prophecy, white people have predicted the same solution to “the Indian problem”: a melancholy disappearance through disease, was, and demoralization, [...] which would make Indians just another minority.

³⁸ White Americans were the barbarians, savage and unprincipled, possessed by primitive greed; Indians were the genuinely civil people, who lived with an ecological wisdom and saintliness that made white American look like childish brute.

ficcionalizou a maioria dos atos brutais de suas personagens em *Meridiano de Sangue*.

Brown inicia seu ensaio apontando situações que fizeram com que os homens do Oeste agissem de forma violenta. Parafraseando o autor, as causas foram: a doutrina de jamais recuar no processo de expansão territorial; a obrigação de reparação pessoal; os princípios morais de propriedade e do indivíduo empreendedor; *Code of the West* e a ideologia do vigilantismo (Brown, 1996, p. 393).

O autor explica a primeira causa como uma transição da lei inglesa de homicídio e legítima defesa, em que o assassinato era legal em situações de combates: “Seguindo o movimento para o Oeste dos colonos Americanos além dos Apalaches, a mais alta corte de cada estado cancelou o dever inglês de recuar em favor do direito Americano em ficar com a terra” (Brown, 1996, p. 393)³⁹. Brown ainda complementa que da antiga lei inglesa, o governo estadunidense manteve a legalidade de mortes em situações de combates.

Brown utiliza o sétimo presidente dos Estados Unidos e um rancheiro do Novo México para explicar e exemplificar a obrigação do homem do Oeste pela reparação pessoal. Ele evidencia que essa reparação pessoal é feita através de violência. Ao citar Andrew Jackson, o teórico menciona que o antigo presidente perdeu a sua mãe aos 14 anos e que sua reparação pessoal estava em matar pessoas, na sua maioria minorias étnicas, em duelos que ele participava pelo Oeste. Sobre o rancheiro do Novo México, a justificativa era, nas palavras do próprio, a seguinte: “Eu nunca na minha vida voluntariamente machucaria um homem, uma mulher ou uma criança – a menos que eles me machucassem primeiro.” (Brown, 1996, p. 394)⁴⁰.

No que diz respeito aos princípios morais de propriedade, o autor cita os colonos anglo-saxônicos como “poderosa inspiração

³⁹ Following the westward movement of white American settlers beyond the Appalachians, the highest court in state after state canceled the English duty to retreat in favor of the American right to stand one’s ground.

⁴⁰ I never in my life willingly hurt man, woman, or child – unless they hurt me first. Then I made them pay.

para o comportamento violento” (Brown, 1996, p. 394)⁴¹. Brown ainda cita três pontos chaves para explicar esse tipo de violência. São eles: “o direito de ter e manter uma fazenda de tamanho familiar; o direito de desfrutar de uma propriedade livre de encargos econômicos ruinosos, como hipotecas onerosas ou impostos opressivos e o direito de ocupar pacificamente a terra sem medo da violência de pessoas (tais como os indígenas)” (Brown, 1996, p. 394)⁴².

Sobre os princípios morais do indivíduo empreendedor, Brown (1996) diz que “por todo o Oeste esses agressivos homens que buscavam ganhos pessoais estavam sempre prontos para usar a violência [...] em defesa de suas terras e propriedade industrial” (p. 394)⁴³.

Richard Maxuell Brown conceitua as quatro primeiras causas para posteriormente explicar o *Code of the West* (Código do Oeste). Ele expõe no seu ensaio que no século XIX “os habitantes do Oeste brandiam revólveres e rifles no curso normal dos assuntos diários, tornando-se uma das populações mais fortemente armadas do mundo” (Brown, 1996, p. 394)⁴⁴.

O vigilantismo é considerado pelo teórico como a principal causa da violência no Oeste. Nas palavras de Brown (1996),

a ideologia do vigilantismo era regularizada nos estatutos vigilantes, constituições e juramentos aos quais os homens do Oeste frequentemente assinavam. Motivados pelo objetivo de apoiar os valores da vida e da propriedade em condições de desordem da

⁴¹ Powerful inspiration for violent behavior.

⁴² The right to have and hold a family-size farm; the right to enjoy a homestead unencumbered by a ruinous economic burden such as an onerous mortgage or oppressive taxes; and the right to peacefully to occupy the homestead without fear of violence to person (such as that by Indians).

⁴³ Throughout the West, these aggressive men-on-the-make were ever ready to use violence [...] in defense of their land and industrial property.

⁴⁴ The civilians of the West, brandishing revolvers and rifle in the ordinary course of the daily affairs, became one of the most heavily armed populations in the world.

fronteira e do Oeste, os bandos de vigilantes tomaram a lei em suas próprias mãos com o objetivo paradoxal da aplicação da lei [...]. Como os vigilantes eram quase que invariavelmente liderados por membros da elite e prósperos das primeiras comunidades do Oeste, a ideologia do vigilantismo refletia a necessidade de justificativa, levando a lei às próprias mãos por parte daqueles que eram os defensores mais zelosos do sistema legal de lei e de ordem (p. 394)⁴⁵.

Os membros da elite mencionados na citação, referem-se aos senadores e governadores das cidades do sudoeste e da costa Pacífica dos Estados Unidos. Antes de aderirem ao cargo público, eles faziam esse tipo de serviço de justiceiros do Oeste. Após a anexação do Texas em 1845, os territórios além do meridiano 99 ainda não haviam sido organizados pelo Estado, o que fez com que os colonos anglo-saxônicos residentes no Texas fizessem o trabalho de domesticação e organização social. No que se refere aos vigilantes do Texas, Brown complementa que eles “aterrorizavam comunidades inteiras e, de vez em quando, puniam os inocentes” (1996, p. 396). O teórico também acrescenta que os vigilantes do Texas constantemente violavam a lei e que seus atos de violação eram aceitos pelas comunidades que os contratavam, até mesmo celebrados. Os vigilantes também custavam mais barato para o governo estadunidense. Ao invés de deslocar tropas do exército Oeste adentro, contratava-se esse tipo de bando para os serviços que envolviam os interesses do Estado.

O que Brown (1996) nomeia como vigilante, justiceiro ou restaurador da ordem da fronteira e do Oeste, Cormac McCarthy

⁴⁵ The ideology of vigilantism was regularized in the vigilante bylaws, constitutions, and oaths to which westerns frequently subscribed. Motivated by the objective of supporting the values of life and property under conditions of frontier and western disorder, vigilante bands took the law into their own hands for the paradoxical purpose of law enforcement. [...] Since de vigilantes were almost invariably led by the elite, well-to-do member early western communities, the ideology of vigilantism reflected the need to justify taking the law into one's own hands on the part of those who were ordinary the most zealous upholders of the legal system of law and order.

nos apresenta em seu romance como mercenários. Em *Meridiano de Sangue*, o serviço prestado por esses mercenários nas cidades de fronteira e no Oeste eram de dizimação indígena e escarpelamento, como prova de que o serviço havia sido feito. Não satisfeitos com a violência direcionada aos indígenas, os mercenários de McCarthy também matavam os mexicanos que ainda habitavam o território sudoeste e Oeste do atual Estados Unidos, recém tomado do México na época em que o romance está ambientado.

Retornando ao ensaio de Brown, o teórico faz um levantamento da quantidade de mortes indígenas realizadas por conta dos massacres feitos pelos colonizadores no século XIX:

O massacre de Bear River no sudeste de Idaho em 1863 (90 mulheres e crianças assassinadas); o massacre de Sand Creek no leste de Colorado em 1864 (cerca de 200 homens, mulheres e crianças Cheyenne mortas); e o massacre de Marias River no norte de Montana em 1870 (173 Blackfeets mortos, a maioria mulheres e crianças). Mulheres e crianças também foram mortas em 1868 no massacre de 103 Cheyennes no Washita River no oeste de Oklahoma e em 1890 o abate de 150 ou mais Sioux em Wounded Knee, Dakota do Sul. [...] Impiedosas foram as táticas genocidas do homem branco na aquisição de terras no fecundo Round Valley na região das montanhas do noroeste da Califórnia em 1850 e 1860. Aqui a população dos Yukis e outros Índios caiu de 11.000 para menos de 1.000 (Brown, 1996, p. 416)⁴⁶.

Brown também menciona outros tipos de violência, além das cometidas contra os indígenas. Uma delas era o constante

⁴⁶ The Bear River Massacre in southeast Idaho in 1863 (90 women and children killed); the Sand Creek Massacre in eastern Colorado in 1864 (about 200 Cheyenne men, women, and children slain); and the Marias River Massacre in northern Montana in 1870 (173 Blackfeet deaths, mostly women and children). Women and children were also killed in the 1868 massacre of 103 Cheyennes on the Washita Knee, South Dakota. [...] Merciless were the genocidal tactics of land-grabbing white men in the fecund Round Valley region of California's northwestern mountains in the 1850s and 1860s. Here the population of the Yukis and other Indians fell from over 11.000 to under 1.000.

confronto entre hispânicos e anglo-saxônicos na fronteira entre Estados Unidos e México. Outro tipo de violência mencionada pelo teórico é contra as mulheres e as crianças que eram violadas pelos homens de fronteira. Por fim, o teórico conclui seu ensaio afirmando que o “Oeste era uma região turbulenta” (Brown, 1996, p. 422)⁴⁷.

O violento avanço das hordas migratórias pela região era para defender interesses pessoais. Os atos de violência, na sua maioria, existiam no Oeste porque eram liderados e patrocinados por líderes governamentais. A barbárie resultante das lutas entre indígenas e colonizadores no Oeste não foi gratuita. Essas contratações governamentais, em prol da superioridade diante das demais raças dentro do *wilderness*, eram articuladas e muito comemoradas quando os objetivos eram atingidos.

Cormac McCarthy reconstrói os principais acontecimentos da violenta invasão do Oeste na parte Sul dos Estados Unidos entre os anos 30 e 40 do século XIX. O autor desconstrói a narrativa da historiografia oficial do seu país sobre a domesticação do Oeste através do seu romance *Meridiano de Sangue*. Cormac McCarthy ficcionalizou este período da história dos Estados Unidos após receber a bolsa de estudos concedida pela *MacArthur Foundation* e fazer uma pesquisa minuciosa sobre os eventos ocorridos no período em que seu romance está ambientado. É possível notar no romance a natureza adversa, as distâncias enormes a serem percorridas, a violência das guerras contra os índios e mexicanos (parte integrante da suposta “conquista” do Oeste). “No velho Oeste, o homem está entregue a si mesmo e conta apenas com o seu cavalo, sua arma e nenhum Deus benigno à vista” (Santos, 2017, p. 79).

Meridiano de Sangue, nas palavras de Willard P. Greenwood, é “instantaneamente chamado a testemunhar [...] os horríveis elementos da expansão para o Oeste que repudiam versões

⁴⁷ The West was a turbulent region.

benignas da história da América” (2009, p. 51)⁴⁸. Steven Shaviro, ao reportar-se à *Meridiano de Sangue*, menciona que “em tudo neste livro, a morte deixa para trás seus memoriais, seus troféus e seus fetiches” (Shaviro, 2009, p. 10)⁴⁹. O crítico ainda acrescenta que “toda a devastação relatada em *Meridiano de Sangue* ocorre em um espaço e tempo ritual” (Shaviro, 2009, p. 19)⁵⁰ e finaliza seu estudo sobre a obra afirmando que “tudo em *Meridiano de Sangue* é violência e sangue, morte e destruição” (2009, p. 20)⁵¹, pois esses são os propósitos de uma guerra.

Iniciamos a abordagem sobre a violência no Oeste no romance *Meridiano de Sangue*, em um primeiro momento, seguindo os passos da personagem kid até ele ser preso no México e entrar para a gangue de mercenários liderada por John Joel Glanton e pelo Juiz Holden.

Começamos a análise com a descrição de kid no início do livro. Ele está “pálido e sujo. Não sabe ler e nem escrever e *em seu íntimo já incubia o gosto pela violência impensada. Toda a história presente nesse semblante*” (McCarthy, 2020, p. 9, grifos do autor). Os trechos destacam que a violência presente em kid, ou seja, algo da sua própria natureza e que toda a história presente em seu semblante é a história do seu país. O instinto selvagem de kid não o deixa adaptar-se a “paisagem plana e pastoril” (McCarthy, 2020, p. 9) do mundo civilizado a qual ele pertencia no início da obra e está abandonando.

Kid parte então para, o que é para ele, o grande desconhecido. No entanto, antes de chegar às regiões áridas do extremo Oeste, já presencia e participa de cenas violentas:

⁴⁸ instantly called to bear witness to [...] the horrific elements of westward expansion that repudiate benign versions of America history.

⁴⁹ Everything in this book, death leaves behind its memorials, its trophies and its fetishes.

⁵⁰ All the devastation chronicled in *Blood Meridian* occur in a ritual space and time.

⁵¹ Everything in *Blood Meridian* is violence and blood, dying and destruction.

Certa noite um contramestre maltês dá um tiro em suas costas com uma pequena pistola. Girando para confrontar o homem é baleado de novo pouco abaixo do coração. O homem foge e ele se apoia no balcão com o sangue correndo por sua camisa. Os outros desviam o olhar. Após um instante ele senta no chão (McCarthy, 2020, p. 10).

Kid não sabia o que esperava por ele naquelas terras áridas situadas a sudoeste dos Estados Unidos. Os outros migrantes e imigrantes que kid encontrou no Oeste referiam-se aquelas terras desérticas como “antros do inferno” (McCarthy, 2020, p. 12). A citação foi retirada no momento em que kid chega ao Texas e entra em uma tenda onde tem um homem aplicando sermões bíblicos. Neste mesmo recorte, o leitor é apresentado ao Juiz Holden, que facilmente transforma o culto evangelista em um caos: “O tiroteio já era geral dentro da tenda e uma dezena de passagens haviam sido abertas na lona e a multidão saía, as mulheres gritando, gente atropelada, gente pisoteada na lama” (McCarthy, 2020, p. 13).

Igrejas destruídas, bem como seus adereços, são ações constantes por parte dos anglo-saxônicos em *Meridiano de Sangue*, conforme acontece a progressão para o Oeste. Segundo Barclay Owens “ao longo do romance, a violência supera os tabernáculos do Cristianismo, emprestando ao tema primordial uma aura iconoclasta” (Owens, 2000, p. 4)⁵².

A violência segue kid à medida que ele esbarra com alguém ou se desloca de um lugar para outro. Em outra cena de brutalidade, kid é quase morto novamente por não liberar passagem a um estranho que estava bêbado. Sem conversa, kid:

Chutou o homem no maxilar. O homem caiu e voltar a ficar de pé. Disse: vou te matar.

Golpeou com a garrafa e kid abaixou e golpeou outra vez e o kid deu um passo para trás. Quando o kid o atingiu o homem quebrou a garrafa na lateral de sua cabeça. Saiu das tábuas para a lama e o

⁵² Throughout the novel, violence overwhelms the tabernacles of Christianity, lending the primal theme an iconoclastic aura.

homem se lançou atrás dele com o gargalo denteado e tentou enfiá-lo em seu olho. O kid o rechaçava com as mãos e os dois estavam grudentos de sangue (McCarthy, 2020, p. 15).

É após essa cena que kid conhece Toadvine, uma personagem misteriosa que também perambula pelo Oeste e mais tarde também se junta a gangue de Glanton, juntamente com kid. As marcas da violência e da vida errante estão nítidas nas características de Toadvine, conforme observado por kid:

O kid olhou para o outro. Sua cabeça era esquisitamente estreita e seu cabelo estava emplastrado de lama em um penteado bizarro e primitivo. Em sua testa haviam sido marcadas a fogo as letras H T e mais abaixo e quase entre os olhos a letra F e os sinais eram largos e vivos como se o ferro houvesse sido deixado por tempo demais. Quando se virou para olhar o kid viu que não tinha orelhas (McCarthy, 2020, p. 17).

À proporção que a narrativa prossegue, percebemos que o Oeste esconde elementos advindos do Leste que não conseguiram regenerar suas vidas, costumes e fortunas. Kid, na sua primeira viagem solitária pelo deserto, encontra um velho eremita. Os dois conversam e, diante de uma tempestade, kid passa a noite com o velho. O eremita parece amigável até mostrar um “coração de homem, seco e enegrecido” (McCarthy, 2020, p. 24), e bruscamente reflete:

Tem quatro coisas que podem destruir o mundo, disse. Mulher, uísque, dinheiro e negros.

Ficaram em silêncio. O vento uivava no pedaço da chaminé enfiado através do teto para expelir a fumaça. Depois de uns instantes o velho deixou o coração de lado.

Esse *negócio* me custou duzentos dólares, disse.

Deu duzentos dólares nisso aí?

Dei, pois era o preço que puseram no preto filho da puta onde isso ficava dentro (McCarthy, 2020, p. 24, grifos do autor).

“Negócio”, “nisso aí”, “isso” e o adjetivo utilizado para se referir ao negro, “preto filho da puta” destacam a forma de desprezo que os dois discutem sobre o valor pago pelo homem negro ter seu coração arrancado. A conversa entre os dois prossegue e o eremita continua sua reflexão desiludida ao se confessar ser um transgressor:

O velho balançou a cabeça para trás e para frente. É duro o caminho do transgressor. Deus fez este mundo, mas não o fez bom para todos, não é?

Não parece que pensava muito em mim.

Sei, disse o velho. Mas onde chega o homem com suas ideias. Que mundo já viu de que gostasse mais?

Posso imaginar muito lugar melhor e muita vida melhor.

Consegue fazer existir?

Não (McCarthy, 2020, p. 25, grifo do autor).

Observando a conversa entre os dois e acompanhando a trajetória de kid até este ponto da narrativa, é perceptível que kid segue pelo caminho da transgressão, porém não desiludido como o velho eremita. A ilusão de kid é de um lugar melhor e com uma vida melhor do que tivera até agora. Entendemos também que kid é movido pelo gosto da aventura e da violência, pois seu caminho transgressivo continuará sendo árduo e violento bem como o deserto que ele transita:

Desceu uma estreita estrada arenosa e no caminho encontrou uma carroça de mortos e sua carga de cadáveres, com um pequeno sino abrindo passagem e uma lanterna balançando na cancela. Três homens sentava à boleia, não diferentes dos próprios mortos ou de espíritos, tão brancos estavam com a cal e quase fosforescentes ao sol poente. Uma parrelha de cavalos puxava o carro e seguiram adiante pela estrada envoltos em um tênue miasma de fenol e sumiram de vista. Ele virou e observou-os partir. Os pés descalços dos mortos sacolejando rigidamente de um lado para o outro (McCarthy, 2020, p. 28).

O instinto e os traços da violência impensada são parte da característica e da personalidade de kid. Em outro momento da narrativa, kid assassina um *barman* por ele não lhe servir uma bebida:

O barman continuava no centro do bar. Respirava com esforço e girava, seguindo os movimentos do kid. Quando o kid se aproximou ele ergueu a ferramenta. O kid agachou agilmente com as garrafas e ameaçou um golpe e então quebrou a garrafa direita na cabeça do homem. Sangue e álcool se derramaram e os joelhos do homem dobraram e seus olhos se reavivaram. O kid já largara o caco de gargalo e com um movimento ágil de salteador jogara a segunda garrafa para a mão direita sem deixá-la cair no chão e golpeou o crânio do barman com a segunda garrafa e cravou o estilhaço restante em seu olho conforme ele tombava (McCarthy, 2020, p. 31).

O instinto violento dos anglo-saxônicos, ficcionalizado por McCarthy até este ponto da narrativa através de kid, foi uma das formas de modulação dos Estados Unidos como nação na proporção Oeste do país. O que há até este ponto da narrativa são os atos de violência de kid contra pessoas da fronteira e a conversa preconceituosa e depreciativa entre dois transgressores. Foi preciso fazer esta análise inicial do ímpeto de kid para entender posteriormente o processo de domesticação do Oeste através de uma fronteira humana, onde seus violentos integrantes agem metodicamente contra os elementos que kid já vem matando. A partir deste ponto de análise é possível observar uma parte sensível da história dos Estados Unidos que até então estava sendo ignorada por sua historiografia oficial.

As viagens de kid pelo deserto mostram as atrocidades da guerra entre Estados Unidos e México na região de fronteira entre os dois países. Agora, o cenário de brutalidade das tropas estadunidenses é uma igreja abandonada com vários mortos na sacristia:

Dentro do lugar havia uma mesa de madeira com alguns potes de cerâmica e ao longo da parede do fundo jaziam os restos de vários corpos, entre eles uma criança. Ele atravessou a sacristia outra vez

até a igreja e apanhou sua sela. Bebeu o resto da garrafa e jogou a sela sobre o ombro e saiu.

A fachada do edifício abrigava *uma série de santos em seus nichos que haviam sido alvejados por tropas americanas experimentando rifles, as estátuas mutiladas sem orelhas e narizes e a pedra delas mosqueada de manchas escuras de chumbo oxidado. As imensas portas entalhadas e almofadadas pendiam frouxas das dobradiças e uma Virgem de pedra esculpida segurava no colo um menino sem cabeça* (McCarthy, 2020, p. 32-33, grifos do autor).

Analisando os trechos destacados e retornando à contextualização histórica, nota-se que a guerra dos colonizadores não era apenas para adquirir terras do país inimigo a Oeste, ela era também uma guerra contra costumes e crenças. O Deus dos mexicanos e dos indígenas não era o mesmo dos colonizadores e exterminar quaisquer resquícios dessas crenças era uma das missões desses soldados. A acentuação desse discurso religioso, imperialista e discriminatório está evidente nas palavras do Capitão White:

Lutamos por aquilo. Perdemos amigos e irmãos ali. E então por Deus se não entregamos tudo de volta. De volta para um bando de bárbaros que até o mais parcial a favor deles vai admitir que não têm ideias neste mundo de Deus do que seja honra ou justiça ou do significado de um governo republicano. Um povo que de forma tão covarde vem pagando tributo por cem anos a tribos de selvagens nus. Abrindo mão de suas colheitas e cabeças de gado. Minas fechadas. Cidades inteiras abandonadas. Enquanto uma horda de pagãos varre a terra saqueando e matando em total impunidade. Nem sequer uma mão se ergue contra eles. Que tipo de gente é essa? [...] Matam às pedradas (McCarthy, 2020, p. 40, grifos do autor).

E o Capitão White complementa seu discurso de forma intensa:

E somos nós que vamos dividir o *butim*. *Vai haver um trato de terra para cada homem da minha companhia. Boas pastagens. As melhores do mundo. Uma terra rica em minérios em ouro e prata* além de toda imaginação, diria eu. Você é jovem. Mas não subestimo sua pessoa. Dificilmente me equivooco com um homem. Creio que pretende deixar sua marca neste mundo. Estou errado?

Não senhor.

Não. E acho que não é o tipo de sujeito que abandona pra potência estrangeira uma terra em que americanos lutaram e morreram. E guarde minhas palavras. A menos que os americanos tomem uma atitude, pessoas como você e eu que levam o país a sério enquanto aqueles filhinhos de mamãe lá em Washington não tiram a bunda da cadeira, a menos que tomemos uma atitude, o México – e quero dizer o país inteiro – um dia se curvará a uma bandeira europeia. Com ou sem Doutrina Monroe (McCarthy, 2020, p. 41-42, grifos do autor).

A primeira citação mostra a indignação do capitão quanto aos hectares de terras que os Estados Unidos adquiriram do México após a guerra e nenhuma atitude do governo federal do seu país em organizá-las, registrá-las e doá-las para seu povo. Ele ecoa a indignação dos homens do Oeste quanto ao pagamento de taxas por suas propriedades, que viria a ser resolvido no governo de Andrew Jackson com doações dessas terras para os colonizadores ararem livres de impostos. Por fim, ele menciona os indígenas como pagãos que precisavam ser punidos (mais do que já foram) por saquear e matar. Retornando a contextualização histórica, sabe-se que Andrew Jackson já havia punido os nativos do Leste com a lei de remoção indígena. Os indígenas do Oeste e do Norte do México ainda possuíam certa liberdade para sobreviver e se defenderem de futuros ataques dos colonizadores.

A segunda citação, que dá prosseguimento a conversa entre kid e Capitão White, apresenta as recompensas que seus homens terão por, de forma “honrosa” e “justiceira”, terem enfrentado os perigos do Oeste e os seus elementos e conseguirem vencê-los, sendo merecedores das recompensas. O “*butim*” que eles pensam em dividir é a terra e suas riquezas naturais. Através de Andrew

Jackson, que representava o interesse de homens iguais ao Capitão White, o interesse por colonizar e habitar as terras do extremo Oeste foi reavivado. A democracia Jacksoniana também teve como projeto político nacional o discurso do *Destino Manifesto*. O tom preconceituoso e pejorativo dessa ideologia de superioridade racial e de povo predestinado está nítido nas duas citações de um anglo-saxônico no romance de McCarthy.

O crítico John Sepich, refere-se aos milicianos do grupo do Capitão White como “uma tropa não militar e presumivelmente ilegalmente constituída por aventureiros fora da lei” (2008, p. 20)⁵³. Ainda com as duas falas do capitão, percebe-se que ele está convicto na sua honra, no seu senso de justiça e no amparo do seu destino em ter as terras do Oeste de volta. Kid, agora um miliciano, parte para o deserto com o grupo acompanhado pela morte e pela violência:

Nesse dia dois soldados ficaram doentes e um morreu antes de escurecer. Pela manhã havia outro enfermo para tomar seu lugar. Depois deles deitavam-se entre as sacas de feijão e arroz e café no carro de suprimentos com cobertores sobre seus corpos para protegê-los do sol e os trancos e o sacolejar do veículo quase destacavam em pregas seus ossos de sua carne de modo que gritaram para serem deixados e então morreram. Na escuridão da alta madrugada os homens pararam para abrir suas covas com escápulas de antílope e então os cobriram com pedras e se puseram novamente em marcha (McCarthy, 2020, p. 51).

A missão, a qual o Capitão White achava que estava destinado, era suicida e o deserto por onde perambulavam estava tomado de evidências de morte, conforme citação a seguir:

Dentro de dois dias começaram a encontrar ossos e roupas abandonadas. Viram esqueletos semienterrados de mulas com os ossos tão brancos e polidos que pareciam incandescentes até mesmo

⁵³ A nonmilitary and presumably illegally constituted troop of freebooters.

sob o calor causticante e viram paneiros e albardas e os ossos de homens e viram uma mula inteira, a carcaça seca e enegrecida dura como ferro. E marcharam. O branco sol meridiano os surpreendeu através da vastidão como um exército fantasma, tão pálidos estavam de pó, como vultos de figuras apagadas em uma lousa. Os lobos trotavam ainda mais pálidos e agrupavam-se e sobressaltavam-se e erguiam os compridos no ar (McCarthy, 2020, p. 53).

A narrativa prossegue melancólica e pessimista. O narrador descreve um “novo mundo” onde não há sinal de vida, mas mortes e mais violência. A ideia de mundo sem vida, destruído e primitivo se tornam evidentes quando o narrador de *Meridiano de Sangue* faz menção ao planeta Anareta:

Os sobreviventes permaneciam em silêncio naquele vazio cheio de crateras e observavam as estrelas dardejantes riscando o negror. Ou dormiam com os corações alheios batendo na areia como peregrinos exaustos sobre a face do planeta Anareta, presas de uma roda inefável girando na noite (McCarthy, 2020, p. 53).

Kid e os outros integrantes do bando que ele fazia parte aprenderam a observar o céu como forma de se guiarem através das estrelas. O planeta Anareta faz parte dos estudos da astrologia e o que convém para este livro é explicar que o seu significado condiz com aquele que traz a morte ou a destruição. O narrador, conforme os milicianos avançam pelo deserto, prepara o leitor para algum tipo de tragédia ao fazer este tipo de menção. Durante a noite, a própria paisagem no horizonte do extremo Oeste torna-se um pesadelo surreal de violência para os saxônicos, além de ser outro exemplo em que a atmosfera de violência da narrativa é elevada:

Por toda a noite relâmpagos difusos sem origem definida estremeceram a oeste atrás das massas tempestuosas de nuvens da meia-noite, provocando um dia azulado no deserto distante, as montanhas no horizonte súbito abruptas e negras e lívidas, como uma terra longínqua de alguma outra ordem cuja genuína geologia fosse

não pedra mas medo. Os trovões aproximavam-se a sudoeste e raios iluminavam todo o deserto em torno deles, azul e estéril, grandes extensões estrondantes expelidas da noite absoluta como alguma reino demoníaco sendo invocado ou uma terra changeling que com a chegada do dia não deixaria mais vestígio ou fumaça ou destruição do que qualquer sonho perturbador (McCarthy, 2020, p. 54).

A missão suicida do Capitão White e seu grupo de milícia chega ao fim quando eles se deparam com uma horda de indígenas comanches. O encontro poderia ser evitado e os milicianos poderiam ter retornado a Leste. No entanto, o desprezo que o grupo tinha pelos indígenas os levaram à morte. Em um primeiro momento, Capitão White diz que vê no horizonte a Oeste “um bando de pagãos ladrões de gado” (McCarthy, 2020, p. 58) e mais a frente, com tom de indiferença e superioridade, diz: “Pode ser que a gente ainda tenha um pouco de ação por aqui antes do dia acabar” (McCarthy, 2020, p. 58). A narração a seguir mostra detalhadamente o que aconteceu com o grupo de milícia liderado por Capitão White:

Por toda a parte havia cavalos caídos e homens se debatendo e ele viu um homem abaixado carregando seu rifle com o sangue escorrendo de seus ouvidos e viu homens com seus revólveres desmontados tentando encaixar os tambores de reserva carregados que tinham consigo e viu homens de joelhos que curvara o corpo e cravaram os dedos na própria sombra no chão e viu homens perfurados por lanças e agarrados pelos cabelos e escalpelados ainda de pé e viu os cavalos de batalha atropelando os caídos e um pequeno pônei de cara branca com um olho toldado esticou o pescoço do meio das sombras e deu uma dentada em sua direção e depois sumiu. [...] alguns com rostos de pesadelo pintado no peito, perseguindo os saxões sem cavalo e trespassando-os com suas lanças e esmagando-os com suas clavas e pulando de suas montarias com facas e correndo pelo solo com um peculiar trote genuvario como criaturas impelidas a modos antinaturais de locomoção e arrancando as roupas dos mortos e agarrando-os pelos cabelos e passando suas lâminas em torno do crânio de vivos e mortos igualmente e rasgando

e erguendo as perucas sangrentas e retalhando e dilacerando os corpos despidos, arrancando membros, cabeças, eviscerando os estranhos torsos brancos e segurando no ar enormes punhados de tripas, genitais [...] A poeira estancava o sangue das cabeças úmidas e expostas dos escalpelados que com a orla de cabelo sob as feridas e tonsurados até o osso agora jaziam como monges mutilados e nus no pó estagnado de sangue e por toda parte os moribundos se lamuriavam e gemiam coisas ininteligíveis e os cavalos jaziam gritando (McCarthy, 2020, p. 60-61).

Para Barcles Owens (2000, p. 6), a parte descrita é “sem escrúpulos ou divagação, [pois] McCarthy demonstrou o tema do romance”⁵⁴. John Sepich (2008, p. 56), ao reportar-se ao ataque comanche, indica que “os índios de McCarthy são retratados como totalmente estranhos aos flibusteiros”⁵⁵, como se fosse, segundo o narrador do romance, “uma horda de um inferno ainda mais horrível que o mundo sulfuroso do juízo cristão, guinchando e gritando e amortalhados em uma fumaça como esses seres vaporosos de regiões além da justa apreensão onde o olho erra” (McCarthy, 2020, p. 60). Entende-se o ataque comanche como uma reação há anos de violência contra seu povo. Na narração, os indígenas atacam para se defenderem de um ataque rival que os abateriam a sangue frio por serem considerados pagãos. A violência contra o homem branco tornou-se para os indígenas sua principal forma de resistência contra os constantes e sucessivos ataques e invasões de terras. Em *Meridiano de Sangue*, as tribos Comanches, Apaches e Yumas são as que enfrentam os grupos de milícia e de mercenários enviados para o Oeste com o objetivo de fazer limpeza étnica.

É notório com a narrativa de *Meridiano de Sangue* que o Oeste não era uma “área de terra livre”, conforme Frederick Jackson Turner afirma no seu ensaio. Até este momento da narrativa é

⁵⁴ Without qualms or mincing words, McCarthy has demonstrated de novel's theme.

⁵⁵ McCarthy's Indians are depicted as totally alien to the filibusterers.

perceptível que kid passa por cidades e vilas povoadas na fronteira com o México e no deserto estadunidense. Apesar das péssimas condições dos lugares, há um tipo de vida e uma organização social no Oeste que Turner simplesmente ignora nos seus estudos. Além dos mexicanos e dos negros que a narrativa de McCarthy apresenta, também aparecem os indígenas, tidos como pagãos, assassinos e ladrões. O próprio Capitão White, que representa um típico personagem da narrativa de Turner, assume nas suas falas que além do Texas as terras estão sendo “devolvidas” para os indígenas, os mexicanos e o governo francês.

Neste primeiro momento de análise em relação a invasão do Oeste com a ideia de terras livres, foi possível observar a defasagem da teoria conservadora de Frederick Jackson Turner através do romance *Meridiano de Sangue* e com o auxílio teórico de Patricia Nelson Limerick. O capítulo exposto da obra de Limerick (1987), sobre a persistência dos indígenas, ajudou a montar o raciocínio para entender o ataque comanche contra os milicianos do Capitão White, bem como os julgamentos que os saxões tinham em relação a eles.

O ataque comanche direciona o leitor para o problema mais sério e denunciado no romance de Cormac McCarthy: a violência contra os indígenas e o negócio ilegal de escalpos praticado nas cidades de fronteira e do deserto. A abordagem da violência utilizada para analisar a segunda parte de *Meridiano de Sangue* envolve a brutalidade praticada pelos mercenários da *Glanton Gang*. O uso da violência neste ponto da narrativa será direcionado com um propósito, não só político, mas pessoal também através do John Joel Glanton e do Juiz Holden. A segunda seção do romance expõe uma parte sensível da história dos Estados Unidos, no que se refere à domesticação e expansão da fronteira Oeste do país. Para o entendimento da exposição e, posteriormente, da desconstrução do pensamento estereotipado de que os Estados Unidos foram desbravados e conquistados de forma pacífica, será necessário continuar o estudo sobre a fronteira clássica de Frederick Jackson Turner e a forma como ela

“americanizou” quem esteve por lá e passou por ela. A continuação dos estudos de Patricia Nelson Limerick e Richard White para buscar uma definição mais contemporânea e próxima da realidade sobre a fronteira também se faz necessário. Os recortes de *Meridiano de Sangue* ajudarão a questionar o processo de domesticação da fronteira no século XIX, uma vez que os mercenários da *Glanton Gang* representam a fronteira e seu avanço, segundo a concepção conservadora de Turner.

2.2. A fronteira estadunidense: da definição clássica à moderna

A ira de Deus está adormecida. Ficou escondida um milhão de anos antes dos homens e só homens têm o poder de despertá-la. O inferno não encheu nem a metade. Escutem o que estou falando. Vão levar a guerra criada por um louco a uma terra estrangeira. Vão acordar bem mais que os cães.
Cormac McCarthy – Meridiano de Sangue

A língua inglesa possui duas palavras que podem significar “fronteira”: *border* e *frontier*. Em consulta ao *Online Etymology Dictionary*, a palavra *border*, na história estadunidense, é definida como uma linha entre as regiões selvagens e povoadas do país. Ao consultar o mesmo dicionário online, a palavra *frontier*, em referência aos Estados Unidos, indica uma parte do país que está no limite das regiões colonizadas a partir de 1670. Ainda com o dicionário online, posteriormente foi aplicado a palavra *frontier* um significado específico que dialoga com a *frontier thesis* (Tese da Fronteira), de Frederick Jackson Turner que será abordada neste subcapítulo.

Fronteira e Oeste são palavras que possuem um significado bastante simbólico para o imaginário dos Estados Unidos, principalmente na percepção histórica de um período fundamental para a expansão territorial do país, ou seja, o século XIX. Jean Morency (2007, p. 289), ao analisar o significado de *frontier*,

observou que o termo tem um caráter evanescente, já que a história estadunidense está vinculada ao avanço progressivo dos colonizadores em direção ao Oeste, ou seja, há equivalência de significado entre fronteira e Oeste na medida em que as palavras indicam o limite entre civilização (fronteira) e o início do mundo selvagem (Oeste). Assim, quanto mais se avançou, no século XIX, em direção ao Oeste, mais a fronteira foi sendo estendida, o que, teoricamente, significou que mais ainda o Oeste foi sendo “civilizado”.

O principal estudo clássico a respeito da fronteira Oeste dos Estados Unidos é o ensaio já mencionado “*O significado da fronteira na história americana*”, de Frederick Jackson Turner. O teórico inicia seu ensaio analisando dados do censo estadunidense de 1890 referentes a diminuição da oferta de terras para os colonizadores. O censo analisado por Turner no início do seu estudo proclama o fim da fronteira no mesmo ano. É a partir dos dados analisados que o autor inicia a sua argumentação sobre a fronteira:

Em um recente relatório do superintendente do Censo de 1890 se destacam as seguintes palavras significativas: Até o ano de 1880, inclusive, o país tinha uma fronteira de colonização, mas atualmente a área não ocupada foi tão fracionada em trechos isolados de colonização que dificilmente se pode falar da existência de uma linha de fronteira. A discussão, portanto, de sua extensão ou de seu movimento para Oeste, etc., não pode mais ser levada em consideração nos relatórios do censo (Turner, 2004, p. 23).

A fronteira que se movia estava localizada no meridiano 99 e representava uma linha imaginária, natural e não estática que separava as “terras livres” (Oeste) da área civilizada (Leste). Em outras palavras, ela separava os selvagens dos civilizados. A fronteira, na concepção de Turner, era um processo em constante desenvolvimento. Ela era também a melhor forma de “americanização”:

Todos os povos apresentam desenvolvimento. [...] No caso da maior parte das nações, entretanto, o desenvolvimento ocorreu em uma área limitada; e, se a nação se expandiu, encontrou outros povos em crescimento que foram conquistados. No caso dos Estados Unidos, porém, temos um fenômeno diferente. Limitando nossa atenção à costa atlântica, temos o fenômeno conhecido da evolução de instituições numa área limitada, como o despontar do governo representativo; a diferenciação de governos coloniais simples em organismos complexos; a progressão de uma sociedade industrial primitiva, sem divisão do trabalho, para uma civilização manufatureira. Acrescente-se a isso a recorrência do processo de evolução em cada área do oeste, alcançada no processo de expansão. Assim, o desenvolvimento americano apresentou não somente um avanço ao longo de uma só linha, mas um retorno a condições primitivas, num contínuo avanço da linha de fronteira, e um novo desenvolvimento para aquela área. O desenvolvimento social americano vem continuamente se reiniciando na fronteira. Esse constante renascimento, essa fluidez da vida americana, essa expansão rumo ao Oeste com suas novas oportunidades, seu contato permanente com a simplicidade da sociedade primitiva propiciam as forças que cunham o caráter americano. O verdadeiro ponto de vista da história dessa nação não é a Costa Atlântica, mas sim o Grande Oeste (Turner, 2004, p. 24).

A citação de Turner compreende a fronteira como o renascimento contínuo dos Estados Unidos. Ela proporcionou, de acordo com o teórico, o avanço consecutivo dos colonizadores e estendeu a civilização para o *wilderness*, isto é, a área de natureza selvagem, segundo a sua concepção, e se dirigiu para o cumprimento do destino que a sua nação estava predestinada. A fronteira possibilitaria a repetição do processo evolutivo das sociedades, iniciado pelo encontro do selvagem com o civilizado e culminando com o domínio e a instalação de um novo sistema político, já que, segundo ele, o Oeste era uma terra primitiva que precisaria ser conquistada e civilizada, a fronteira seria o “pico da crista de uma onda”, ou seja, “o ponto de contato entre o mundo selvagem e a civilização” (Turner, 2004, p. 24).

Contraditoriamente, o indígena aparece na referida área de terra livre, da mesma forma a natureza, considerada como inóspita na tese de Turner. Os indígenas, conforme os colonizadores e a “civilização” avançavam, foram dominados, violentados e tiveram suas terras invadidas, conforme exposto no subcapítulo anterior. Na tese, Turner potencializa a ideia de expansão da fronteira pelo Oeste e ameniza os violentos encontros entre o homem da fronteira e os indígenas:

Em suma, na fronteira, acima de tudo, o meio ambiente é duro demais para o homem. Ele tem que aceitar as condições que esse meio ambiente lhe oferece, ou perecer, e assim ele se ajusta às roças abertas dos índios e segue suas trilhas indígenas. Pouco a pouco ele transforma a terra remota e inóspita de *wilderness*, mas o resultado não é a velha Europa, não é simplesmente o desenvolvimento das raízes germânicas [...] O fato é que aqui há um novo produto, que é americano. [...] Deslocando-se em direção ao oeste, a fronteira foi tornando-se mais e mais americana. [...] Desse modo, o avanço da fronteira significou um movimento contínuo de afastamento da influência europeia, um permanente crescimento de independência com traços americanos. E estudar esse avanço, os homens que cresceram sob tais condições, bem como os resultados políticos, econômicos e sociais decorrentes, é estudar a parte realmente americana da nossa história (Turner, 2004, p. 25-26).

É mencionada “história realmente americana” que este livro estuda e analisa através do romance *Meridiano de Sangue*. Diante da citação nacionalista e progressista de Turner está omitido a violência com que os colonizadores seguiram a trilha dos indígenas e a relação topocídica que eles tiveram com a natureza considerada selvagem. Turner enfatiza a ideia de uma linha de fronteira imaginária que, conforme avançava em direção ao Oeste, perdia suas características europeias e se tornava uma nova sociedade em formação. A vista disso, seguindo a concepção de Turner, a invasão em direção ao interior do país tinha essencialmente o espírito do novo homem dos Estados Unidos. No entanto, os costumes dos

grupos europeus, que invadiram o Oeste através da fronteira não estática, não foram completamente esquecidos ou perdidos.

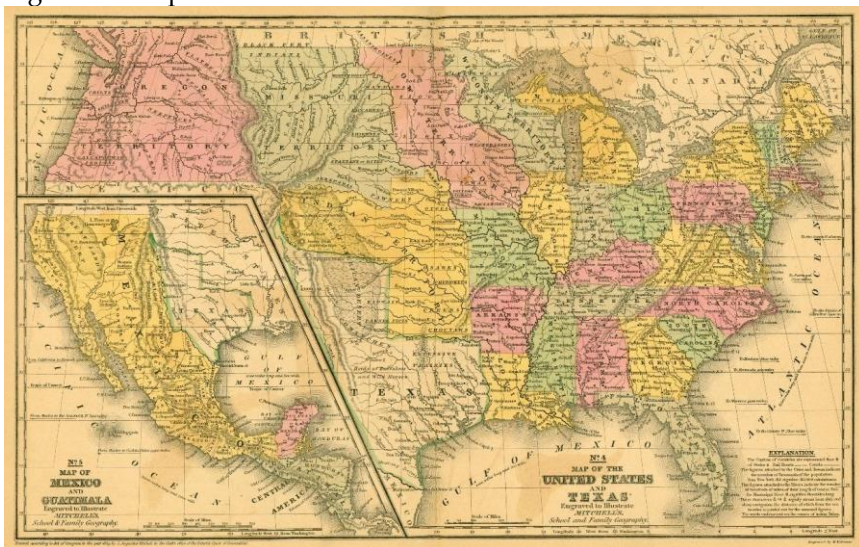
Seguindo com a interpretação de Turner sobre a fronteira, o autor indica que após a costa atlântica, barreiras naturais delimitavam o avanço em diferentes épocas:

A fall line marcou a fronteira do século XVII; os Alegânis, a do século XVIII; o Mississipi, a do primeiro quartel do século XIX; o Missouri, a de meados do século XX [...]; e o cinturão das montanhas rochosas e a região árida, a fronteira atual. *Cada qual foi conquistada numa série de guerras contra os índios* (Turner, 2004, p. 30, grifos do autor).

Sobre o trecho destacado na citação, é necessário lembrar que não foi uma série de guerras, mas sim um projeto político que dava licença para exterminar os indígenas. O Oeste, para Turner, estava se desenvolvendo e para que o progresso continuasse e a fronteira avançasse, a remoção indígena era necessária e passou a ser o principal objetivo político do país. O que chama a atenção na *Tese da Fronteira* são as motivações ideológicas que conduziram o processo de “civilização”. Turner enaltece a fronteira e os homens da fronteira. Para o teórico, o domínio que eles exerciam sobre o *wilderness* e seus elementos era resultado do destino ao qual os norte-americanos estavam designados.

Frederick Jackson Turner prossegue analisando o século XIX e destaca a Califórnia como não pertencente aos processos de fronteira que as outras áreas do território estadunidense passaram, por conta da corrida do ouro e da ocupação da região pelos mexicanos anteriormente. Ironicamente, na concepção do teórico, não havia na costa Pacífica do país um produto resultante da “americanização” emplacada. Por mais que a tese de Turner afirma o oposto, os povos que já habitavam a referida costa ajudaram a moldar os Estados Unidos socialmente e culturalmente.

Figura 2 – Mapa dos Estados Unidos e México



Fonte: Acervo digital da biblioteca da Universidade do Texas.

Em pesquisa realizada ao acervo digital da biblioteca da Universidade do Texas (*University of Texas Library*)⁵⁶, foi encontrado o mapa dos Estados Unidos e parte do México acima datado entre os anos de 1839 a 1845. Este é o espaço de tempo a qual Turner se refere no início de sua análise da fronteira no século XIX. O mapa também representa o período dos principais acontecimentos em *Meridiano de Sangue*. A linha vermelha no centro do mapa localiza o meridiano 99, isto é, a última fronteira não estática estipulada por Turner e o ponto de encontro entre civilização (Leste) e *wilderness* (Oeste). A linha centralizada também sugere o título da obra de Cormac McCarthy, uma vez que os milicianos do Capitão White e os mercenários da *Glanton Gang* partiram do Texas para invadir o território a sudoeste que ainda estava sob o poder dos mexicanos.

À medida que a última fronteira de Turner se estendia até chegar às *Montanhas Rochosas*, o desenvolvimento de meios de

⁵⁶ Mapas de diferentes períodos da história dos Estados Unidos e de outros países podem ser encontrados no seguinte website: <http://legacy.lib.utexas.edu/maps/historical/>.

comunicação e transporte chegava e o Meio-Oeste estava sendo ainda mais povoado. *A Tese da Fronteira* de Turner não menciona que, conforme a “civilização” penetrava por entre as Montanhas Rochosas, a violência contra os indígenas aumentava em quantidade e intensidade. Os mexicanos da região Sudoeste e da costa Pacífica na Califórnia também foram vítimas do avanço da referida “civilização”.

Constatou-se também na fronteira de Turner a ambição capitalista dos colonizadores através das atividades econômicas que se expandiram pelos Estados Unidos graças às políticas públicas do governo federal, com o intuito de atrair mais pessoas para colonizar a região Oeste e dentro dessas atividades econômicas o historiador rotulou algumas fronteiras. São elas: “fronteira do mercador, fronteira dos rancheiros, fronteira dos mineiros e fronteira dos lavradores” (Turner, 2004, p. 33).

Turner destaca a fronteira comercial e valoriza os comerciantes que seguiram as trilhas dos búfalos e dos índios. No entanto, o autor não menciona que a intenção dos comerciantes da fronteira, e do governo federal dos Estados Unidos, era de suprimir o modo de vida dos indígenas e de qualquer outro povo que não fosse o deles na “nova terra”. Os atos de violenta supressão dos colonizadores estão nítidos nas atitudes dos mercenários de Cormac McCarthy em *Meridiano de Sangue*.

O Oeste oferecia animais (e também pessoas) para os caçadores e comerciantes, solos virgens e rios para os rancheiros e padaria para os fazendeiros. A narrativa histórica de Frederick Jackson Turner, quando engloba a fronteira no século XIX, se apropria de personagens míticos e reconhece a mesma atitude mítica nos seus homens de fronteira. O exemplo de representação mítica que o autor cita na sua tese é Daniel Boone e sua família. No imaginário estadunidense, Daniel Boone era caçador, comerciante, rancheiro e fazendeiro. Ele era a principal representação do *self-made man* pelo fato de ter conseguido desbravar o *wilderness* e moldá-lo à sua necessidade.

Turner começa a sua tese com dados históricos e depois envereda a análise para o mito de Daniel Boone como justificativa para a sua idealização da fronteira e do homem do Oeste:

Daniel Boone, o homem do interior da floresta, que combinava ocupações de caçador, mercador, vaqueiro, lavrador e mapeador – tomando conhecimento, provavelmente pelos mercadores, da fertilidade das terras do alto Yadkin, [...] atravessou a estrada do Grande Vale acompanhando a corrente. Tendo notícia, através de um mercador de caça, das ricas pastagens do Kentucky, desbravou pioneiramente o caminho daquela região para os lavradores. Dali, passou para a fronteira do Missouri. [...] ajudou a abrir caminho para a civilização, encontrando jazidas de sal, trilhas e terras. Seu filho foi um dos primeiros caçadores nos desfiladeiros das montanhas Rochosas [...] seu neto desfrutava de muito poder entre os índios das montanhas Rochosas [...] Assim, essa família sintetiza o avanço do homem do interior das matas, [...] através do continente (Turner, 2004, p. 38-39).

Turner prossegue seu pensamento sobre o mito de Boone afirmando que as futuras gerações progrediriam através da fronteira em direção a costa Oeste “desbravando” territórios e “lutando” contra os indígenas. Em *Meridiano de Sangue*, se pensarmos em kid, como herdeiro do mito de Boone, encontramos então um problema, pois kid adentra o Oeste sem um propósito específico. Ele entra para a companhia de milícias do Capitão White sem saber as motivações ideológicas que movem o grupo e da guerra contra o México. O mesmo acontece posteriormente quando ele se junta aos mercenários de Glanton. Em um primeiro momento, ele queria deixar a prisão na cidade de Chihuahua e viu na gangue uma oportunidade para isso. No entanto, o protagonismo da gangue fica na personagem do Juiz Holden. Holden possui as mesmas características da figura mitológica de Boone, porém o que a narrativa de McCarthy nos mostra sobre ele é a representação de um homem violento e impiedoso. A comparação feita entre as duas personagens de *Meridiano de Sangue*

com Daniel Boone motiva-se pelo fato desta figura mitológica ter feito parte do imaginário de colonização dos Estados Unidos, principalmente no século XIX. Assim, tais informações, que foram ficcionalizadas por Cormac McCarthy, auxiliarão para a análise das atitudes violentas dos mercenários.

Retornando à tese de Turner, a influência fundamentada pela fronteira foi de promover a “nacionalidade complexa do povo americano” (Turner, 2004, p. 41). Em outras palavras, o teórico afirma que as hordas migratórias de diferentes nacionalidades europeias foram “americanizadas” na fronteira. Exemplificando de forma comparativa, o que no Brasil é conhecido como miscigenação, os antropólogos e historiadores estadunidenses conhecem como *melting pot*. Este termo foi utilizado para explicar a fronteira e as várias migrações feitas em território estadunidense: “A ideia inicial é justamente a da assimilação, considerada essencial para a estabilidade política. É justamente esse discurso de assimilação que caracteriza a imagem do *melting pot* estadunidense” (Borges, 2015, p. 347). Na explicação de Will Kymlicka, “esse termo alude fundamentalmente à fusão biológica de diversos grupos étnicos (brancos) através dos matrimônios mistos, mais que a fusão de suas práticas culturais” (Kymlicka, 1996, p. 30, apud Borges, 2015, p. 347).

A segunda influência da fronteira de Turner está relacionada à autossuficiência dos estadunidenses. Segundo ele, conforme a linha imaginária de povoação avançava em direção ao Oeste, menos os Estados Unidos se tornavam independente dos recursos enviados pela Inglaterra, pois esses recursos dificilmente chegariam ao extremo do país. A terceira influência da fronteira é sobre a destinação das terras públicas a Oeste. Essa terceira foi responsável pela anexação do Texas aos Estados Unidos, pois através dela o governo queria mostrar-se mais nacionalizado e unificado. A quarta influência da fronteira foi responsável pelo condicionamento das características econômicas e sociais que iam contra o localismo da costa Atlântica do país:

Nada funcionou mais em prol do nacionalismo do que o estabelecimento de relações no seio da nação. A mobilidade da população é a morte do localismo e a fronteira a oeste funcionou incansavelmente para desestabilizar a população. O resultado ricochetou na fronteira e afetou profundamente a costa atlântica e até mesmo o Velho Mundo (Turner, 2004, p. 48).

Turner deixa entendido que o surgimento dos Estados Unidos como uma nação imaginada e profetizada surge no Oeste, exatamente na fronteira que se estende pela região. Ele transforma os constantes e diferentes movimentos de fronteira como uma representação da construção da nação: “É um processo que constrói a nação sobre as bases europeias, mas as estende, as aperfeiçoa” (Borges, 2015, p. 102).

A quinta, e última influência da fronteira e da expansão territorial estipulada por Frederick Jackson Turner, é em relação a capacidade da fronteira estadunidense promover a democracia tanto nos Estados Unidos quanto na Europa:

O efeito mais importante da fronteira foi fomentar a democracia aqui e na Europa. Conforme já ficou indicado, a fronteira é geradora de individualismo. Essa região remota que constitui o *wilderness* impede a sociedade complexa para um tipo de organização primitiva baseada na família. A tendência é anti-social. Engendra a antipatia ao controle e particularmente a qualquer controle direto. O coletor de impostos é visto como um representante da opressão (Turner, 2004, p. 48).

A democracia e a domesticação da fronteira, pensadas como surgimento da nação estadunidense, são baseadas no individualismo do homem que trabalha, se brutaliza na fronteira, domina o *wilderness* e regenera a nação e a si próprio. Dessa forma, o movimento de expansão da fronteira Oeste prosseguiu carregando “consigo o individualismo, a democracia e o nacionalismo, tendo repercutido poderosamente no Leste e no Velho Mundo” (Turner, 2004, p. 52).

Turner, na conclusão da sua tese, tonifica a importância da fronteira para a criação e a definição da identidade estadunidense, assim caracterizando o espírito nacionalista do seu povo:

Das condições de vida na fronteira advieram traços intelectuais de profunda importância. [...] o intelecto americano deve à fronteira suas características notáveis. Essa aspereza e essa força, combinadas com a argúcia e a curiosidade; aquela flexibilidade mental prática e inventiva, ligeira para encontrar expedientes; essa compreensão magistral das coisas materiais, falha no artístico, mas poderosa na realização de grandes fins; essa energia incansável e agitada; esse individualismo dominante, funcionando para o bem e para o mal; e além disso, esse balizamento e exuberância que vem com a liberdade – essas são as características que afloram em qualquer lugar por causa da existência da fronteira. [...] a América tem sido outro nome para a oportunidade e o povo dos Estados Unidos assumiu o seu caráter a partir da incessante expansão que não só tem sido aberto, mas que foi até mesmo imposta. [...] A movimentação tem sido seu fator dominante e, a menos que esse aprendizado não tenha efeito sobre o povo, há de exigir continuamente um campo mais amplo para seu exercício. Nunca mais, porém, a dádiva das terras livres voltará a se oferecer (Turner, 2004, p. 53-54).

A relação de progresso contínuo da fronteira, do encontro entre mundo civilizado e selvagem e da domesticação do Oeste, relatados por Turner na sua tese, está retratada no quadro *American Progress* (Progresso Americano), de John Gast. Para o entendimento das relações mencionadas, uma análise pictográfica do quadro de Gast, em consonância com a narrativa de Turner e a história oficial dos Estados Unidos, será feita.

Figura 3 – *American Progress*, John Gast



Fonte: Acervo digital da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos⁵⁷

Quase duas décadas antes do ensaio de Frederick Jackson Turner eclodir no meio acadêmico e depois ser tomado como história oficial dos Estados Unidos, em 1872, John Gast, representava as ideias do progresso colonizador em seu quadro. Iniciando a análise, no centro da pintura há a imagem de uma mulher com aspectos angelicais, “exemplificada na ideia de Columbia, a personificação feminina da nação estadunidense” (Borges, 2015, p. 120). Columbia representa a fronteira em constante avanço ao Oeste enfatizado por Turner. Nota-se que ela está no centro da pintura como o ponto de encontro entre o civilizado Leste e o selvagem Oeste. O contraste das cores também ajuda a ilustrar o avanço da luz no desenvolvido e organizado Leste sobre a escuridão do Oeste, deixando a entender também que o

⁵⁷ O quadro de John Gast pode ser acessado através do seguinte website: <https://www.loc.gov/pictures/item/97507547/>.

Oeste é o grande desconhecido. O avanço da fronteira, conseqüentemente, leva conhecimento, sabedoria e conecta os dois mundos em apenas um, representados no livro e no telégrafo segurados por Columbia. Os búfalos, os cavalos selvagens, o urso e os indígenas, juntamente com a natureza, são lançados para escuridão e retirados de seus habitats naturais conforme a progressão sugerida na pintura. Povoando a fronteira, encontram-se claramente os elementos da tese de Turner: os quatro primeiros homens representam os mineradores, seguidos pelos caçadores de peles e comerciantes e, por último, os agricultores. Cada um desses grupos abrindo uma nova fronteira para o seu sucessor em alusão ao pensamento do teórico estadunidense. Seguindo a fronteira, há também as carroças dos colonos e o interesse dos passageiros nas terras a frente. Por fim, a tecnologia das ferrovias finalizando a domesticação e o progresso no século XIX.

A ideia e a visão romantizada do avanço da fronteira no período de invasão do Oeste não se restringiam apenas às artes plásticas. A literatura dos Estados Unidos seguiu a mesma tendência de exaltação da nação e contribuiu para a reiteração dos mitos e das figuras mitológicas que foram criadas na fronteira.

Richard Slotkin (2000, p. 6) explica a mitologia como “um complexo de narrativas que dramatizam a visão de mundo e o senso histórico de um povo [...] reduzindo séculos de experiência em uma constelação de metáforas convincentes”⁵⁸. Dessa forma, o teórico define o mito como a descrição de “um processo, conveniente ao seu público, pelo qual o conhecimento é transformado em poder” (Slotkin, 2000, p. 7)⁵⁹. Ele prossegue seu pensamento sobre o mito como forma de entender a criação dos

⁵⁸ A complex of narratives that dramatizes the world vision and historical sense of a people [...] reducing centuries of experience into a constellation of compelling metaphors.

⁵⁹ A process, credible to its audience, by which knowledge is transformed into power.

mitos nos Estados Unidos. Para esse entendimento, Ele sugere a análise do “modo mitopoético de consciência”⁶⁰ (2000, p. 7):

O modo mitopoético de consciência compreende o mundo através de um processo – e associação-percepção, um processo de raciocínio por metáfora, em que o discurso direto e a análise lógica são substituídos por discursos figurativos e poéticos: a repentina percepção não lógica e expressão de uma relação objetiva entre as partes da realidade ou entre realidades objetivas e subjetivas (Slotkin, 2000, p. 7)⁶¹.

O teórico argumenta, para a efetivação do seu raciocínio sobre o modo da mitopoética, ao explicar que ela “dependente do artefato mítico, que é a história real ou alguma imagem ou objeto sagrado relacionados à narrativa mítica. O artefato simbolicamente representa a percepção mitopoética e a torna concreta e comunicável” (Slotkin, 2000, p. 8)⁶². Assim, o autor chega à explicação da estruturação do mito:

O mito parece ser construído de três elementos estruturais básicos: um protagonista ou herói, com quem se presume que o público se identifique de alguma forma; um universo em que o herói tem que atuar, o que é presumivelmente um reflexo da concepção do público sobre o mundo e os deuses; e uma narrativa, em que a interação do herói com o universo é descrita (Slotkin, 2000, p. 8).

⁶⁰ Mythopoeic mode of consciousness.

⁶¹ The mythopoeic mode of consciousness comprehends the world through a process of thought – and perception-association, a process of reasoning by metaphor in which direct statement and logical analysis are replaced by figurative or poetic statement: the sudden, non-logical perception and expression of an objective relation between parts of reality, or between objective and subjective realities.

⁶² Dependent on the myth-artifact, which is the actual tale or some sacred image or object connected with the myth-narrative. The artifact symbolically embodies the mythopoeic perception and makes it concrete and communicable.

A imagem de um herói e de um universo onde ele transita certamente colabora na identificação de um mito, conforme o estudo feito juntamente com Richard Slotkin. Claramente este é o caso da fronteira e do Oeste idealizados por Turner, reforçado pelas artes e aproveitado pelos políticos como forma de dar prosseguimentos aos projetos imperialistas dos Estados Unidos. A revisão histórica e dos elementos que compõem os mitos propostos neste livro utilizará o romance *Meridiano de Sangue* para desconstruir a ideia de “americanização” e domesticação espacial propostas pela fronteira de Turner, bem como desconstruir a ideia de herói mítico que caracterizou um tipo de desbravador e que buscou um tipo de paraíso que estava perdido nas terras da América do norte. Cormac McCarthy, diferentemente de outros escritores da literatura estadunidense, mostra a essência do que foi a marcha progressiva para o Oeste ao denunciar os atos de barbárie e violência dos mercenários da *Glanton Gang* na segunda parte de *Meridiano de Sangue*. Antes de iniciar a análise da violência no romance, é preciso fazer um estudo da revisão histórica da fronteira feita por Patricia Nelson Limerick.

Limerick problematiza um período específico (dos anos 30 aos 50 do século XIX) por conta das leis contra os nativos, a aquisição dos extremos Oeste do México e o tratado feito entre Estados Unidos e o país vizinho ao sul quanto aos mexicanos que já estavam naquela área antes da guerra iniciar, além do caráter excludente e nacionalista da fronteira de Turner.

Começemos nosso estudo de revisão histórica pela última problematização do parágrafo anterior, a fronteira de Turner. Nas palavras de Limerick,

a fronteira tinha limites arbitrários que excluía mais do que continham. Turner era [...] etnocêntrico e nacionalista. Os homens brancos ingleses eram as estrelas da história dele; Índios, hispânicos, franco-canadenses e asiáticos eram, na melhor das hipóteses, coadjuvantes e, na pior, invisíveis. Quase tão invisíveis eram as mulheres de todas as etnias. Turner também estava preocupado

principalmente com a colonização agrária e a democracia popular no meio-oeste. Desertos, montanhas, minas, cidades [...] não tinham muito espaço no seu modelo (1987, p. 21)⁶³.

A autora critica a centralização da fronteira de Turner no individualismo do homem branco e no processo de colonização focados na ideia de agrarismo e de “democracia”. Ela menciona que Turner excluiu outros elementos importantes que também pertenciam à fronteira, bem como o meio ambiente e a forma como ele foi desenvolvido. O etnocentrismo, o individualismo e o nacionalismo estão presentes nas personagens anglo-saxônicas de Cormac McCarthy, além do *wilderness* e a forma como ele foi domesticado.

Limerick prossegue seu estudo revisionista sobre a fronteira tirando a ênfase dada aos processos de linhas não estáticas, ou seja, em constante avanço e pensando o Oeste como uma área geral a ser analisada, bem como os elementos desgarrados na narrativa excludente de Turner. Ainda sobre a *Tese da Fronteira*, a teórica argumenta que

a fronteira de Turner foi um processo, não um lugar. Quando a “civilização” conquistou a “selvageria” em qualquer lugar, o processo seguiu em frente. Repensando a história do Oeste, nós ganhamos a liberdade de pensar no Oeste como um lugar [...] ocupado por nativos que consideravam sua terra natal como o centro, não o limite (Limerick, 1987, p. 26)⁶⁴.

⁶³ The frontier has arbitrary limits that excluded more than they contained. Turner was [...] ethnocentric and nationalist. English-speaking white men were the stars of his story; Indians, Hispanics, French Canadian, and Asians were at best supporting actors and at worst invisible. Nearly as invisible were women, of all ethnics. Turner was also primarily concerned with agrarian settlement and folk democracy in the Midwest. Deserts, mountains, mines, cities, [...] never found much of a home in his model.

⁶⁴ Turner’s frontier was a process, not a place. When “civilization” had conquered “savagery” at any one location, the process moved on. In rethinking the Western history, we gain the freedom to think of the West as a place [...] occupied by natives who considered their homelands to be the center, not the edge.

A citação acima reflete que, sob a tese de Turner, o Oeste era uma área abandonada e selvagem, onde a civilização participante da linha de fronteira imaginária civilizaria e desenvolveria a “nova” terra. Se o Oeste for pensado como lugar, e tendo em vista *Meridiano de Sangue* e os estudos de Limerick, será constatado que a região não era um lugar vazio e que o pensamento de “selvageria” é subjetivo. A interpretação do Oeste como um lugar selvagem foi imposta pelos colonizadores de fronteira, pois estes já haviam experienciado e se acostumado a um tipo de sistema e organização social considerado por eles civilizado. Esse é o propósito da fronteira de Turner, estender a civilização através dos processos da fronteira. O que é questionado, e ficcionalizado no romance de McCarthy, são os meios utilizados pelos agentes da civilização para domesticar a área que eles consideravam abandonada e selvagem. O subjetivismo relacionado à selvageria é que, enquanto o Oeste é pensado como um lugar, outros povos também já habitavam a região antes da invasão dos colonizadores. Se povos de diferentes procedências já habitavam o lugar, logo eles já possuíam um tipo de organização social, o que os torna civilizados se seguirmos esta linha de raciocínio sobre civilização.

Continuando o estudo revisionista da fronteira, acompanhando o raciocínio de Limerick relacionado ao Oeste como lugar, a região era um importante ponto de encontro entre as diversas etnias pertencentes ao local e as que chegaram posteriormente: “Felizmente ou não, minorias e majorias ocuparam um terreno comum” (Limerick, 1987, p. 27)⁶⁵. Sobre a diversidade étnica no Oeste, a teórica pontua que

primeiro é preciso lembrar a diversidade de língua, cultura e economia. Antropologistas dividiram o *norte do Rio Grande* em pelo menos *doze regiões culturais*. [...] No *noroeste do Pacífico*, as *peessoas costeiras* se beneficiavam de uma abundância de alimentos do oceano, não cultivavam, prezavam as riquezas, praticavam uma

⁶⁵ Happily or note, minorities and majorities occupied a common ground.

variedade de *escravidão* e tinham uma sociedade claramente hierárquica; nas florestas do nordeste, *grupos* plantavam milho e abóbora, caçavam em temporadas [...] *No sudoeste, alguns dos povos* eram caçadores nômades, enquanto outros cultivavam e moravam em vilas [...] Nenhum desses modos de vida correspondiam ao modelo dos *índios das planícies* [...] a *Califórnia* tinha representantes de todos os principais grupos de idiomas.

[...] Segundo, *as tribos* fizeram contatos com *euro-americanos* em diferentes épocas e sob diferentes circunstâncias. Alguns experimentaram um período prolongado de comércio e contatos pouco frequentes; outros repentinamente confrontaram um bando de colonos brancos. Algumas tribos foram repetidamente removidas, passando pelo que era essencialmente uma experiência de refugiado, forçadas a imigrar para o *território de outras tribos* (Limerick, 1987, p. 216, grifos do autor).

Foram destacadas as regiões e os variados elementos que habitavam o Oeste, que mantinham seus costumes e estilos de vida. Propositamente, Limerick busca contradizer o termo “área de terra livre” utilizado por Turner na sua tese para se referir a região. Foram as fronteiras naturais e/ou imaginárias que excluíram os elementos e seus hábitos do Oeste. Retornando à *Meridiano de Sangue*, os mercenários de McCarthy transitam pelas regiões sudoeste entre o extremo Oeste do Texas, o Rio Grande, Chihuahua, o sul do Novo México, o deserto de Sonora e a região sul do Arizona. As regiões estão ilustradas no mapa abaixo:

Figura 4: *Deserto estadunidense e mexicano*



Fonte: Sepich, John. *Notes on Blood Meridian: revised and expanded edition*. Texas: University of Texas Press, 2008.

O mapa, além de ilustrar as regiões percorridas pelos mercenários da *Glanton Gang*, também mostra o que está além do meridiano 99, metaforicamente utilizado por Cormac McCarthy como o meridiano de sangue para o título do seu romance. A metáfora do título será entendida quando iniciarmos a análise da violência no processo de domesticação da fronteira. Retornando ao mapa, e tendo em vista *Meridiano de Sangue*, as regiões trilhadas pelos mercenários são compostas por cidades e pequenos vilarejos. Tendo em mente o Oeste multiétnico proposto por Limerick, o Juiz

Holden se comunica em espanhol com os povos da fronteira e os mercenários encontram diferentes tipos de pessoas na região (mexicanos, indígenas, negros, vaqueiros e outros grupos de imigrantes). Agora, tentemos observar o mapa sem os limites geográficos que separam os estados entre os dois países. Nota-se que as únicas divisões existentes são os rios, em destaque o Rio Grande Del Norte que atravessa as duas nações. Significa ressaltar, em concomitância com o estudo feito até aqui com Patricia Nelson Limerick, que a paisagem no território Oeste não difere de um país para o outro na região de fronteira e o Oeste, enquanto lugar, é único, independentemente de estar nos Estados Unidos ou no México. Patricia Nelson Limerick comenta sobre esses limites naturais após a guerra entre os dois países:

Vitoriosos na guerra Mexicano-Americana em 1848, os Estados Unidos tomaram metade do México. A divisão resultante não ratificou nenhum plano para a natureza. As fronteiras eram todas ecológicas; o nordeste do deserto mexicano se misturou ao sudoeste do deserto americano, sem prefigurações de nacionalismo. A única linha que a natureza forneceu – o Rio Grande – foi um rio, que na verdade não dividia terrenos contínuos (Limerick, 1987, p. 222)⁶⁶.

A abertura e as limitações das “fronteiras” regionais entre Estados Unidos e México contornaram e modelaram a região tal como a conhecemos hoje. Então, a fronteira de Turner deixa as suas marcas no processo histórico de colonização ao colocar duas nações em constante conflito e competir pelo controle dos recursos naturais locais e pelas oportunidades de ascensão social.

⁶⁶ Victorious in the Mexican-American war in 1848, the United States took half of Mexico. The resulting division did not ratify any plan of nature. The borderlands were ecological whole; northeastern Mexican desert blended into southwestern American desert with no prefiguring nationalism. The one line that nature did provide – the Rio Grande – was a river that ran through but did not really divide continuous terrain.

O Oeste passa a ganhar um novo contexto de violência após a guerra. Os indígenas tiveram as suas terras invadidas novamente pelos colonizadores anglo-saxônicos no “novo” território adquirido e eram vistos como ameaças pelos governos estadunidense e mexicano, que passaram a adotar uma lei ilegal de escalpos indígenas na região. Em uma tentativa forjada de controlar a violência, o governo dos Estados Unidos assina um tratado de paz (Tratado de Guadalupe Hidalgo) com o México assegurando-lhes proteção no território a extremo Oeste contra os indígenas. De acordo com Limerick,

o tratado permitiu-os emigrar para o México ou ficar nos Estados Unidos, com seus direitos como cidadãos Americanos ostensivamente garantidos. [...] os Hispânicos tinham no Tratado de Guadalupe Hidalgo uma garantia escrita para manter suas reivindicações legítimas sobre a terra (1987, p. 235)⁶⁷.

Historicamente, e ficcionalizado no romance *Meridiano de Sangue*, o tratado foi violado pelos estadunidenses. Mercenários eram contratados nas cidades da “nova fronteira” para proteger as cidades dos ataques indígenas. Os governantes pagavam quantias altas pelos escalpos indígenas coletados. No entanto, o que estava acontecendo era uma matança generalizada de indígenas, mexicanos e outros grupos que transitavam pela região. Conforme mencionado no primeiro capítulo deste livro, o primeiro escalpo retirado pelos mercenários da *Glanton Gang* no romance de McCarthy foi de uma senhora mexicana. Os anglo-saxônicos estavam tirando vantagem do comércio ilegal de escalpos, pois “não havia nenhuma outra maneira de distinguir um escalpo de Apache de qualquer outro escalpo escuro; [...] Hispânicos e Índios

⁶⁷ The treaty allowed them to emigrate to Mexico or to stay in the United States, with their rights as American citizens ostensibly guaranteed. [...] Hispanics had in the Treaty of Guadalupe Hidalgo a written guarantee of their rights to retain their legitimate land claims.

[...] ficaram vulneráveis ao ataque de qualquer caçador de escalpo” (Limerick, 1987, p. 235)⁶⁸.

O crítico e estudioso das obras de Cormac McCarthy, John Sepich (2008, p. 5), em seu livro *Notes on Blood Meridian*, faz um estudo minucioso da historiografia contida no romance. Ao escrever sobre os *scalp hunters* (caçadores de escalpos), o crítico afirma que os conflitos existentes no Sudoeste, entre os estados do Texas, de Chihuahua, do Novo México e do Arizona entre 1849 e 1850, envolveram muitas pessoas: mexicanos, tropas do exército dos Estados Unidos, texanos e viajantes anglo-saxônicos na corrida do ouro. Os grupos eram licenciados para fazer o trabalho ilegal em benefício dos governantes desses estados. O problema de identificação dos escalpos destacados por Limerick (1987) na história dos países é mencionado por Sepich (2008) ao analisar o contexto de *Meridiano de Sangue* e dos mercenários da *Glanton Gang*, conforme a seguinte citação:

Chihuahua era habitada por mestiços, cujos cabelos eram semelhantes aos dos índios em cor e textura. Os cabelos dos Índios combatentes e agricultores pareciam mais ou menos os mesmos. Os escapeladores de Glanton consideraram esse “problema” um benefício, enriquecendo seus cofres com o assassinato clandestino de cidadãos mexicanos até que [...] fossem descobertos pelas autoridades (Sepich, 2008, p. 8)⁶⁹.

O Oeste multiétnico era um problema para os planos imperialistas dos colonizadores anglo-saxônicos nos Estados Unidos. A imposição de suas crenças e culturas precisava ser

⁶⁸ There was no certain way to distinguish an Apache scalp from any other dark-haired scalp; [...] Hispanics and Indians [...] were thus vulnerable to attack by scalp hunters.

⁶⁹ Chihuahua was inhabited by mestizos, whose hair was similar to the Indians’ in color and texture. The hair of fighting and farming Indians looked about the same. Glanton’s scalpers found this “problem” of identification to be a boon, enriching their coffers with the surreptitious murder of Mexican citizens [...] were discovered by the authorities.

determinada sobre os mexicanos, os indígenas e qualquer outra raça/etnia que estivesse no caminho a ser seguido pela fronteira. As imposições advindas dos saxões tiveram como resultado a dizimação dos povos da fronteira, além das etnias indígenas. Historicamente há registros de que os mercenários da *Glanton Gang* realmente existiram. Cormac McCarthy reportou-se à principal fonte histórica sobre esse grupo para criar seus personagens, isto é, o livro *My Confession, Recollections of a Rouge*, de Samuel E. Chamberlain. Através do livro crítico de John Sepich (2008) sobre *Meridiano de Sangue*, as seguintes informações sobre a pesquisa feita por McCarthy no livro de Samuel Chamberlain foram encontradas, principalmente no que se referem a construção das personagens e dos espaços contidos na obra:

o Reverendo Green, o Toadvine, o prisioneiro Grannyrat, Van Diemen, o Speyer, o kid como flibusteiro, o negócio de escalpo da gangue na cidade de Chihuahua, [...] uma esposa viva para Glanton, as histórias de Holden, [...] as histórias das lutas em Nacori e Jesús María, [...] as duas viagens para San Diego [...] e a pira funerária para os massacrados na balsa (Sepich, 2008, p. 26)⁷⁰.

Todos os nomes listados acima, inclusive o de Glanton, e os espaços por onde as personagens passaram estão associados à violência. Assim, inicia-se a segunda parte da análise e do livro *Meridiano de Sangue* na voz da personagem Toadvine, que estivera preso em Chihuahua juntamente com kid, e ambos ingressam na *Glanton Gang*: “O nome dele é Glanton, disse Toadvine. Fez um contrato com Trias. Vão pagar a ele cem dólares a cabeça por escalpos e mil pela cabeça de Gómez. Disse a ele que somos três. Senhores, estamos de saída desse buraco de merda” (McCarthy,

⁷⁰ The Reverend Green, Toadvine, prisoner Grannyrat, Van Diemen, Speyer, the kid as a filibuster, the gang’s scalp business in Chihuahua City, [...] a living with for Glanton, stories of Holden, [...] stories of fights at Nacori and Jesús María, [...] two trips to San Diego [...] and a funeral pyre for those massacred at the ferry.

2020, p. 88). Dessa forma, a violenta domesticação da fronteira tem início no romance de McCarthy.

O grupo de mercenários liderado por Glanton no romance possui pessoas de diferentes nacionalidades e raças. Além disso, as vestimentas e os comportamentos selvagens do grupo desconstruem a ideia de que eles eram os agentes da civilização e da paz pregados pela ideologia do *Destino Manifesto* e do homem de fronteira, de Turner. Eles eram um bando de anglo-saxônicos que matavam indígenas e mexicanos. Eis a descrição dos supostos representantes do *Destino Manifesto* da nação estadunidense:

viram certo dia um bando de humanos de aspecto malévolos montados em pôneis índios desferrados cavalgando meio bêbados pelas ruas, barbudos, bárbaros, trajados em peles de animais costuradas com tendões e munidos de armas de todo gênero, revólveres de enorme peso e facas bowie do tamanho de claymores e rifles curtos de cano duplo com bocas em que dava para enfiar o polegar e o xairéis de seus cavalos feitos de pele humana e os jaezes de cabelo humano trançado e adornados com dentes humanos e os cavaleiros usando escapulários ou colares de orelhas humanas secas e enegrecidas e os cavalos de aspecto indócil e olhar bravo arreganhando os dentes como cães ferozes e cavalgando também com o bando um certo número de selvagens seminus bambos sobre a sela, perigosos, imundos, brutais, o grupo todo como uma visita divina de alguma terra pagã onde eles e outros como eles se alimentavam de carne humana (McCarthy, 2020, p. 87).

Conforme a narrativa prossegue, juntamente com o avanço dos mercenários, o narrador expõe as fronteiras naturais que, supostamente, dividiriam os dois países e revela a violência praticada contra os povos indígenas:

Cruzaram o leito pedregoso do rio Casas Grandes e cavalgaram ao longo de um terraço acima do arroio desolador passando por uma área coberta de ossos onde soldados mexicanos haviam massacrado um acampamento apache alguns anos antes, mulheres e seus filhos,

os ossos e crânios espalhados pelo terraço por mais de meio quilômetro e os membros minúsculos e crânios de papel desdentados de bebês como a ossatura de pequenos macacos no local do morticínio e velhos restos de cestaria expostos à intempérie e potes quebrados de cascalho. Seguiram em frente. O rio estabelecia o curso de um corredor verde-claro de árvores descendo as montanhas estéreis. A oeste assomava a irregular Carcaj e ao norte os picos pálidos e azulados das Animas (McCarthy, 2020, p. 98).

O segundo escalpo retirado pelos membros da *Glanton Gang* no romance é realizado contra um indígena apache que estava caçando com seu grupo em uma área desértica. A emboscada feita pelos mercenários resulta na morte de um velho apache, conforme descrição a seguir:

O homem morto tombara em um leito arenoso. Estava nu exceto pelas botas e pele e as folgadas calças mexicanas. [...] Glanton o virou de costas com sua bota. O rosto pintado surgiu [...] Dava para ver o buraco onde a bala do rifle de Toadvine penetrara acima da costela inferior. O cabelo do homem era comprido e negro e baço de poeira e nele andavam alguns piolhos. Havia faixas de tinta branca nas maçãs e asnas de tinta acima do nariz e desenhos em tinta vermelha escura sob os olhos e no queixo. Era velho e exibia um ferimento de lança cicatrizado logo acima do íliaco e um antigo ferimento de sabre na face esquerda indo até o canto do olho. Esses ferimentos estavam adornados com imagens tatuadas em toda a extensão. [...] O juiz [...] agarrou as negras madeixas e ergueu-as da areia e tirou o escalpo (McCarthy, 2020, p. 119).

Percebe-se, através da citação, que na segunda retirada de escalpo o narrador concentra a descrição no apache assassinado e restringe a apenas uma linha o escalpo retirado pelo Juiz Holden. A atenção que esta análise quer atribuir ao trecho citado é o escalpelamento e, também, o homicídio cometido contra o indígena por parte dos mercenários como forma de ilustrar a contraditória narrativa pacífica da fronteira de Frederick Jackson Turner.

A história do primeiro contato do padre Tobin com o Juiz Holden tem seu desfecho com um novo massacre dos Apaches. Holden é descrito como um ser misterioso, de educação refinada, com conhecimentos diversificados, poliglota e conhecedor do deserto. Pelo relato de Tobin, antes do juiz integrar a gangue, os mercenários estavam perdidos no deserto e seguidos por centenas de apaches. Holden os salva através do seu conhecimento geográfico e geológico, ao produzir munição com os recursos naturais disponíveis no deserto. Com todos munidos, o juiz

estava com as pistolas enfiadas no cinto atrás das costas e puxou cada uma com uma mão [...] e aí começou a matar índio. Não precisou pedir duas vezes. Deus, foi uma carnificina. Na primeira descarga matamos uma dúzia e não houve mais trégua. Antes que o último *pobre-diabo de um negroide* rolasse pro fundo da encosta já tinha cinquenta e oito deles massacrados no meio dos pedregulhos. Eles simplesmente escorregavam pela vertente como a limpadura numa canoura, uns virando desse lado, outros de outro, e se amontoando como uma cadeia humana na base da montanha. A gente apoiou os canos dos rifles no enxofre e derrubamos mais nove correndo na lava. *Era um tiro ao alvo, é o que era. Todo mundo apostava.* O último a ser atingindo estava a uma boa fração de quilômetro das bocas das armas e correndo feito um condenado. Foi uma fuzilaria certa pra todo lado e nem um tiro perdido pela tropa com aquela pólvora esquisita (McCarthy, 2020, p. 143, grifos do autor).

O relato do massacre apache é feito por um padre, informado pelo narrador do romance como desertor e confirmado pela forma impiedosa e sem arrependimentos que descreve o acontecido. Entendemos que, após o desespero pela falta de munição, os mercenários passaram a se divertir no abatimento dos indígenas. Foi dessa forma que o serviço de limpeza étnica prestado pelos mercenários e a fronteira não estática “civilizada” ganhou seu principal e mais violento membro no romance *Meridiano de Sangue*.

A invasão progressiva dos mercenários pelo deserto a Sudoeste dos Estados Unidos e do México apresenta mais

“fronteiras” naturais. O narrador recorre a detalhes da paisagem para tentar determinar um possível limite de um lugar para o outro, conforme descrição a seguir:

Cavalgaram em meio aos raios do sol e o *capim alto* e no fim da tarde viram-se na beira de uma *escarpa que parecia assinalar o limite do mundo conhecido*. Abaixo deles sob a luz empalidecida esparramavam-se a nordeste as planícies abrasadas de San Augustin, a terra flutuando em uma prolongada curvatura silenciosa sob vultos distorcidos de fumaça. [...] Os cavalos percorriam o caminho ao longo da borda com cuidado e os cavaleiros lançavam olhares variados para aquela terra nua e antiga (McCarthy, 2020, p. 147, grifos do autor).

San Augustin era um “mundo desconhecido” para os mercenários. Os trechos destacados na descrição do narrador do romance, claramente, dialogam com a fronteira separatista entre civilização e selvageria de Frederick Jackson Turner. Ao mesmo tempo, este limite o contradiz e faz o leitor perceber um Oeste diversificado, ou seja, multiétnico.

Atravessaram o deserto de San Augustin, os mercenários chegam a um antigo vilarejo indígena habitado pelos anasazis, uma antiga civilização que viveu onde hoje fica os *Four Corners* (Quatro Cantos), ou seja, uma região localizada no Oeste com a particularidade de ser o único lugar dos Estados Unidos onde quatro estados se encontram: Novo México, Colorado, Utah e Arizona. Ao terminar o relato sobre os anasazis, o Juiz Holden expõe seu pensamento sobre os homens que se destroem na tentativa de explicar os ataques de uma nação sobre a outra, ou seja, a guerra:

Se Deus tencionasse interferir na degenerescência da humanidade já não o teria feito a essa altura? Lobos separam as crias fracas, homem. A que outra criatura caberia? E acaso a raça humana não é ainda mais predatória? É da natureza do mundo vicejar e florir e morrer mas nos negócios do homem não há definhamento e o zênite de sua expressão sinaliza o começo da noite. Seu espírito está exausto no auge de sua

realização. Seu meridiano é ao mesmo tempo seu escurecer e o acaso do seu dia. Ele ama o jogo? Pois que aposte tudo. Isso que veem aqui, essas ruínas tão veneradas pelas tribos de selvagens, acham que voltarão a existir? Sempre. E novamente. Com outro povo, com outros filhos (McCarthy, 2020, p. 155-156).

Holden esclarece sobre a regeneração da vida através da violência. Perambulando pelo deserto, os mercenários encontram uma carnificina feita por outros colonizadores brancos contra viajantes que se deslocavam pela fronteira. O narrador, de forma inédita no romance, informa o leitor, em tom de denúncia, a barbaridade cometida pelos colonizadores:

Caminharam em silêncio entre os corpos dos *argonautas*, aqueles probos peregrinos sem nome entre as pedras com seus terríveis ferimentos, as vísceras esparramando-se por seus flancos e os troncos nus crivados de flechas. Alguns pela barba eram homens e contudo ostentavam entre as pernas estranhas chagas menstruais e não as partes masculinas pois estas haviam sido amputadas e pendiam escuras e estranhas de suas bocas sorridentes. Em suas perucas de sangue seco jaziam contemplando com olhos de macaco o irmão sol agora subindo a leste.

[...] O rastro dos assassinos seguia para oeste *mas eram homens brancos que atacavam viajantes naquela terra desolada e disfarçavam suas obras como se fossem dos selvagens* (McCarthy, 2020, p. 162-163, grifos do autor).

Os mercenários da *Glanton Gang* estavam perseguindo os apaches, por conta dos escalpos a serem coletados, e matavam os mexicanos que cruzavam seu caminho. Em constante marcha com a fronteira da “civilização” rumo ao Oeste, os mercenários “em número de dezenove fazendo carga contra o acampamento onde dormiam mais de mil” (McCarthy, 2020, p. 165) apaches, destruíram o local e assassinaram todos os indígenas que não conseguiram escapar da emboscada:

Os mortos jaziam na água rasa como vítimas de algum desastre marítimo e estavam espalhados pelo refluxo salgado em um caos de sangue e entranhas. [...] Moviam-se entre os mortos *ceifando as longas melenas negras com suas facas e abandonando as vítimas de crânio ulcerado e tão estranhas em suas sanguíneas coifas amnióticas.* [...] Os homens vadeavam as águas vermelhas talhando os mortos a esmo e *alguns copulavam com os corpos ensanguentados de jovens mortas ou agonizantes na praia* (McCarthy, 2020, p. 167, grifos do autor).

Os mercenários, além de violentamente assassinares os apaches, protagonizaram outro tipo de violência contra as jovens mortas ou beirando a morte. Elas foram violadas por esses homens. Claramente, conforme a narrativa de McCarthy prossegue, fica mais evidente que os “agentes da paz” e a “americanização” da fronteira estavam elevando o grau de violência por onde passavam. As cenas de barbárie praticadas pelos mercenários no acampamento apache prosseguem pelo deserto. Os mercenários deram continuidade a perseguição aos indígenas que conseguiram escapar e os abateram um a um:

Glanton estava imóvel na sela. O tiro ecoou surdo e seco no vazio e a fumaça cinza flutuou para longe. O líder do grupo no ponto elevado montava em seu cavalo. Então vagorosamente pendeu para o lado e desabou. [...] Os índios içaram seu líder para uma nova montaria e cavalgando em duplas instigaram os cavalos e partiram outra vez. [...] Com o segundo tiro o pônei que levava o líder empinou e um cavaleiro a seu lado esticou o braço e segurou as rédeas. Tentavam tirar o líder do animal ferido em pleno galope quando o animal desabou. [...] O sangue borbulhava no peito do homem e ele revirou os olhos, já vítreos, os minúsculos vasos se rompendo.

[...] Ele cavalgou de volta ao acampamento à testa de sua pequena coluna com a cabeça do chefe em seu cinto pendurada pelos cabelos. Os homens preparavam enfiadas de escalpos com tiras de látigo de couro e alguns dos mortos exibiam largas fatias de pele cortadas de suas costas para serem usadas na feitura de cintos e arreios. O mexicano morto McGill fora escalpelado e os crânios

ensanguentados já começavam a enegrecer sob o sol. [...] Glanton os tocou praguejando dali e apanhou uma lança e cravou-a na terra com a cabeça na ponta balançando (McCarthy, 2020, p. 168-169).

A perseguição contra os apaches continua na primeira viagem no deserto do México e dos Estados Unidos feita pelos mercenários até o retorno deles para a cidade de Chihuahua. Ao retornarem para a cidade que os contrataram, os mercenários da *Glanton Gang* eram idolatrados e tidos como heróis. A celebração local não é por eles estarem vivos, mas pela perseguição e morte dos indígenas na região de fronteira:

Confrontaram-nos mais uma vez em Encinillas e confrontaram-nos nos desfiladeiros áridos que iam na direção de El Sauz e mais além nos contrafortes pouco elevados de onde já podiam avistar os pináculos das igrejas na cidade ao sul. No dia vinte e um de julho do ano de mil oitocentos e quarenta e nove entraram na cidade de Chihuahua para serem saudados como heróis, conduzindo os cavalos multicoloridos diante de si através da poeira das ruas em um pandemônio de dentes e de olhos esbranquiçados. Meninos pequenos corriam entre os cascos e os vitoriosos em seus trapos ensanguentados sorriam sob a imundície e o pó e o sangue encrostado conforme carregavam em estacas as cabeças dessecadas do inimigo em meio àquela fantasia de músicas e flores (McCarthy, 2020, p. 175).

A segunda viagem dos mercenários pelo deserto e pela fronteira, ainda sob contrato do governo estrangeiro de Chihuahua, descreve o desespero dos caçadores por escalpos indígenas. No entanto, a denúncia nesse ponto da narrativa está relacionada à violência contra os vilarejos mexicanos e seus habitantes. Novamente, a imposição da supremacia racial do colonizador estadunidense é realizada através de violência contra o que eles consideravam como minorias étnicas. O Oeste multiétnico estava sendo “civilizado” e “domesticado” por bárbaros sanguinários. O “progresso” que se estendia pelos Estados Unidos na proporção

Sudoeste do país, mostrava-se distópico. A fronteira que se estendia atravessando o país carregava consigo as marcas da violência dos colonizadores e tonificou o vermelho crepuscular do horizonte a Oeste com o sangue de milhares de inocentes.

A fronteira é tema na discussão feita pelo narrador sobre os acontecimentos que estão por vir na narrativa:

Vagaram pela fronteira por semana à procura de algum sinal dos apaches. Prontos para o combate naquela planície moviam-se em constante elisão, *agentes autorizados do presente dividindo o mundo que encontravam e deixando o que havia sido e o que nunca mais seria igualmente extintos no solo atrás de si*. Cavaleiros espectrais, pálidos de pó, anônimos nas ameias do calor. Mais do que tudo pareciam inteiramente ao acaso, primevos, provisórios, carentes de ordens. Como seres incitados a sair da rocha absoluta e condenados em sua completa obscuridade (McCarthy, 2020, p. 183, grifos do autor).

Entende-se o trecho destacado na citação da seguinte forma: os mercenários da *Glanton Gang* no romance de McCarthy são os “agentes da paz” responsáveis por dividirem as terras por onde passavam entre civilização e selvageria. Eles representam de forma alegórica a fronteira e as ideias nacionalistas de Frederick Jackson Turner. Conforme avançam pelas terras do Oeste, os costumes antigos deste “mundo” são deixados para trás e os mesmos costumes nunca mais existirão por aquela região. Os ditos “agentes da paz” estavam na área para certificarem-se de que as instituições antigas não mais voltariam a fazer parte do “novo” território.

Os mercenários invadem a cidade de Nacori e presenciam o funeral de uma jovem mexicana. Com aspectos ameaçadores, os mercenários são atacados por um grupo de mexicanos. Os mercenários reagem e o narrador centraliza a descrição da matança no juiz Holden pela primeira vez na narrativa:

O juiz se virou no limiar e passou por cima dos diversos corpos caídos ali. No interior as pistolas imensas rugiam sem interrupções e os vinte e tantos mexicanos do lugar estavam esparramados em

todas as posições retalhados pela balas em meio às cadeiras caídas e mesas com as lascas recém-arrancadas da madeira [...] Os sobreviventes tentavam ganhar a luz do dia pela porta afora e o primeiro a chegar topou com o juiz [...] mas o juiz [...] ergueu o homem pela cabeça. Ele o encostou contra a parede e sorriu para ele mas o homem começara a sangrar pelos ouvidos e o sangue escorria por entre os dedos do juiz e sobre as suas mãos e quando o juiz o soltou havia alguma coisa errada com sua cabeça e ele deslizou para o chão e não voltou a se erguer (McCarthy, 2020, p. 190).

A discussão histórica abordada neste subcapítulo, referente ao Tratado de Guadalupe Hidalgo, mencionou que através do tratado os mexicanos teriam a segurança de transitar entre os Estados Unidos e o México de forma segura: “Não haviam matado em público em uma cidade daquele porte” (McCarthy, 2020, p. 191). Os mercenários atacavam as cidades pequenas, esquecidas no meio do deserto e de difícil acesso para coletarem os escalpos. Eles fingiam ser boas pessoas nas cidades mais populosas porque sabiam que a repercussão do que fizessem nesses lugares seria maior. A citação supracitada reforça o pensamento de Patricia Nelson Limerick (1987) quanto às violações constantes e sucessivas do tratado assinado entre os dois países por parte dos estadunidenses. A violência contra os mexicanos da fronteira se estende conforme eles encontravam cidades remotas. Novamente, os mexicanos “um a um foram trucidados e escalpelados” (McCarthy, 2020, p. 192), tanto na história, quanto na do romance aqui analisado.

Os mercenários foram expulsos de Chihuahua após o governo local descobrir que eles estavam pagando pelos escalpos dos seus conterrâneos. A fronteira da violência, tendo deixado sua herança em Chihuahua, avança para o Oeste. Os mercenários fecham um novo contrato, agora com o estado de Sonora. Novamente, os métodos de “domesticação” da *Glanton Gang* seriam usados no deserto.

A narrativa prossegue descrevendo diferentes conflitos que a gangue tem no deserto contra os indígenas e o exército mexicano. Diversas descrições do deserto e da natureza das cidades de fronteira são feitas pelo narrador. As viagens dos mercenários são acompanhadas em situações climáticas extremas de calor e de frio. A fauna e flora da região desértica também são descritas. Nas áreas mais remotas a extremo Oeste, o narrador descreve a natureza virgem antes do contato do colonizador com ela. Quando os mercenários adentram essa natureza, Holden começa a abater pássaros e borboletas para registrá-los no seu livro científico.

O narrador, ao focar a narrativa em Glanton, nas muitas paradas e encontros esporádicos pelo deserto, começa a expor o pensamento de desterro do mercenário em relação aos mexicanos e as terras a sudoeste que um dia foram do México e dos indígenas:

Eram de outra nação, aqueles cavaleiros, e toda aquela terra ao sul de onde haviam se originado e quaisquer região a leste para onde se dirigiam eram-lhe destituídas de significado e tanto o solo como qualquer viandante nele pisando remotos e de substancialidade discutível (McCarthy, 2020, p. 256).

Os mercenários do romance de McCarthy, em alusão aos homens de fronteira de Turner, estavam destituindo os mexicanos e os indígenas de suas terras e, ao mesmo tempo, violando o tratado feito entre os dois países que dava a liberdade para os mexicanos transitarem pelas duas nações.

A análise sobre a fronteira é finalizada no romance de McCarthy juntamente com a chegada da *Glanton Gang* à costa Pacífica dos Estados Unidos e o fim dos mercenários após a morte de Glanton na balsa de Yuma. Conforme abordado na análise da violência sobre a fronteira no romance de McCarthy, a “civilização” que se estendeu até chegar à costa da Califórnia levou consigo a brutalidade, o individualismo, o preconceito e a imposição de uma ideologia associada à destruição. A violência dos mercenários de McCarthy ultrapassou o egoísmo e o caráter nacionalista e

imperialista da fronteira de Turner. Em um último ato de violência da gangue, colonizadores estavam atacando-se entre si:

Glanton e seus homens passaram dois dias e noites nas ruas enlouquecidos pelo álcool. O sargento encarregado da pequena guarnição de tropas americanas os confrontou em um estabelecimento de bebidas no anoitecer do segundo dia e ele e os três homens que o acompanhavam foram espancados até perderem os sentidos e despojados de suas armas (McCarthy, 2020, p. 285).

Por fim, a morte de John Joel Glanton pelo chefe dos Yumas:

Caballo en Pelo subiu na cama de casal com ele e ficou ali enquanto um dos membros da delegação que o acompanhava lhe estendeu pelo lado direito um machado comum cujo cabo de cária era entalhado com motivos pagãos e rematado por uma borla de plumas de aves de rapina. Glanton cuspiu.

Anda logo seu negroide vermelho do inferno, disse e o velho ergueu o machado e partiu ao meio a cabeça de John Joel Glanton até a goela (McCarthy, 2020, p. 288).

O título do romance de Cormac McCarthy é a linha traçada da violência que está reunida ao avanço histórico implacável dos colonizadores. O meridiano de sangue se estende através da fronteira e sobre a *wilderness* de um continente onde povos de diferentes etnias lutaram. No entanto, o meridiano de sangue dos colonizadores anglo-saxônicos possuía uma ideologia de supremacia racial e de destino predestinado e seus agentes foram os responsáveis pela regeneração deste pensamento conforme progrediram a linha traçado no meridiano 99. O “sangue” do título do romance de McCarthy aponta para os movimentos migratórios e imigratórios para o Oeste seguindo os rastros dos mercenários de Glanton. Ainda sobre a gangue, os contratos firmados com os estados de Chihuahua e de Sonora na fronteira com o México, e ficcionalizados por Cormac McCarthy, foram ocasionados pelo fato do governo federal dos Estados Unidos não conseguir “controlar”

o movimento dos indígenas dentro do seu território. Então, a solução encontrada foi exterminá-los, porém em terras estrangeiras para que algum tipo de culpa recaísse sobre o país vizinho ao sul. Por fim, a metáfora do título do romance compreende as principais ações da narrativa, isto é, homens que atravessam o limite de sangue e o deixa ainda mais sangrento através do comércio feito de seres humanos mortos.

A violência dos homens de fronteira não recaiu apenas contra os seres humanos. O meio ambiente também foi vítima do “progresso” da fronteira e de seus colonizadores. Dessa forma, o terceiro capítulo deste livro será direcionado para a análise topocídica do *wilderness* na obra de Cormac McCarthy. Sob um ponto de vista político, a violência retratada no romance foi uma ferramenta de “domesticação” espacial utilizada pelo governo dos Estados Unidos para obter o controle social sob os povos indígenas e mexicanos e também territorial.

CAPÍTULO III
O QUE ACONTECEU COM O
OESTE? O TOPOCÍDIO DO
***WILDERNESS* E O ESPAÇO**
POLÍTICO EM *MERIDIANO DE*
SANGUE

3.1. A violência contra a natureza: o topocídio do *wilderness*

Nunca duvidei que Deus estivesse do lado deles no esforço de destruir o wilderness.⁷¹

Roderick Frazier Nash – *Wilderness and the American Mind*

A marcha progressiva para as regiões do Oeste foi impulsionada pelos projetos considerados promissores e democráticos de Andrew Jackson. Dentre os projetos ambiciosos do antigo presidente estadunidense está o fortalecimento do *Destino Manifesto*, por meio da promoção e ampliação da campanha para o Oeste, removendo os indígenas em larga escala e destruindo a natureza. Os colonizadores munidos de um impulso guerreiro e com o apoio de “Deus”, acreditavam que havia uma missão a ser cumprida: “a manutenção da ordem e do território honrado, dentro dos padrões civilizados republicanos e não pagãos” (Santos, 2017, p. 99).

Civilização está, em seu significado cristalizado e europeizado, na completa oposição à ideia de “selvageria” ou “barbarismo”, sendo estes comportamentos típicos do mundo do *wilderness*. Assim, explica Raymond Williams (2014, p. 57), civilização potencializa a ideia de “uma ordem social ou modo de vida adquirido”, o que em si denota um problema: “o sentido de um estado adquirido ainda tem força suficiente para conservar alguma qualidade normativa”, e a palavra “civilização” tende a ser vista como algo que se pode perder ou conquistar. No século XVIII, por exemplo, ela expressava “o sentido de processo histórico, mas

⁷¹ Never doubted that God was on their side in their effort to destroy the wilderness.

também celebrava o sentido associado de modernidade: uma condição adquirida de refinamento e ordem”.

No pensamento estadunidense, a palavra civilização (explicada a partir de uma concepção europeia) parece que rivaliza com o termo “*wilderness*”, cuja tradução livre pode significar “terra selvagem”. Esta palavra apresenta dificuldade quanto ao seu sentido, uma “concretude enganosa” porque, apesar de ser um substantivo, atua também como adjetivo, pois não há nenhum objeto material específico que seja *wilderness*. Para Roderick Frazier Nash (2014, p. 1), a palavra designa uma dualidade, que produz uma certa disposição ou sentimento em determinado indivíduo, e como consequência pode ser atribuída por uma pessoa a um lugar específico. Em outras palavras, ela apresenta subjetividade quanto à sua semântica, daí que uma definição universalmente aceita da palavra é problemática, pois aquilo que seria *wilderness* para uma pessoa poderia não ser para outra.

O termo *wilderness* tem um sentido mais amplo em português: Vera Ribeiro, que traduziu *Ecocrítica* (2006), de Greg Gerrad, menciona na página 80, em nota de rodapé, outros equivalentes na nossa língua: “mundo natural, natureza inculta/selvagem/virgem, selva, sertão, mundo selvagem, agreste, região inculta/agreste, terra virgem, indômita ou inculta, e ainda ermo e deserto” (apud Frota, 2019, p. 127). Nesta análise, o termo original *wilderness*, além da tradução “natureza selvagem” ou “lugar selvagem” será utilizada.

Frederick Jackson Turner referia-se ao Oeste como uma terra primitiva que precisaria ser conquistada e civilizada. A fronteira seria o ponto de encontro entre o civilizado Leste e o selvagem Oeste. Ainda aludindo a *Tese da Fronteira*, com o avanço dos colonizadores europeus, a fronteira se estenderia e, conseqüentemente, a civilização. A ideia de agrarianismo, isto é, a natureza transformada e habitada, basilar para a identidade nacional do estadunidense, encontra seu limite no *wilderness*. Dessa forma, com o auxílio das artes, as representações da natureza, dos

seus elementos e de um desbravador começaram a fazer parte do imaginário dos Estados Unidos.

Os colonizadores passaram a acreditar na proposta de se habitar um novo jardim do Éden nas terras do Oeste e reconstruí-lo a partir das bases de uma civilização cristã e organizada, seguindo os padrões de democracia e de liberdade, idealizados pelo *Destino Manifesto* e almejados, principalmente, por Andrew Jackson. No entanto, ocupar o Oeste, colonizá-lo, arar a terra, matar búfalos, explodir rochas, dizimar indígenas e destruir a natureza foram ações praticadas por esses colonizadores e que não condizem com o conceito de civilizado cristalizado por eles.

Reportando ao romance *Meridiano de Sangue*, é perceptível que a relação entre homem e natureza é topocídica. As três partes da obra de Cormac McCarthy apresentam violência contra a natureza e os seus elementos durante a marcha de kid e dos mercenários da *Glanton Gang* para a costa Pacífica dos Estados Unidos. Contudo, ao contrário de McCarthy, outros artistas imaginavam o processo de invasão do Oeste de forma romantizada. É o caso do quadro *Emigração de Boone* ou *Daniel Boone Acompanhando Colonizadores Através da Garganta Cumberland*, de George Caleb Bingham.

Figura 5: *Daniel Boone Escoting Settlers through the Cumberland Gap*, George Caleb Bingham



Fonte: Milner, Clyde A.; O'Connor, Carol A.; Sandweiss, Martha A. *The Oxford History of the American West*. New York: University of Oxford Press, 1996. p. 131.

No meio da pintura, observa-se um grupo de pessoas liderados por Daniel Boone. A vestimenta dele nos parece ser de couro com tons de marrom e ele está portando uma espingarda repousada em seu ombro, segurando as rédeas do cavalo branco e marchando em direção ao Oeste. Sentada sobre o cavalo, acima de Boone, está a figura de uma mulher semelhante a Virgem Maria, com a cabeça e o corpo cobertos por uma capa ou manto acinzentado. A mulher aparenta ter uma idade madura. A expressão dela é pensativa e, talvez triste, olhando vagamente para baixo. O rosto de Boone é de alguém decidido a cumprir algum tipo de missão. Atrás do casal, nota-se a representação de outras figuras do grupo. Uma garota com um gorro branco, um homem mais velho olhando para um jovem, talvez seu filho, que caminha ao

lado dele e um homem ao fundo segurando um chicote e dando a entender que estava batendo em algum animal. O grupo está cercado pela passagem de montanhas e pelo céu tempestuoso. No fundo, uma solitária ave voa no céu mais calmo a leste. O grupo atravessa o *wilderness*, envolvidos por árvores destruídas, dando a impressão de que, diante de toda ordem e silêncio do grupo, eclodiu uma violenta força que abriu passagem por entre as florestas e as montanhas. Por fim, a imagem do grupo destaca-se por uma luz, indicando-os como vencedores e integrantes do povo eleito por “Deus”. Ironicamente, este grupo de escolhidos estão armados para a “domesticação” e o assentamento da civilização no Oeste. Eles são peregrinos sem uma cruz ou nenhum outro apetrecho religioso para os protegerem, além de chicotes, espingardas e machados.

Conforme Richard Slotkin:

A pintura de George C. Bingham sobre Daniel Boone liderando os colonos através da Garganta Cumberland até Kentucky exemplifica a imagem fixa de Boone e os padrões de associações que se tornaram convencionalmente associados ao herói na primeira metade do século XIX. [...] A pintura de Bingham evoca as emoções tradicionalmente associadas à fronteira por referências visuais às várias correntes de conhecimentos sobre a fronteira e os homens de fronteira. Ele trata o problema do *wilderness* visualmente, reconciliando todas as ambivalências em um todo visual (2000, p. 468-469)⁷².

A “domesticação” do *wilderness* foi responsável pela criação do mito do herói do Oeste. Fisicamente, a natureza selvagem frustrou

⁷² George C. Bingham's painting of Daniel Boone leading the settlers through Cumberland Gap into Kentucky exemplifies the fixed image of Boone and the patterns of association that had become conventionally associated with the hero in the first fifty years of the nineteenth century. [...] Bingham's painting evokes the emotions traditionally associated with the frontier by visual references to the several streams or lore about the frontier and frontiersmen. He treats the problem of wilderness visually, reconciling all ambivalences into a visual whole.

a idealização do novo Éden projetada pelos colonizadores na América do Norte. Ao mesmo tempo, o significado de um lugar sombrio e assustador foi direcionado às florestas desconhecidas do Oeste. Como consequência do novo significado, os colonizadores

sentiram que lutavam contra o interior selvagem não apenas pela sobrevivência pessoal, mas em nome da nação, da raça e de Deus. Civilizar o Novo Mundo significava iluminar as trevas, ordenar o caos e transformar o mal em bem. Na [...] expansão para o Oeste, o wilderness era o vilão e o pioneiro, como herói, apreciava sua destruição (Nash, 2014, p. 24, grifo do autor) ⁷³.

O trecho destacado do livro *Wilderness and the American Mind*, de Roderick Frazier Nash (2014) menciona, em um primeiro momento, o “herói” do wilderness como apreciador da destruição. No entanto, conforme a leitura da obra, percebe-se que o autor posteriormente coloca o herói como o responsável pela destruição da natureza. Isso porque Nash (2014) introduz a ideia de paraíso edênico vislumbrado pelos colonizadores ao encontrarem o Oeste e da necessidade de adaptar aquelas terras às suas necessidades. Entretanto, conforme o autor (2014, p. 26) claramente o wilderness estadunidense não era o paraíso edênico, e se os colonizadores quisessem usufruir de um ambiente perfeito nos Estados Unidos, eles teriam que fazê-lo dominando uma região selvagem, segundo sua concepção.

Os elementos que compõem a natureza eram vistos como obstáculos para o avanço da fronteira e dos colonizadores em direção ao interior do país. “Elementos” significam a fauna da região e os indígenas que faziam moradia no wilderness. O projeto de remoção indígena de Andrew Jackson, devastou não somente os

⁷³ Sensed that they battled wild country not only for personal survivor but in the name of nation, race, and God. Civilizing the New World meant enlightening darkness, ordering chaos, and changing evil into good. In the [...] westward expansion, wilderness was the villain, and the pioneer, as hero, relished its destruction.

vários povos do Oeste, mas também a natureza. A democracia da violência, guiada pelo ideal de predestinação, dizimou a fauna e a flora dos Estados Unidos e deixou seus rastros, principalmente pelas regiões áridas do país. Nas palavras de Nash “os colonos se viam como [...] Soldados de Cristo em uma guerra contra a selvageria” (2014, p. 37)⁷⁴. É preciso reforçar que a selvageria praticada nos diferentes ambientes, considerados *wilderness*, era praticada pelos próprios colonos.

O *wilderness* era retratado pelos colonizadores como um lugar hostil e inóspito, cuja intenção era enfatizar e enaltecer os feitos e as histórias dos homens de fronteira que desbravavam a natureza selvagem. Contudo, Nash (2014, p. 41) argumenta que o “pioneiro” do século XIX estava interessado na progressão para o Oeste com a finalidade de conquistar bens materiais para regenerar sua fortuna e conseguir sua ascensão social.

O autor, em referência a Andrew Jackson, cita um argumento feito pelo antigo presidente quanto ao “progresso” proposto pelo seu governo “que um bom homem preferiria [...] à nossa extensa República repleta de cidades, vilas e fazendas prósperas, embelezadas com todas as melhorias que a arte pode conceber ou a indústria executar” (Nash, 2014, p. 41)⁷⁵. Através das palavras de Jackson, para que este tipo de progressão material da fronteira Oeste pudesse continuar, o *wilderness* era um dos principais obstáculos a ser superado.

Além disso, o homem de fronteira ainda acreditava que o *wilderness* precisava substituir suas raízes pagãs e ser doutrinado de acordo com seu preceito religioso. Dessa forma,

no início do século XIX, os nacionalistas americanos começaram a entender que era na natureza selvagem que seu país era incomparável. [...] O *wilderness* era o meio pelo qual Deus falava com

⁷⁴ Colonists saw themselves as [...] Soldiers Christ in a war against wildness.

⁷⁵ Good man would prefer [...] to our extensive Republic, studded with cities, towns, and prosperous farms, embellished with all the improvements which art can devise or industry execute.

mais clareza, os Estados Unidos tinham uma vantagem moral distinta sobre a Europa, onde séculos de civilização depositaram uma camada de artificialidade sobre Suas obras. A mesma lógica funcionou para convencer os americanos de que, devido às qualidades estéticas e inspiradoras do *wilderness*, eles estavam destinados à excelência artística e literária (Nash, 2014, p. 69)⁷⁶.

O trecho retirado do livro de Nash refere-se ao movimento romântico direcionado ao *wilderness* dos Estados Unidos e prolonga-se no texto do teórico até os capítulos referentes à preservação da natureza, onde os ambientalistas e estudiosos recorriam às artes, e em especial às literaturas, para defenderem o meio ambiente. Em recorrência a destruição do *wilderness*, Nash (2014) reúne discussões teóricas e artísticas para direcionar os desastres ambientais aos colonizadores: “O desmatamento das florestas nas bacias hidrográficas dos rios resultou em seca, inundação, erosão e mudanças climáticas desfavoráveis” (Nash, 2014, p. 105)⁷⁷.

A representação do *wilderness*, tanto no discurso artístico quanto político, foi e é usada como forma de dramatizar a destruição da natureza com o passar dos anos. Através do estudo feito em Nash (2014, p. 248), foi constatado que apenas dois por cento da área dos Estados Unidos constitui o *wilderness* e os outros noventa e oito por cento foram devastados em prol do avanço da civilização e da tecnologia. A violência contra o *wilderness* nos Estados Unidos vem acontecendo desde as primeiras invasões puritanas e persiste até a contemporaneidade, mesmo com

⁷⁶ In the early nineteenth century American nationalists began to understand that it was in the wildness of its nature that their country was unmatched. [...] Wilderness was the medium through which God spoke most clearly, then America had a distinct moral advantage over Europe, where centuries of civilization had deposited a layer of artificiality over His works. The same logic worked to convince Americans that because of the aesthetic and inspirational qualities of wilderness they were destined for artistic and literary excellence.

⁷⁷ Clean cutting of the forests on the watershed of rivers resulted in drought, flood, erosion, and unfavorable climatic changes.

movimentos em defesa do meio ambiente surgidos na segunda metade do século XX no país:

O *wilderness* é um conceito inteiramente humano, uma invenção do homem civilizado. Objetos que compõem um *wilderness*, como animais selvagens, florestas virgens e até rios, podem ser vistos como tendo o direito de existir independentemente dos interesses do homem, mas é difícil usar a mesma lógica para um conceito que existe apenas na mente humana (Nash, 2014, p. 270)⁷⁸.

O homem “civilizado” mencionado na citação é o mesmo considerado por Turner a domesticar o Oeste. Ele e seus sucessores reduziram a natureza dos Estados Unidos a uma unidade mínima e o que aconteceria após a fronteira, principalmente com o *wilderness* e os seus elementos, parecia insignificante. Dessa forma, a discussão teórica sobre o *wilderness* é finalizada, parafraseando Roderick Frazier Nash. O teórico, nas páginas finais da sua obra, argumenta que as marcas da civilização deixaram suas heranças no *wilderness* e que a sua recuperação, se algum dia houver, será feita de forma lenta, pois as pequenas regiões que ainda possuem natureza estão superlotadas por invasores que a adaptaram de acordo com as suas necessidades (Nash, 2014, p. 341).

O *wilderness*, enquanto conceito humano, buscava idealizar um lugar desconhecido aos preceitos bíblicos dos colonizadores de uma região sagrada para um povo predestinado. O processo de ocupação do Oeste, intensificado a partir do século XIX, encontra no discurso político-ideológico do *Destino Manifesto* força para prosseguir com o projeto imperialista de expansão territorial dos Estados Unidos.

Os colonizadores, ao longo dos anos 1830 e 1840, deslocaram-se em grandes hordas migratórias para além da fronteira

⁷⁸ Wilderness is an entirely human concept, an invention of civilized man. Objects that compose a wilderness, such as wild animals, virgin forests, even rivers, might be thought of as having rights to exist independent of man's interests, but it is difficult to use the same logic for a concept that exists solely in the human mind.

demarcada no meridiano 99 e ocuparam territórios indígenas e mexicanos. Assim, conforme eles avançavam para o extremo Oeste, a crença na sua fé de superioridade racial e no seu destino glorioso, intensificou-se: “Rapidamente, desenvolveu-se a ideia de que era o ‘manifesto destino’ dessas instituições espalhar-se por todos os vastos, escassamente povoados e mal defendidos territórios situados entre o vale do Mississipi e o oceano Pacífico” (Sellers; Mayo; McMillen, 1990, p. 166).

A expansão territorial em direção ao Oeste era então a efetivação do *Destino Manifesto*. Baseados nessa ideologia, os estadunidenses anexaram o estado do Texas a União (1845) e impulsionaram a guerra contra o México (1848) com a intenção de adquirir o estado da Califórnia e controlar os portos da costa Pacífica. Ainda sobre o manifesto, essa ideologia tonificou a individualidade histórica dos Estados Unidos e um suposto diferencial que eles teriam em relação às outras nações, principalmente as europeias. É nesta contradição em relação aos europeus que é possível compreender a violência incontrolável em *Meridiano de Sangue*. Se pensarmos que os colonizadores europeus eram os responsáveis pela expansão da fronteira e ela a única forma de “americanização” no século XIX, logo as raízes fundadoras da sociedade estadunidense, conforme a discussão dos eventos históricos feita até aqui, foram regradadas através do uso de violência extrema. Assim, os atos de violência praticados pelos grupos de anglo-saxônicos no romance de McCarthy tinham um propósito político-ideológico.

A conexão por terra entre os oceanos Atlântico e Pacífico já estava concluída em 1850, porém a área além da fronteira não estava vazia. Além dos indígenas e dos mexicanos, existia uma vasta natureza com diferentes características que direcionava o caminho até o fim do Oeste estadunidense. O avanço da tecnologia e da “civilização”, durante a segunda metade do século XIX, fez surgir um novo tipo de democracia nos Estados Unidos baseada na distribuição quase gratuita de terras no Oeste para as famílias de migrantes. Deste modo, esse novo modelo de democracia agrária adotado pelas famílias na

fronteira foi um importante mecanismo da efetivação do individualismo e da igualdade entre essas famílias.

A experiência de fronteira das famílias de migrantes ajudou a redefinir a teoria e a prática da democracia social nos Estados Unidos, pois, no Oeste, dois conceitos básicos adquiriram um novo significado. O primeiro era o individualismo do homem de fronteira e o segundo era a crença de que todos os homens eram iguais. Sobre o primeiro conceito, aparentemente, a fronteira era inadequada para o individualista. A conformidade e a cooperação dos grupos eram essenciais para a construção de casas, a colheita e as outras múltiplas tarefas do homem do campo.

O conceito seguinte para a democracia social da fronteira era a fé na teoria de que todos os homens eram iguais (excluindo negros, indígenas e mexicanos que disputavam o avanço a Oeste contra os anglo-saxônicos). A fé era visivelmente notada por qualquer visitante na fronteira. Os conceitos e as atitudes das famílias de fronteira são a crença duradoura na possibilidade de mobilidade ascendente para todos aqueles que são dignos disso (Woodward, 1997, p. 87). Estes crentes do *Destino Manifesto* sustentam a ideia de que todo homem de habilidade comprovada certamente terá sua ascensão social direcionada ao sucesso e que nenhuma outra classe social ou raça impedirá o seu progresso. Essa é a essência do *American Dream* (*Sonho Americano*). Os estadunidenses acreditam em uma única classe social e a inevitável progressão dos pobres à riqueza para todos aqueles que a merecem (Woodward, 1997, p. 92-93). Sobre o *Sonho Americano*, o professor Lajosy Silva (2015) acrescenta que

esse conceito é também oriundo de um pensamento calcado na teologia da prosperidade, quando o sonho de sucesso pode se tornar real se for respeitado um contrato entre homens e Deus a partir de um conceito de fé e recompensa, trabalho árduo, respeito às leis cristãs, valorização da família tradicional. O empoderamento pessoal prevê que há uma ligação entre o homem e Deus, constituído na fé de que o reconhecimento do Paraíso estaria na terra, visto que o

homem deve respeitar a responsabilidade financeira que garantiria o bem estar e a ascensão social. Essa ideologia travestida de sonho atrai inúmeros imigrantes e desperta o sentimento de que tudo é possível, desde que esse contrato seja respeitado (Silva, 2015, p. 11).

Faz-se necessário salientar que o *Sonho Americano* é uma ideologia direcionada e centralizada no homem e sua ascensão social, enquanto que o *Destino Manifesto* foi o que impulsionou a invasão e expansão territorial no Oeste. O que os dois têm em comum são as constantes menções em discursos políticos conservadores na intenção de resgatar a história convencional do país e propor novos projetos imperialistas, excludentes e racistas. Reportando novamente ao *Destino Manifesto*, ele

consistia no otimismo juvenil da época que ainda inspirava as mentes de muitos norte-americanos com a ideia de que esta república, tendo a missão de portar a bandeira da liberdade sobre todo o mundo civilizado, pudesse transformar qualquer país, habitado por qualquer tipo de população, em algo como ele mesmo, simplesmente estendendo-se sobre ele o encanto mágico de suas instituições políticas. Tais sentimentos haviam sido fortalecidos pelos movimentos revolucionários de 1848 na Europa, que convidavam a uma comparação entre as condições americanas e europeias, e estimulavam no americano o sentimento de superioridade assegurada, bem como de generosa solidariedade com outras nações menos favorecidas (Inge, 2001, p. 26)⁷⁹.

⁷⁹ It consisted in the youthful optimism at that time still inspiring the minds of many Americans with the idea that this republic being charged with the mission of bearing the banner of freedom over the whole civilized world, could transform any country, inhabited by any kind of population, into something like itself simply by extending over it the magic charm of its political institutions. Such sentiments had been strengthened by the revolutionary movements of 1848 in Europe, which invited a comparison between American and European conditions, and stimulated in the American the feeling of assured superiority, as well as of generous sympathy with other less-favored nations.

O narrador de *Meridiano de Sangue* é claramente irônico sobre os episódios da era Jacksoniana e sobre a crença do *Destino Manifesto*. Por mais contraditória que pareça, a selvageria resultante das lutas entre indígenas e brancos no Oeste não foi fruto de pura loucura. As contratações governamentais em prol da superioridade diante das demais raças dentro do *wilderness* eram pensadas e muito comemoradas quando os objetivos eram atingidos. A ironia também gira em torno do papel do homem de fronteira, acreditado ser o responsável por levar a civilização para aquelas áreas. O que está perceptível em *Meridiano de Sangue* é que as personagens anglo-saxônicas pareciam acreditar no *Destino Manifesto* e pareciam acreditar também que não estavam desapropriando os indígenas ou mexicanos de seus lugares, mas sim salvando-os de si mesmo e de todas as suas crenças consideradas pagãs. As personagens de McCarthy vão até o fim com esse projeto político de domesticação da fronteira em prol de interesses individuais, nacionalistas e políticos. O trabalho dos *scalp hunters* (caçadores de escalpos) “não era o de simples vaqueiros assassinos, pois eram missionários da civilização e da religião. Os resultados podem ser questionáveis, mas auxiliaram a moldar a terra tal como ela é” (Santos, 2017, p. 104). Os Estados Unidos foi construído a base de muita violência e propagação da barbárie contra qualquer tipo de vida existente além da fronteira da “civilização”: “A verdade é que ninguém viu o Éden; a desolação testemunhada por kid continua indefinidamente; os emissários de Deus, que desejavam estabelecer ordem e paz, trouxeram tochas, rifles e pistolas *Colts* apenas. A paisagem se desfigurava e se tornaria cada vez mais vermelha” (Santos, 2017, p. 104).

Assim, a área do *wilderness* seria o lugar ideal para essas atividades criminosas, uma vez que a terra, sob o olhar dos colonizadores, ainda era profana. Ressalta-se também a relação topocídica entre homem e espaço no romance de Cormac McCarthy. Topocídio é um tema abordado no livro *Topofolia*, do geógrafo chinês Yi Fu Tuan (1980) e aprofundado pelo geógrafo inglês John Douglas Porteous no seu ensaio *Topocide: the*

annihilation of a place (1988). Acerca dos estudos feitos pelos dois teóricos, o que interessa para esta análise é a definição de topocídio para prosseguir com o estudo da violência em *Meridiano de Sangue*.

Topocídio, sob a perspectiva de Tuan (1980, p. 36), é a eliminação do significado cultural de uma determinada paisagem atribuído por uma determinada sociedade, além de ser o caminho para a aniquilação de uma cultura. Porteous (1988, apud Amorin, 1996, p. 142), refere-se ao topocídio como um processo contínuo de degradação e aniquilação deliberada de lugares e paisagens naturais.

Será considerada as duas perspectivas para a análise da violência contra a natureza descrita no romance de Cormac McCarthy. Conforme Georg Guillemín, no segundo capítulo do seu livro *The Pastoral Vision of Cormac McCarthy*, “o ambiente dominante em *Meridiano de Sangue* é claramente o *wilderness* [...] que assombra a imaginação americana desde os tempos puritanos” (2004, p. 74)⁸⁰. Ainda com este crítico, a alegoria pastoral e o ideal agrário brevemente mencionados no início do romance são ignorados conforme Kid os abandonam e passa vivenciar o declínio das cidades de fronteira (2004, p. 75). A passagem a qual Guillemín refere-se é a seguinte:

Perambula [Kid] para oeste até Memphis, migrante solitário na paisagem plana e pastoral. Preto nos campos, magros e curvados, dedos como aranhas em meio aos casulos de algodão. Uma ensombrecida agonia no horto. Contra o declínio do sol silhuetas se movem ao crepúsculo letárgico através de um horizonte de papel. Um lavrador escuro e solitário atrás de mula e grade pelo aluvião encharcado de chuva rumo à noite (McCarthy, 2020, p. 9-10, grifos do autor).

A descrição acima é referente ao ideal agrário dos colonizadores estadunidenses. Kid perambula pelos campos e observa escravos e plantações. No entanto, a narrativa rapidamente

⁸⁰ The dominant environment in Blood Meridian is clearly wilderness. [...] that has haunted the American imagination since Puritan times.

prosegue para uma introdução do que kid, e outras personagens, encontrariam além da paisagem plana e pastoral, ou seja, além do que os colonizadores consideravam civilização ao chegar ao Texas:

Desembarcaram a bordo de uma barca, colonos e suas posses, todos examinando o baixo contorno do litoral, a fina angra de areia e pinheiros flutuando na neblina. [...] *Estradas de terra elevadas no pântano. Bando de garças brancas como velas por entre os musgos. O vento é cortante e folhas trotam à beira do caminho e desabalam pelos campos noturnos. [...] Vê um parricida sendo enforcado em uma aldeia* na encruzilhada e os amigos do homem correm e puxam suas pernas e ele pende morto da corda enquanto a urina escurece sua calça (McCarthy, 2020, p. 11, grifos do autor).

Essa é a primeira impressão que kid e o leitor tem do Oeste. Através da citação, nota-se que a “civilização” ainda não chegou nesta parte dos Estados Unidos. No Texas, e em outras áreas no romance, não existem mais campos para serem lavrados, mas pântanos rodeados de musgos, florestas intocadas e um vasto deserto. As “garças brancas como velas” são como uma metáfora da melancolia que o espaço desperta nos colonizadores, além de aludir a um possível velório da natureza e dos elementos que seriam mortos junto com ela, igual ao parricida da citação e que, posteriormente, serão os indígenas e os animais que compõem o *wilderness*. Contudo, é perceptível também que algum tipo de sociedade estava se instalando no Texas, ou que talvez já existisse antes da chegada de kid e dos demais colonizadores. Estradas foram abertas por entre a natureza, bem como uma aldeia fora instalada lá também.

Seguindo com Guillemín, o crítico ainda acrescenta que *Meridiano de Sangue* compromete-se a imaginar a natureza em sua completa materialidade, além dos termos antropocêntricos” (2004, p. 81)⁸¹. Em outras palavras, o *wilderness* retratado no romance

⁸¹ Blood Meridian undertakes to imagine nature in its sheer materiality, beyond anthropocentric terms.

sempre esteve a Oeste e quando os anglo-saxônicos adentram essa natureza, o narrador centraliza a narrativa no espaço, exceto em casos de brutalidade por parte dos colonos:

Observaram *tempestades* tão distantes que não podiam ser ouvidas, os *relâmpagos* silenciosos fulgurando distendidos na superfície do céu e a espinha negra e fina da *cadeia montanhosa* vibrando para então ser sugada de volta pela escuridão. Viram *cavalos selvagens* correndo na planície, martelando a própria sombra noite adentro e lançando à luz da lua uma poeira vaporosa como a mancha mais pálida de sua passagem (McCarthy, 2020, p. 53-54, grifos do autor).

A citação acima é uma de muitas descrições da natureza agindo por conta própria, isto é, sem a necessidade de alguém para moldá-la às suas necessidades. Nota-se na descrição fenômenos naturais como tempestades e relâmpagos que acabam revelando um conjunto de montanhas e cavalos selvagens que perambulavam em seu habitat natural. A presença humana no *wilderness* era uma ameaça. Na primeira viagem de kid pelo deserto,

lobos haviam aparecido para segui-los, grandes lobos cinzentos com olhos amarelos que marchavam lepidamente ou se agachavam sob o calor bruxuleante para observá-los na pausa da metade do dia. Em marcha outra vez. Trotando, andando ora furtivos, ora preguiçosos com os compridos focinhos junto ao chão. À noite seus olhos piscavam brilhavam além do halo das fogueiras e pela manhã quando os cavaleiros punham-se em movimento sob a escuridão fria podia ouvir os rosnados e estalos de suas bocas atrás de si conforme pilhavam o acampamento em busca de restos (McCarthy, 2020, p. 52).

Instintivamente essas criaturas os seguiam como predadores atrás de uma caça, esperando o melhor momento para atacar e ter seu alimento. Esse instinto, considerado selvagem, também foi utilizado pelo grupo de milícia do Capitão White, quando os milicianos abatiam antílopes e outras caças no deserto para consumo próprio, conforme descrição a seguir:

Nesses primeiros dias não viram caça alguma, nenhuma ave salvo *abutres*. Avistaram *rebanhos* distantes de *ovelhas e cabras* em movimento na linha do horizonte em meio a cachecóis de poeira e *comeram a carne de asnos selvagens abatidos na planície*. O sargento levava [...] um rifle Wesson. [...] Com essa arma *matou os pequenos porcos selvagens* do deserto e mais tarde quando começaram a encontrar bandos de *antilocapras* ele [...] matava esses animais enquanto pastavam a distância de oitocentos metros (McCarthy, 2020, p. 49-50, grifos do autor).

Dessa forma, começa a relação topocídica entre as personagens e o espaço no romance de Cormac McCarthy. Os abutres da descrição são como representantes da vida e da morte no deserto. Quando as carcaças de todos os animais mencionados na citação estiverem abandonadas no local, os abutres serão os últimos animais sobreviventes do *wilderness*. Assim, a representação da morte está interligada em concomitância com a vida. Por mais que a fauna do *wilderness* no Oeste seja extinta, haverá pessoas assassinadas ou não para servirem de alimento aos abutres. Um exemplo é a própria milícia do Capitão White que será dizimada pelos comanches e, posteriormente, as diferentes etnias indígenas e grupos de mexicanos assassinados pelos mercenários de Glanton.

É notório que nada se movia no deserto de *Meridiano de Sangue*, além de aves de rapina prontas para comerem a carne de qualquer errante que morresse dentro do *wilderness*. Está claro também que os marchantes encontrariam fauna e flora de acordo com o espaço no qual estavam. A vida no Oeste deveria seguir o fluxo normal dentro dos parâmetros naturais para o qual existe. Os animais do *wilderness*, bem como as populações de lá tinham o essencial para se manterem e não esperavam uma horda migrante de invasores que viriam para usurpar tudo o que lhes pertenciam. Após a cena com os comanches, os dois sobreviventes do grupo de White, kid e Sproule, continuam andando pelo deserto:

até penetrar na escuridão e dormiram como cachorros na areia e desse modo dormiam quando uma forma negra vinda do chão bateu

asas dentro da noite e pousou no peito de Sproule. A fina armação óssea dos dedos esticava as asas coriáceas com que se firmava para caminhar. Um focinho achatado e enrugado, pequeno e maligno, lábios arreganhados e franzidos em um sorriso terrível e dentes pálidos azulados sob a luz das estrelas. Curvou-se sobre a presa. Destramente abriu dois estreitos sulcos em seu pescoço e dobrando as asas em cima dele começou a beber seu sangue.

[...] O kid se levantara e pegara uma pedra mas o morcego pulou para longe e desapareceu na escuridão (McCarthy, 2020, p. 73-74).

O estranhamento da cena gira em torno da narração que é feita. O narrador possui uma ideologia WASP e essa característica fica clara quando ele menciona o aparecimento do morcego como uma forma negra vinda do chão e batendo asas noite adentro. A associação que o narrador faz do morcego talvez seja com algum tipo de demônio, se pensarmos que na religião cristã o inferno fica nas profundezas da terra, lugar de onde o animal supostamente saiu para atacar os agentes da paz. A reação de kid foi de tentar matar aquele que lhe era ameaçador e estranho, ou seja, o morcego.

A narrativa de *Meridiano de Sangue* associa selvageria e barbárie ao Oeste apenas quando grupos de pessoas, na sua maioria os colonizadores anglo-saxônicos, se encontram na região. A noção estereotipada de selvageria associada aos habitantes daquela região torna-se questionável e a pergunta que fica é: quem assustava quem nas regiões áridas do *wilderness*? A natureza assustava os colonizadores ou os colonizadores assustavam a natureza e os seus elementos? Acredito que a segunda opção seja a resposta que melhor dialoga com *Meridiano de Sangue*. Analisemos a seguinte descrição de um dos mercenários da gangue de Glanton:

Vandiemén's Land chamado Bathcat que viera para o oeste fugido da lei. Era natural do País de Gales e tinha apenas três dedos na mão direita e poucos dentes. [...] O colar de orelhas humanas que usava parecia uma fiada de figos secos. Era um homem grande e de aspecto cruel e tinha uma pálpebra caída onde uma faca seccionara os pequenos músculos e estava equipado com artigos de toda classe, do

mais fino ao mais ordinário. Usava botas de qualidade e carregava um elegante rifle com ornamentos de alpaca mas o rifle ia pendurado em um cano de bota cortado e sua camisa um farrapo e seu chapéu rançoso (McCarthy, 2020, p. 95).

Eram essas pessoas, segundo o romance *Meridiano de Sangue*, que se propunham a civilizar e se tornarem senhores do *wilderness*, conforme a historiografia oficial sobre a invasão do Oeste. Esses eram os escolhidos de Deus, segundo suas crenças embasadas no *Destino Manifesto*, para a terra prometida e das oportunidades, a terra da prosperidade e da concretização dos sonhos que vieram com eles atravessando o Atlântico. Logo, já se considerariam frutos da “americanização” praticada pela fronteira de Frederick Jackson Turner e utilizariam de um nacionalismo exacerbado para atender aos seus interesses individuais.

A progressão para o Oeste feita pelos mercenários de Glanton torna-se cada vez mais agressiva, conforme eles invadem os vilarejos indígenas e mexicanos:

Cavalgaram pelo acampamento índio saqueado no meio da manhã, as mantas enegrecidas de carnes dispostas sobre os arbustos ou penduradas em postes como uma roupa de lavanderia estranha e escura. Peles de veado estavam esticadas com estacas no chão e ossos brancos ou ocre jaziam esparramados pelas rochas num matadouro primitivo (McCarthy, 2020, p. 113).

As invasões dos mercenários às cidades e vilas no deserto eram feitas quando eles não conseguiam caça para se alimentar ou quando não queriam passar a noite no deserto com medo dos indígenas ou qualquer outro elemento considerado selvagem. Dessa forma, eles roubavam principalmente os mexicanos, após os matarem por não cederem às suas exigências. Então, os mercenários prosseguem pelo deserto:

Por toda tarde cavalgaram em fila única através das montanhas. Um pequeno gavião cinzento passou em voo rasante por eles como que

procurando o estandarte da companhia e então disparou pela planície abaixo com suas esguias asas falconídeas. Cavalgaram por cidades de *arenito* no crepúsculo desse dia, passando por castelos e torres e baluartes moldados pelo vento e por celeiros de pedra ao sol e à sombra. Cavalgaram através de *marga e terracota e fendas de xisto rico em cobre* e cavalgaram através de uma plataforma arborizada e saíram em um promontório dominando uma caldeira inóspita e desolada onde ficavam as ruínas abandonadas de Santa Rita del Cobre (McCarthy, 2020, p. 122, grifos do autor).

Além da descrição do *wilderness* em sua materialidade e plenitude, o narrador descreve as riquezas naturais da região desértica do Oeste. Coincidentemente, ou não, próxima a essas riquezas minerais os mercenários encontraram “escuros vultos de ferro do maquinário abandonado” de uma antiga mineradora barrada e destruída pelos apaches, quando eles “bloquearam as caravanas [...] e sitiaram os mineradores” (McCarthy, 2020, p. 123). O que entendemos das informações repassadas pelo narrador no caso de *Santa Rita del Cobre* é que uma mineradora foi aberta no território indígenas, o que acrescenta mais um indício de violência contra a natureza, e os apaches barraram essa destruição ambiental praticadas pelos colonizadores naquela região ocupando a cidade e abandonando-a, posteriormente por conta dos sucessivos ataques dos colonizadores.

Outro exemplo de riquezas naturais encontradas no *wilderness* pelos mercenários é o relato do padre Tobim, quando os mercenários estavam sem munição e eram perseguidos pelos apaches. Holden guiou os caçadores até o topo de uma montanha e

daí sentou e começou a descascar a rocha com uma faca. Um por um a gente foi chegando e ele ali sentado de costas praquele abismo e sem parar de raspar e gritou pra gente que fizesse a mesma coisa. Era enxofre. Um maná de enxofre em toda a borda da caldeira, amarelo brilhante e cintilando aqui e ali com os flocos pequenos de sílica mas na maior parte puro afloramento de enxofre. A gente lascou aquilo e moeu bem fino com as facas até juntar umas duas libras e então o juiz

pegou as sacolas e foi até uma cavidade na pedra e despejou o carvão e o nitro e remexeu com a mão e jogou o enxofre dentro (McCarthy, 2020, p. 140).

O que se segue na narrativa é outro massacre apache no romance. A natureza foi explorada para agir contra seus habitantes. No entanto, ela não agiu sozinha. Os recursos oferecidos pelo *wilderness* foram manipulados pelo conhecimento que Holden tinha sobre combinações químicas. A exploração da terra, que foi almejada e idealizada no projeto político do agrarianismo de Thomas Jefferson e Abraham Lincoln, e executada por Andrew Jackson, estava sendo utilizada com um propósito completamente diferente. Como ilustrado na citação acima, os mercenários claramente estavam preparando pólvora e munição com o intuito de abater os indígenas que os seguiam.

O topocídio contra o *wilderness* e seus elementos é uma constante em *Meridiano de Sangue*. O narrador do romance precisa se intercalar entre as descrições da natureza já existente e os sucessivos ataques dos saxões contra ela e seus elementos:

Seguiram cavalgando por uma escura floresta de abetos, os pequenos pôneis espanhóis aspirando o ar rarefeito, e bem ao anoitecer quando o cavalo de Glanton transpunha um tronco caído um urso esguio e castanho-dourado ergueu-se da baixada onde se alimentava do outro lado e os encarou com seus baços olhos suínos. [...] Glanton fez fogo. A bala acertou o peito do urso e o urso se curvou com um gemido estranho e agarrou o Delaware e o ergueu do cavalo. [...] Glanton engatilhou a pistola uma terceira vez quando o urso girou com o índio pendurado em sua boca como um boneco e o atropelou em um oceano de pelos cor de mel lambuzados de sangue tresandando a putrefação e ao odor subterrâneo da própria cintura. O tiro subiu e subiu, um pequeno caroço de metal varando o ar rumo aos longínquos cinturões de matéria movendo-se em muda ficção para oeste acima deles todos. Saraivadas de rifles soaram e a fera trotou horrivelmente floresta adentro com seu refém

e então sumiu nas profundezas escuras das árvores (McCarthy, 2020, p. 145-146).

Os personagens da citação supracitada são: o *wilderness*, o urso, o delaware morto e os mercenários. O urso estava se alimentando dentro da floresta e com a chegada dos mercenários sentiu-se intimidado por eles. Instintivamente, procurou se defender dos caçadores após ser atacado por Glanton. O urso, em forma de defesa, ataca um dos delawares e foge floresta adentro. Pela primeira vez na narrativa, os colonizadores não conseguem superar a natureza e o seu elemento considerado selvagem.

A relação topocídica é acentuada quando os mercenários invadem as cidades de fronteira e espalham violência contra a população. Em uma dessas cidades no deserto, os assassinos dizimaram a população.

Quando passaram por esse mesmo vilarejo quatro dias depois os mortos continuavam jogados nas ruas e os abutres e porcos se alimentavam deles. Os carnicheiros observaram em silêncio enquanto a companhia passava cuidadosamente como figurantes em um sonho. Quando o último membro do bando se foi voltaram a se alimentar (McCarthy, 2020, p. 192).

A atmosfera do romance é de morte e de violência. O deserto transitado pelos mercenários esconde cenas de assassinato e barbárie por conta da constante perseguição dos caçadores de escalpos aos indígenas e vice versa, uma vez que ambos estavam em guerra. Em uma de várias viagens da gangue pelo deserto, os assassinos são surpreendidos com o traço marcante da violência e o ambiente sombrio de morte:

Encontraram os batedores desaparecidos pendurados de cabeça para baixo pelas pernas nos galhos de uma paloverde enegrecida pelo fogo. Tinham os tendões dos calcanhares perfurados por agulhas afiadas de madeira verde e pendiam cinzentos e nus sobre as cinzas dos carvões extintos onde haviam sido assados até as cabeças ficarem

carbonizadas e os miolos ferverem dentro do crânio e o vapor sair assobiando por suas narinas. Suas línguas haviam sido puxadas para fora e trespassadas com paus afiados e esticadas e tiveram as orelhas arrancadas e seus torsos foram abertos com sílex até as entranhas ficarem penduradas em seus peitos (McCarthy, 2020, p. 238-239).

Diante de constantes ataques, os indígenas se defendiam como podiam dos seus agressores. A passagem narrada acima servia como uma forma de aviso aos invasores para se manterem distantes das suas terras e dos seus povos. Os povos da região desértica dos Estados Unidos com o México viam seus valores culturais e seu espaço habitacional destruídos pelos invasores. *Meridiano de Sangue* narra a relação destrutiva do homem com o espaço sob a ótica dos colonizadores, no caso os anglo-saxônicos. Assim, percebe-se o desprezo dos colonizadores com o espaço e o desespero dos povos do Oeste em manterem vivas as suas culturas, crenças e habitats.

Em síntese, a irônica subversão do Éden, almejada pelos colonizadores em *Meridiano de Sangue*, deixa mais problemas que soluções relacionadas aos homens considerados civilizados e agentes da paz. Os ideais do agrarianismo, da superioridade racial e da fé no homem e na sua ascensão social obtiveram certo êxito ao moldar os Estados Unidos como são. Entretanto, os meios que a fronteira e seus habitantes utilizaram para domesticar a desconhecida área do Oeste revela a essência desses pilares fundadores da sociedade estadunidense, isto é, uma democracia baseada na violência contra o que eles consideram minorias étnicas. A nação estadunidense nasceu repleta de promessas e mitos que influenciaram os colonizadores a adentrarem o *wilderness* e sentirem-se senhores daquelas terras. O que é perceptível com os estudos feitos até este ponto na nossa análise é a ironia das práticas brutais adotadas pelos mercenários comandados por Glanton e pela divindade perturbada do Juiz Holden. Contudo, nota-se que a violência adotada por essas personagens no romance de McCarthy não era fruto de insanidade mental. A violência adotada por eles foi uma forma política escolhida para domesticar e delimitar os

espaços que ainda eram habitados por mexicanos, negros e indígenas. Com o intuito de entender a progressão da democracia da violência em *Meridiano de Sangue*, a pesquisa enveredará para a análise deste tema político que foi utilizado como recurso de domesticação espacial do Oeste.

3.2. A violência como ferramenta política: a domesticação espacial no romance

Os homens de Deus e os homens de guerra guardam
estranhas afinidades.
Cormac McCarthy – Meridiano de Sangue

O aspecto central deste estudo é a domesticação espacial, analisada através da temática da violência das personagens na região de fronteira entre os Estados Unidos e o México. A interação violenta dos anglo-saxônicos contra os mexicanos, os indígenas e o *wilderness* ficcionalizada no romance de Cormac McCarthy foi e é um projeto político defendido e vendido pelo governo federal estadunidense. Levando em consideração a possibilidade de que o espaço é um construto humano, carregado de valores simbólicos pessoais e subjetivos, este subcapítulo considera analisar a construção e a domesticação espacial em *Meridiano de Sangue* sob um viés político. Por meio de discussões teóricas será possível questionar a “forma pacífica como os colonizadores avançaram em direção ao Oeste” (Avilla, 2005, p. 393) segundo a historiografia oficial do país. Da mesma forma, a teoria do espaço e da violência como ferramenta política ajudará a compreender os detalhes da violência utilizada pelo grupo de mercenários contratados para matar indígenas e mestiços durante o processo de “domesticação” e de expansão territorial praticada no romance de McCarthy em meados do século XIX.

O teórico francês Pierre Félix Bourdieu, no primeiro capítulo do seu livro *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*, ao referir-se à existência humana em um determinado espaço argumenta que

“existir em um espaço, ser um ponto, um indivíduo em um espaço é diferir, ser diferente” (1996, p. 23). Diante do exposto, o espaço é entendido como uma unidade material de ações humanas, onde seus elementos se diferem conforme a necessidade de cada época em que o indivíduo seja pertencente a esse espaço. Sobre espaço social e político, Edward Soja acrescenta que

o espaço social e político tornou-se cada vez mais reconhecido como uma força material (e não-material, isto é, ideológico) influente, ordenando e reordenando as próprias relações sociais produtivas. Longe de ser um reflexo passivo, incidental, um “espelho”, a espacialidade tornou-se ativa como uma estrutura concreta e repositório de contradições e conflitos, um campo de luta e estratégia política (1983, p. 28).

Analizando a citação de Soja (1983), e tendo em vista *Meridiano de Sangue*, entende-se que o espaço social e político no romance encontra-se na fronteira e, para que os projetos políticos dos Estados Unidos tenham prosseguimento, esses espaços se expandem pelas terras do Oeste com o intuito de ordenar e reordenar os sistemas sociais já existentes na região. Como forma de organização social na área do *wilderness*, a estratégia política adotada pelo governo foi a violência. É o que Pierre Bourdieu conceitua como “significativo opondo-se a insignificante” (1996, p. 23), ou seja, alguém que está inscrito em um espaço e o observa, estabelecendo diferenças entre os seus e aqueles a quem se acham superiores. O teórico francês prossegue com sua lógica sobre classes referente a um espaço social abstrato. Para ele, esse tipo de espaço

não se contenta em descrever o conjunto de realidades classificadas e sim, [...] vincula-se a propriedades determinadas que, por oposição às diferenças aparentes das más classificações, permitem prever as outras propriedades e distinguem e agrupam os agentes que mais se pareçam entre si e que sejam tão diferentes quanto possível dos integrantes de outras classes, vizinhas ou distantes (Bourdieu, 1996, p. 24).

Os planos imperialistas dos Estados Unidos, fundamentados na ideologia política do *Destino Manifesto* sobre a expansão territorial do Oeste, classificavam e discriminavam os povos que tinham características diferentes dos colonizadores de fronteira. Com isso, eles acreditavam que todas as demais raças eram inferiores e deviam obediência a eles. Aqueles que tentassem resistir eram brutalmente assassinados. O que é possível observar em *Meridiano de Sangue* é que os mercenários de Glanton não davam essa opção de resistência quando invadiam as cidades mexicanas na fronteira ou povoados indígenas. Com o propósito de coletar o maior número de escalpos, os caçadores matavam para pegarem suas recompensas junto aos governantes contratantes dos seus serviços. Nas palavras do professor Adolfo Frota, “o sujeito que transita pelo espaço é o artífice desse mesmo espaço, ele cria um sistema complexo de atributos que refletem fatores de ordem coletiva e também individual” (2013, p. 18).

A construção espacial desses sujeitos de fronteira nos Estados Unidos foi elaborada sob um viés de escalas sociais, no qual a nação estadunidense impera sobre as demais. Conforme os argumentos de Pierre Bourdieu, “a classe ‘real’ [...] é apenas a classe realizada, isto é, mobilizada, resultado da luta de classificações como luta propriamente simbólica (e política) para impor uma visão de mundo social ou, melhor, uma maneira de construí-la” (1996, p. 26). A crença no *Destino Manifesto* da nação estadunidense, mobilizou e guiou as diferentes classes dos homens de fronteira para impor e construir a visão ideológica de povo “predestinado”.

Maurice Merleau-Ponty (2006, p. 299-300) distingue dois tipos de espaços: “espaço geométrico (que é o lugar) e espaço antropológico (onde ocorre interação humana)”. A interação do sujeito com o outro trata-se então de um elemento importante para a composição do espaço: “O espaço antropológico possibilita a relação com o mundo, a inserção do homem em um meio que interage com outros homens” (Frota, 2013, p. 25). Maximizando os pensamentos de Merleau-Ponty (2006) e Frota (2013), e tendo em vista *Meridiano de Sangue*, o espaço geométrico é o Oeste, enquanto

que o espaço antropológico está relacionado a interação violenta entre as personagens saxônicas do romance de Cormac McCarthy contra o *wilderness* e seus elementos. Dessa forma, a inserção do homem de fronteira, em interação com o mundo e outros homens, é inteiramente devastadora tanto com a natureza, quanto com os habitantes do deserto.

Pierre Bourdieu, no ensaio *Espaço social e poder simbólico*, conceitua que “as interações [...] escondem as estruturas que se concretizam nelas. [...] Assim, esquece-se de que a verdade da interação nunca está inteira na interação tal como esta se oferece à observação” (Bourdieu, 2004, p. 153-154). Pensemos no tratado feito entre Estados Unidos e México após a guerra entre os dois países, quando os estadunidenses adquiriram uma considerável parte do território mexicano ao norte e na costa pacífica. Pois bem, existiu um tratado político que garantia o livre acesso dos mexicanos entre os dois países. Este trato ilustra bem o conceito de interação proposto por Bourdieu. Entretanto, não eram apenas os mexicanos que transitavam de um país a outro, havia os indígenas também. O que está escondido nessas interações com os mexicanos, tendo em vista *Meridiano de Sangue*, é a violação do tratado por parte do governo dos Estados Unidos. Mercenários e grupos de milícias eram contratados para abater não somente os indígenas, mas também os mexicanos também.

O teórico francês prossegue seu pensamento sobre o espaço e a interação certificando que “o espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida” (Bourdieu, 2004, p. 160). Esse espaço simbólico pode adquirir objetividade, através de ações individuais ou coletivas, com o intuito de fazer valer algo idealizado em realidade. Ainda nas palavras do teórico, “penso, por exemplo, nas manifestações que têm como objetivo tornar manifesto um grupo, seu número, sua força, sua coesão, fazê-lo existir visivelmente” (Bourdieu, 2004, p. 162). Foi o que aconteceu com os Estados Unidos, principalmente no século XIX. A ideologia do *Destino Manifesto* precisava sair do

imaginário estadunidense para se concretizar no espaço social da nação. A materialização desse ideal garantiria ao homem de fronteira sua superioridade aos demais: “A nomeação oficial, isto é, o ato pelo qual se outorga a alguém um título, uma qualificação socialmente reconhecida, é uma das manifestações mais típicas do monopólio da violência simbólica legítima, monopólio que pertence ao Estado” (Bourdieu, 2004, p. 164).

Analisemos os seguintes títulos e os respectivos nomes nas personagens de *Meridiano de Sangue*: Capitão White, Capitão John Joel Glanton e Juiz Holden. Os três carregam consigo interesses políticos e ideológicos contra os outros povos que habitam o Oeste. Com intuito integracionista e nacionalista, o Capitão White entra no Oeste em guerra contra os mexicanos e os indígenas e tem seu grupo de milícia extinto pelos comanches. O monopólio da violência do Estado se concretiza com o grupo de mercenários liderados por Capitão Glanton e Juiz Holden. Glanton lidera o morticínio contra os mesmos povos que White desprezava. Holden é o juiz que decide quem deve viver ou morrer em uma guerra que para ele é redentora. Os títulos oficiais associados às personagens de *Meridiano de Sangue* legitimam a violência imposta pelo governo estadunidense.

Pierre Bourdieu finaliza seu ensaio afirmando que

a classe (ou o povo, ou a nação, ou qualquer outra realidade social de outro modo inapreensível) existe se existem pessoas que possam dizer que elas são a classe, pelo simples fato de falarem publicamente, oficialmente, no lugar dela, e de serem reconhecidas como legitimadas para fazê-lo por pessoas que, desse modo, se reconhecem como membros da classe, do povo, da nação ou de qualquer outra realidade social que uma construção do mundo realista possa inventar ou impor (2004, p. 168).

O uso de um espaço e de seus elementos indica a condição humana e o viés político-ideológico dos indivíduos que pretendem dominá-lo. É o caso das motivações ideológicas do Juiz Holden. Conforme Jay Lee Ellis, no seu ensaio *Spatial Constraint and*

Characters Flight in McCarthy, “o conhecimento do juiz vai muito além do bem e do mal que depende que o leitor o condene como um demônio” (Ellis, 2006, p. 2-3)⁸², pois o juiz acredita que seus atos de violência são dignos e redentores.

Ainda sobre *Meridiano de Sangue*, Ellis (2006, p. 5) explica que o romance de McCarthy exige uma visão ampla, isto é, a criação e a domesticação do espaço estão além de uma reinterpretação geográfica, mas perpassa os problemas históricos que ajudaram a construir e a moldar os Estados Unidos.

O principal agente da propagação da barbárie e do ideal político-religioso no dito processo de “domesticação” do Oeste é o Juiz Holden. Através da narrativa de *Meridiano de Sangue*, Holden nos dá a impressão de que tem conhecimento variado sobre qualquer assunto envolvendo a existência humana, pois segundo ele “tudo que na criação existe sem meu conhecimento existe sem meu consentimento” (McCarthy, 2020, p. 204). Os segredos que o Oeste e o deserto escondem são seus principais temas de interesse. O juiz age de acordo com o que ele acha certo e destrói aquilo que não condiz com a sua ideologia político-religiosa.

Ellis (2006, p. 8) acrescenta que o tipo de filosofia proferida pelo juiz é sobre a ordem do universo, com os prazeres da guerra como um jogo onde apenas os dignos estão prontos para jogar. Conforme a narrativa de *Meridiano de Sangue* se desenvolve, nota-se que Holden dirige sua profecia indiretamente a kid, uma vez que este entrou para o bando de Glanton sem saber as motivações político-ideológicas que moviam os mercenários.

Por fim, Ellis associa as personagens do romance de Cormac McCarthy a *Tese da Fronteira* de Frederick Jackson Turner, destacando a ironia dos mitos propostos e resgatados na tese com a ficção de McCarthy:

⁸² The judge’s knowledge reaches so far beyond good and evil that it demands that the reader either condemn him as a devil.

O mito de Turner está vivo e forte para as personagens de McCarthy, enquanto que o romance sublinha o mito com ironia. Por fim, a obra de McCarthy incorpora tanto o mito da fuga para a fronteira quanto sua dissolução nas realidades da história (2006, p. 37)⁸³.

O mito de Turner é perceptível nas personagens de *Meridiano de Sangue*, bem como suas ironias. O termo ironia é pluralizado, pelo fato de que os “agentes da paz americanizados” na fronteira foram os principais responsáveis pela deliberação da barbárie e da violência no Oeste. Outra ironia está relacionada a uma suposta área livre dentro do *wilderness* e, como estudado anteriormente, inexistente. A tese de Turner teve a utilidade de acentuar os discursos políticos conservadores quanto à ideologia fundadora dos Estados Unidos. É a partir dessa ideologia da violência de domesticação espacial que se inicia a análise de recortes essenciais do romance de Cormac McCarthy.

O homem tem papel fundamental na construção do espaço. Sob a prática de projetos políticos imperialista e racialmente supremacistas, a fronteira que se estendeu pelo Oeste usou artifícios contestáveis para sua idealização no surgimento da nação estadunidense. Se pensar na interferência humana como fator fundamental para a transformação do espaço, “pode-se considerar que a ação do homem deixa marcas profundas. Assim, a modificação humana fica impressa no espaço” (Frota, 2013, p. 28). Iniciamos nossa análise com o eloquente discurso nacionalista e político do Capitão White para kid sobre uma possível demarcação e delimitação territorial entre Estados Unidos e México após invasão dos franceses no local, quando kid fora recrutado para seu grupo de milícia sem saber os planos políticos do seu país:

Já existem por volta de catorze mil colonos franceses no estado de Sonora. Ganharam terras de graça para ficar. Ganharam ferramentas

⁸³ The Turner myth is alive and powerful for McCarthy's characters even as the novel underlines the myth with irony. Ultimately, McCarthy's work embodies both the myth of flight into frontier and its dissolution into realities of history.

e gado. Mexicanos esclarecidos encorajam isso. [...] Preferem ser dominados por aqueles comedores de rãs do que por ladrões e imbecis. O coronel está pedindo a intervenção americana. E vai conseguir.

Bem agora estão formando em Washington uma comissão para vir para cá e fixar as linhas de fronteira entre nosso país e o México.

[...] Filho, [...] cabe a nós sermos os instrumentos de libertação em uma terra sombria e turbulenta. Isso mesmo. Somos a vanguarda do ataque (McCarthy, 2020, p. 47).

As fronteiras separatistas mencionadas pelo capitão não passam de fronteiras naturais. As únicas divisões territoriais materialmente perceptíveis nas perambulações pelo deserto são as cercas que envolvem as cidades abandonadas. Outro tipo de divisão geográfica são as fronteiras naturais mencionadas no romance, na sua maioria, na forma de rios. A fala de White também é o primeiro contato do leitor com os conflitos e tensões políticas entre os dois países.

A gangue de Glanton costumava perambular por vários dias pelo deserto e invadir cidades mexicanas e vilarejos indígenas. Ao adentrarem um antigo vilarejo, Holden é indagado sobre que tipo de índios viviam naquele lugar. O juiz responde com uma parábola de um antigo colonizador do Leste e que “gira em torno de identidade e raça e um senso bíblico de moralidade” (Ellis, 2006, p. 11)⁸⁴. O colonizador cometera assassinato contra outro homem branco que passara pela região. Ao final de sua vida, o colonizador:

Viveu para ver seu filho crescer e nunca mais fez mal algum a quem quer que fosse. Quando estava em seu leito de morte mandou chamar o rapaz e contou a ele o que fizera. E o filho disse que o perdoava se tal lhe competia fazê-lo e o velho disse que a ele competia fazê-lo e depois morreu.

Mas o rapaz não sentia pena pois tinha inveja do homem morto e antes de ir embora visitou aquele lugar e removeu as pedras e

⁸⁴ revolves around identity and race, and a biblical sense of morality.

espalhou os ossos e os espalhou pela floresta e então foi embora. Foi embora para o oeste e se tornou ele próprio um assassino de homens (McCarthy, 2020, p. 153).

A parábola contada por Holden é sobre um homem que tem sua identidade, teoricamente civilizada, transformada em selvagem. O juiz finaliza sua história com uma reflexão sobre a violência, que é uma característica da própria natureza humana, em uma interessante associação entre o comportamento humano e o comportamento selvagem. Esse instinto humano selvagem também pode ser associado às constantes comemorações dos escalpos arrancados pelos mercenários no deserto:

Centenas de moradores espremiavam-se em volta quando os escalpos secos foram contados sobre as pedras. Soldados com mosquetes mantinham a multidão para trás e as moças observavam os americanos com imensos olhos negros e garotos se aproximavam rastejando para tocar os troféus macabros. Havia cento e vinte e oito escalpos e oito cabeças e o lugar-tenente do governador e sua comitiva desceram para o pátio a fim de lhes dar as boas-vindas e admirar seu feito. Prometeram-lhes todo o pagamento em ouro a ser feito durante o jantar em sua homenagem (McCarthy, 2020, p. 178).

Nota-se que o negócio de escalpo era uma prática política adotada pelos governantes dos Estados Unidos, não apenas pela figura do governador e sua comitiva na citação, mas também pelas constantes citações de figuras importantes na história do país durante a celebração dos mercenários em um jantar comemorativo:

Brindes patrióticos foram erguidos, os ajudantes-de-ordens do governador erguendo suas taças a Washington e Franklin e os americanos respondendo com ainda mais heróis de seu próprio país, ignorantes igualmente de diplomacia e de qualquer nome no panteão de sua república irmã (McCarthy, 2020, p. 181).

A violência política continuava a ser utilizada pelos mercenários como recursos de controle espacial e social nas áreas

áridas do deserto do Oeste. Em outro momento de encontro com mexicanos e indígenas, os mercenários fizeram valer a sua essência:

Abatiam animais selvagens e tomavam o que necessitavam a título de comissão dos pueblos e estancias por onde passavam. [...] Pela manhã foram para o sul. Trocavam poucas palavras entre si, tampouco discutiam. Três dias depois cruzaram com um bando de pacíficos tiguas acampados na margem do rio e os massacraram até a última alma (McCarthy, 2020, p. 184).

As atitudes sanguinárias dos mercenários eram justificadas nas filosofias morais de redenção através da guerra proferidas pelo Juiz Holden:

A lei moral é uma invenção da humanidade para destituir de seus direitos os fortes em favor dos fracos. A lei da história a subverte a cada avanço. Um ponto de vista moral jamais se pode provar justo ou injusto por nenhum teste último. Ao tombar morto em duelo um homem não é visto como tendo demonstrado o erro de seus pontos de vista. Seu próprio envolvimento em tal prova fornece a evidência de um ponto de vista novo e mais amplo (McCarthy, 2020, p. 262).

A análise da violência, sob uma ótica política, se concretiza no romance através dos discursos das personagens, de suas atitudes e da crença do juiz de que a guerra é santa, redentora e fruto de Deus. A herança dessa guerra descabida contra os mexicanos e os indígenas deixaram rastros pelas terras do deserto que fazem parte dos Estados Unidos e do México. A civilização e a domesticação proposta pelos colonizadores na fronteira se mostraram como um morticínio contra raças que eles consideraram inferiores em prol de uma política imperial supremacista. Os agentes fundadores da democracia dos Estados Unidos usaram como principal recurso a violência para obterem controle geral sobre o espaço, os povos, suas crenças e suas culturas. Destruindo esses valores primordiais para o mantimento e a manutenção de um grupo social, os estadunidenses conseguiram obter êxito no dito *American Progress*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meridiano de Sangue ou O rubor crepuscular no Oeste é, sem dúvida, uma obra rica no aspecto cultural, autêntica e atual no que concerne ao tema da violência. O fato da narrativa de Cormac McCarthy ter como seu principal espaço o deserto ao norte do México e a sudoeste dos Estados Unidos, indica não apenas a pluralidade de povos e raças na região, mas também a riqueza cultural dos indígenas e dos mexicanos.

O romance tem como principal unidade temática a violência. Na primeira parte do livro, a personagem kid deixa o lado pastoral dos Estados Unidos para adentrar o lado desconhecido do seu país, isto é, o Oeste. Neste ponto da narrativa, a violência de kid não tem propósito até ele conhecer o Capitão White e sua comitiva milicianas que estava partindo para Sonora. É a partir da conversa entre os dois que começamos a ter conhecimento da dimensão do problema histórico abordado no romance. O Capitão White acredita que uma delimitação geográfica seria feita para separar Estados Unidos e México, ou seja, uma fronteira para isolar os estadunidenses do restante das Américas. Na segunda parte do livro, percebemos que o problema da expansão territorial em direção ao Oeste não era somente os mexicanos, mas principalmente os povos indígenas da região. Nesta parte da narrativa, kid se torna um mercenário e se junta a gangue de Glanton. Dos 23 capítulos que compõem o romance, 12 são dedicados aos atos violentos dos mercenários contra os indígenas e os mexicanos. A missão genocida patrocinada pelo governo federal dos Estados Unidos obteve êxito, pois a pesquisa histórica abordada neste trabalho apresentou dados comprovando a redução considerável de etnias no Oeste, sobretudo, no sudoeste do país. Na terceira e última parte do romance, percebemos que a violência propagada pelos mercenários era fruto de um projeto político cunhado em uma ideologia de divindade e superioridade racial revelado pelas histórias e metáforas proferidas pelo Juiz Holden.

A violência que se estendeu pelo deserto dos dois países, através dos mercenários da narrativa de Cormac McCarthy, afetou também a natureza que os colonizadores consideravam selvagem. Os rastros da relação topocídica entre homem e natureza eram evidentes em cada descrição feita do Oeste, como a macieira de bebês mortos, os assassinados na sacristia, o massacre apache nas montanhas, a crucificação de um apache no deserto de Sonora, os batedores de Glanton queimados juntamente a uma árvore e tantas mortes de animais mencionadas pelo narrador.

Patricia Nelson Limerick, ao organizar os estudos da *New Western History*, argumenta que o processo de colonização que os Estados Unidos passaram é semelhante com a colonização feita em outros países que receberam invasões europeias. Pensemos no processo de expansão territorial feito pelos portugueses no Brasil. A historiografia brasileira aponta para os bandeirantes como os primeiros a adentrar o interior, ou sertão, e expandir a civilização pelo país. O contato com os indígenas gerou conflito, escravidão e morticínio. Os bandeirantes eram motivados por interesses pessoais e suas atitudes eram semelhantes à dos mercenários de *Meridiano de Sangue*. É importante fazer este paralelo da história estadunidense com a história brasileira, pois há semelhanças no processo de colonização e expansão territorial entre os dois países. O movimento de revisão histórica da *New Western History*, liderado por Patricia Nelson Limerick e potencializado nos Estados Unidos na década de 1980, possibilitou novas interpretações para a história estadunidense através da literatura e das demais ramificações artísticas do país.

Frederick Jackson Turner e sua *Tese da Fronteira* influenciaram o imaginário da sociedade estadunidense por muitos anos. A visão imperialista, nacionalista e racista dela serviu de tema para discursos políticos conservadores, com o intuito de parar o fluxo migratório para o país, principalmente dos mexicanos. O romance *Meridiano de Sangue* está ambientado em meados do século XIX e as únicas fronteiras perceptíveis na região desértica entre Estados Unidos e México foram as fronteiras naturais. Em uma das várias

viagens que os mercenários fazem pelo deserto, Glanton está parado observando o horizonte ao norte dos Estados Unidos e percebe que a única diferença daquela região para o México são as medidas políticas adotadas para inibir a rotatividade de povos naquela área.

Após a candidatura de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, o tema da fronteira ganhou destaque novamente. Em uma atitude insensata e irresponsável dele e do seu governo, Trump prometeu construir um muro para dividir os dois países na mesma região onde há quase duzentos anos mercenários, mexicanos, indígenas e negros transitavam. Com a leitura de *Meridiano de Sangue* e com um breve conhecimento geográfico e cultural da região sudoeste dos Estados Unidos, é possível concluir que não é a construção de uma fronteira geográfica ou política que conseguirá causar qualquer tipo de modificação nas características e nas identidades daquela região. Aludindo mais uma vez a Patricia Nelson Limerick, o Oeste é uma região multiétnica e com pessoas de várias procedências.

Em síntese, a temática da violência abordada para investigar as categorias de análise propostas nesta pesquisa potencializa sua relevância no Brasil e nos Estados Unidos, por conta da onda conservadora que vem se alastrando nos governos dos dois países. No Brasil, a perseguição aos homossexuais, aos indígenas, as mulheres, aos negros, aos pobres e a qualquer outra minoria social tem se tonificado no atual governo. Licenças para desmatamento e destruição ambiental e para matar indígenas, maquiadas como exploração de recursos naturais, potencializaram-se em prol de uma política agrária, fundamentada em preceitos religiosos cristão. A regressão que vem acontecendo no Brasil é semelhante aos projetos políticos conservadores aplicados nos Estados Unidos no século XIX e ficcionalizados em *Meridiano de Sangue*. Contudo, a regressão se estende até o próprio Estados Unidos. O atual governo Trump reacendeu o ódio dos WASPs contra outras raças e gêneros no país, além de querer governar através de preceitos religiosos.

O romance revisionista de Cormac McCarthy aborda uma parte sensível dos pilares fundadores da construção da democracia dos Estados Unidos ocultada pela historiografia oficial do país para fins imperialistas e políticos. *Meridiano de Sangue*, além de refletir a violenta progressão para o Oeste estadunidense, desdobra sua relevância contra a violência moral e intelectual que vem sendo praticada no Brasil.

REFERÊNCIAS

Do autor

MCCARTHY, Cormac. *Meridiano de Sangue ou O Rubor Crepuscular no Oeste*. Tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2020.

Sobre o autor

ANDERSEN, Elisabeth. *On Blood Meridian*. In: _____. *The Mythos on Cormac McCarthy: A String in the Maze*. Tennessee: Lightning Source Inc., 2008. p. 88-111.

BLOOM, Harold. *Bloom's Modern Critical Views: Cormac McCarthy, New Edition*. New York: Bloom's Literary Criticism, 2009. p. 2-8.

ELLIS, Jay. *Spatial Constraint and Character Flight in McCarthy*. In: _____. *No Place for Home: Spatial Constraint and Character Flight in the Novels of Cormac McCarthy*. New York: Routledge, 2009. p. 1-37.

FRYE, Steven. *Understanding Cormac McCarthy*. South Carolina: University of South Carolina Press, 2009.

GUILLEMIN, Georg. "Optical Democracy": *Biocentrism in Blood Meridian (1985)*. In: _____. *The Pastoral Vision of Cormac McCarthy*. Texas: Texas A&M, 2004. p. 73-101

GREENWOOD, Willard P. *Blood Meridian*. In: _____. *Reading Cormac McCarthy*. Califórnia: Greenwood Press, 2009. p. 49-54.

LINCOLN, Kenneth. *Cormac McCarthy: American Canticles*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2009.

OWENS, Barclay. "What happens to country" in *Blood Meridian*. In: _____. *Cormac McCarthy's Western Novels*. Tucson: The University of Arizona Press, 2000.

SEPICH, John. *Notes on Blood Meridian: revised and expanded edition*. Texas: University of Texas Press, 2008.

SHAVIRO, Steven. *The Very Life of Darkness*. In: ARNOLD, Edwin T.; LUCE, Dianne C. (Ed.). *Perspectives on Cormac McCarthy*. Jackson: University of Mississippi Press, 1999. p. 145-158.

Sobre descrição, espaço e narratologia

BOURDIEU, Pierre. *Espaço social e espaço simbólico*. In: _____. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 13-34.

BOURDIEU, Pierre. *Espaço social e poder simbólico*. In: _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 149-168.

BAL, Mieke. *Description as Narration*. In: JOBLING, David (Ed.) *On Story-Telling. Essays in Narratology*. Califórnia: Polebridge Press, 1991. p. 109-144.

FROTA, Adolfo José de Souza. *Foco narrativo e (im)parcialidade nos contos da família Glass*. In: CAMARGO, Flávio Pereira; FRANCA, Vanessa Gomes. *Estudos sobre Literatura e Linguística: pesquisa e ensino*. 1 ed. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 17-40

_____, Adolfo José de Souza. *O Espaço da Melancolia na Trilogia da Fronteira, de Cormac McCarthy*. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Goiânia: UFG, 2013. p. 17-40.

GENETTE, Gérard. *Fronteiras da narrativa*. In: BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*. Tradução Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 265-284.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

LUKÁCS, Georg. *Narrar ou descrever*. In: _____. *Ensaios sobre literatura*. Tradução de Giesh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 47-99.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1974.

REIS, Carlos. LOPES, Ana. *Dicionário de narratologia*, 2001.

SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*, 1982.

SOJA, E. *Uma interpretação materialista da espacialidade*. In: BECKER, B.; HAESBAERT, R.; SILVEIRA, C. *Abordagens políticas da espacialidade*. Rio de Janeiro: UERJ, 1983.

Sobre fronteira, historiografia, Oeste e wilderness:

AVILLA, Arthur Lima de. "O Oeste historiográfico norte-americano: a *Frontier Thesis vs a New Western History*". Anos 90, Por Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 369-413, 2005.

BORGES, Rafael. *Como o Oeste se perdeu: representação e modernidade no Novo Western (1969-2012)*. Tese (Doutorado). Goiânia: UFG, 2015. p. 48-353.

BROWN, Richard Maxuell. *Violence*. In: Milner, Clyde A.; O'Connor, Carol A.; Sandweiss, Martha A. *The Oxford History of the American West*. New York: Oxford University Press, 1996. p. 193-426.

FROTA, Adolfo José de Souza. “Wilderness e o Oeste americano. Ecotivismo e busca de redenção na natureza em *Goodbye to a River* e *The Man Who Rode Midnight*”. *Contexto*, Vitória, n. 36, p. 124-145, 2019.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 2006.

INGE, M. Thomas. *A Nineteenth Century American Reader*. Washington: United States Information Agency, 2001.

JONES, Paul Christian. *Historical Romance*. In: FLORA, Joseph M.; MACKETHAN, Lucinda H.; TAYLOR, Todd. *The Companion to Southern Literature: themes, genres, places, people, movements, and motifs*. Louisiana: LSU Press, 2002. p. 334-339.

KNAUS, Paulo. *Oeste Americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004. p. 9-21.

LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest. The Unbroken Past of the American West*. New York: W. W. Norton & Company, 1987.

NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. New Have: Yale University Press, 2014.

ONLINE ETHIMOLOGY DICTIONARY. Disponível em <https://www.etymonline.com/search?q=border&ref=searchbar_searchhint>. Acesso em 10 de Julho de 2019.

ONLINE ETHIMOLOGY DICTIONARY. Disponível em <https://www.etymonline.com/search?q=frontier&ref=searchbar_searchhint>. Acesso em 10 de Julho de 2019.

SANTOS, Thiago Oliveira. *The Style of Our Age: estudo sobre três romances americanos contemporâneos*. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Goiânia: UFG, 2017. p. 74-129

SELLERS, Charles; MAY, Henry; MCMILLEN. *Uma reavaliação da História do Estados Unidos: de colônia a potência imperial*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 142-175

SILVA, Lajosy. *Releitura estética em Longe do Paraíso, de Todd Haynes*. In: _____. *Olhares*. São Paulo: Livrus, 2015. p. 9-32.

SLOTKIN, Richard. *Regeneration through Violence: the mythology of the American frontier 1600-1860*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2000.

TOFAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. p. 11-45.

TURNER, Frederick Jackson. *O problema do Oeste*. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Oeste Americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niteroi: EdUFF, 2004, p. 55-69.

_____, Frederick Jackson. *O significado da fronteira na história Americana*. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Oeste Americano; quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niteroi: EdUFF, 2004, p. 23-54.

WILLIAMS, Raymond. *Keywords. A Vocabulary of Culture and Society*. Nova York: Oxford University Press, 2014.

WOODWARD, C. Vann. *A Comparative Approach to American History*. New York: Oxford University Press, 1997. p. 81-96.

A violência no chamado “processo civilizatório” de expansão da fronteira Oeste dos Estados Unidos é tema central deste livro. A análise dessa temática foi estudada e desenvolvida no romance *Meridiano de sangue* ou *O rubor crepuscular no Oeste*, do escritor estadunidense Cormac McCarthy. Outros temas fundamentais da literatura western e de teoria narratológica também contribuíram como categorias de pesquisa e de análise para esta obra.